

A SITUAÇÃO NA URSS

«A Comissão Política manifesta a sua profunda preocupação designadamente face à violenta escalada antidemocrática contra os comunistas soviéticos (confisco dos bens, encerramento de sedes e jornais, acções de intolerância e perseguições) e a arrogante assunção de poderes pelos dirigentes da Federação Russa»

Da Nota da Comissão Política do CC do PCP de 26 de Agosto

Pág. 3

Por um Portugal melhor



Em Viana do Castelo foi caloroso o apoio à CDU e ao Partido, durante o comício com Carlos Carvalhas. Mas um pouco por todo o país o entusiasmo manifesta-se na pré-campanha. Álvaro Cunhal esteve em Santiago e Grândola. E o secretário-geral adjunto no Norte e Nordeste do país

Cavaco Silva dá razão ao PCP

O discurso de Faro «é como se Cavaco Silva reconhecesse a justeza das críticas do PCP à sua acção governativa» — Nota da Comissão Política/Pág. 3

XV FESTA
Avante!

**Falta
uma semana!**

Momentos culminantes de uma viragem na História

Vivemos momentos culminantes de uma mudança de fundo na história da humanidade.

É uma mudança que se processa em profundidades e formas diferentes à escala do globo, mas as que assumem maior relevância e mais directamente afectam e preocupam as forças da Democracia, da Paz e do Progresso Social no mundo são as que nos últimos tempos ocorreram em países que até há pouco configuravam o campo socialista mundial e com impacte particular as que nos dias actuais estão em curso na União Soviética.

Hoje o Comité Central do PCP vai reunir e fazer um primeiro exame, a nível plenário da sua Direcção colectiva, dos últimos acontecimentos, vai pronunciar-se sobre a situação actual e definir as tarefas políticas essenciais imediatas do Partido.

Ficaremos depois melhor apetrechados para enfrentar as novas situações e realidades, para travarmos com êxito e maior consciência das nossas responsabilidades a rude batalha política e eleitoral do dia 6 de Outubro, para entrevermos com maior clareza as rotas do futuro nos tempos imediatos e nos umbrais de uma nova época histórica da vida da humanidade que está em perspectiva.

Os acontecimentos últimos da União Soviética, pelas características excepcionais que revestem, são as que mais preocupam e mais suscitam as atenções dos comunistas, dos trabalhadores, de todos os portugueses progressistas.

O processo da «perestroika» - um «processo revolucionário», como foi considerado pelo PCP - intencionalmente apontado na sua concepção e nas suas realizações primordiais à correcção de graves erros, distorções, ilegalidades e abusos do Poder na edificação do Socialismo na URSS, um processo que tornou inicialmente possível notáveis avanços na via da democratização da sociedade soviética, da cooperação internacional, do desarmamento e da Paz, deve, na hora actual, considerar-se pelo menos frontalmente contrariado pelos acontecimentos.

Os comunistas e, estamos certos, numerosos outros democratas portugueses não podem deixar de ver com extrema apreensão o actual clima de histeria anticomunista, a actual escalada de gritantes violações da legalidade e da normalidade constitucionais acompanhadas de medidas arbitrárias contra o PCUS e de perse-

guições dos comunistas soviéticos que ensombram o rescaldo dos acontecimentos da última semana.

A substituição da heróica bandeira da Revolução pela bandeira do poder autocrático que ela apeou é um ultrage à memória dos milhões de soviéticos que, empunhando-a, deram a vida pela sua Pátria.

As graves alterações políticas de 19 de Agosto criaram uma grave situação interna, tornaram ainda mais problemáticas as saídas para a aguda crise política, económica e social da União Soviética (a que os 7 grandes do capitalismo mundial permaneceram insensíveis), agravou numa escala ainda imprevisível os factores contraditórios do processo.

O PCP saudou o regresso de Mikail Gorbachov à Presidência da URSS e formulou votos pelo rápido restabelecimento em todas as esferas da vida soviética da legalidade e normalidade constitucionais. Infelizmente os votos do PCP saíram frustrados.

Em Portugal, a menos de quinze dias da abertura oficial da campanha eleitoral para as legislativas de Outubro e a pouco mais de um mês das eleições, os comunistas portugueses, o seu Partido e a coligação em que se integram com outros partidos e democratas independentes - a CDU - tomam-se, a pretexto das graves ocorrências e alterações na União Soviética, no alvo de uma gigantesca operação política tendente a semear a descrença e a insegurança entre os comunistas e os seus aliados e a enfraquecer a sua força eleitoral.

Uma quase «santa aliança» tenta congraçar contra o PCP todos os seus detractores e adversários políticos de todos os matizes.

A «bala» está, porém, saindo pela «culatra».

Em vários círculos insuspeitos de ligação com os comunistas e principalmente entre a grande massa dos trabalhadores e dos democratas portugueses que se habituaram a ver no PCP uma força insubstituível da democracia portuguesa e um intemerrato defensor dos seus interesses, cresce a indignação contra esta insidiosa ofensiva, aumenta o isolamento dos elementos anticomunistas, a serena recusa do PCP de responder a ultimatos e exigências oportunistas ganha a crescente simpatia e o respeito de numerosos cidadãos.

Alguns dos «carbonários» do anticomunismo vão ao ponto de aconselharem a abstenção eleitoral dos comunistas, outros aconselham mesmo a que votem nas listas do PS, em alguns casos mais mórbidos che-

gam mesmo ao extremo de reclamarem ou preconizarem a dissolução do PCP!

É entretanto na sua vesga ofensiva nem uma palavra de solidariedade pelos comunistas soviéticos agora quase remetidos à ilegalidade e ao expurgo social, nem uma palavra de reprovação pelas medidas de excepção de que são vítimas.

Os comunistas portugueses, os seus amigos e aliados têm razões acrescidas para cerrar fileiras, para não se deixarem perturbar pelas campanhas de intoxicação política, para lhes darem com serenidade e determinação a resposta adequada. Simultaneamente reforçar e alargar as suas ligações com o povo.

Dispõem além disso de um capital de experiências, para destrincharem objectivamente o que mudou e perdeu valor e o que não somente permanece válido como adquiriu novas formas, novas expressões, nova qualidade.

Sim, muita coisa mudou ou está em vias de mudar, umas por efeito de factores negativos outras pelo desenvolvimento lógico da realidade objectiva, pelas alterações de qualidade na estrutura da produção e da sociedade.

Mas não mudou nem acabou, antes está em vias de agravar-se sob a pressão de uma pretensa «nova ordem internacional» hegemónica pelos Estados Unidos a divisiva entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, não desapareceu, antes se intensificou a exploração de classe dos trabalhadores apesar das sensíveis alterações da sua composição social, não se alterou antes se tem revelado em activas e novas conspirações contra a Paz a natureza agressiva do imperialismo.

É de decisiva importância que as eleições de 6 de Outubro exprimam a resposta convincente das massas populares à operação política, anticomunista na sua essência, que com o voto na CDU os portugueses eleitores contribuam para uma necessária mudança na política nacional para com o seu voto e a sua força anularem as resistências no seio do movimento democrático à criação de uma alternativa que desde já e nas eleições de 6 de Outubro coloque em minoria Cavaco Silva e a sua gente, dê a maioria às forças democráticas.

As novas e recentes medidas anti-sociais contra os trabalhadores promovidas ou inspiradas pela política do governo cavaquista (por exemplo, os despedimentos da Portline), os novos escândalos no processo das privatizações (como antecem a do BCI) reforçam as razões e o valor das orientações fundamentais do PCP, reforçam como uma irrecusável exigência política a necessidade do voto na CDU.



Falta uma semana para a festa do «Avante!», e um mês depois têm lugar as eleições para a AR. Tal como as outras forças, o PCP e os seus aliados na CDU intensificam o trabalho pré-eleitoral

RESUMO

21 Quarta-feira

O PCP afirma em comunicado que o «reassumir de funções por Gorbachov representa o termo de uma situação de excepção criada nos últimos dias e o restabelecimento da normalidade constitucional ao nível da chefia de Estado» ■ O Sindicato da Câmara de Lisboa acusa a vereação de «falta de diálogo» e reclama o pagamento aos bombeiros por trabalho até agora prestado e não pago ■ Acusando-as de colaborar no desmantelamento do país, o exército jugoslavo ameaça agir contra a Macedónia e a Bósnia ■ Joaquim Chissano é reinvestido no cargo de presidente da Frelimo.

22 Quinta-feira

A ponte internacional sobre o Guadiana abre ao trânsito sem inauguração oficial ■ A comissão parlamentar dá o primeiro passo para o apuramento de certas condições das obras do Centro Cultural de Belém ■ Pedro Grilo, condenado pelo assassinio do dirigente do PSR, José Carvalho, evade-se do Estabelecimento Prisional do Linho ■ Boris Ieltsin anuncia que a bandeira tricolor «vermelha-branca-azul» passa a ser a bandeira nacional da Rússia e assina um decreto que proíbe a actividade das células do Partido Comunista nas Forças Armadas; Gorbachov, por sua vez, em conferência de imprensa, afirma ter cometido um erro político ao nomear Guennadi Ianaiev para a vice-presidência da URSS ■ A Croácia ameaça tomar medidas mais enérgicas contra os sérvios.

23 Sexta-feira

Termina a greve dos pilotos que paralisou praticamente durante uma semana os portos portugueses ■ O presidente do PRD, Pedro Canavaro, afirma que o seu partido obteve uma primeira vitória ao apresentar candidatos a deputados em todos os círculos eleitorais ■ Mário Robalo, jornalista do «Expresso» recentemente regressado de Timor-Leste, denuncia a existência de uma rede de espionagem a actuar no nosso país ao serviço da Indonésia ■ O PCP divulga um comunicado em que critica Boris Ieltsin, acusando-o de violar a Constituição soviética ■ Gorbachov e Ieltsin assinam um acordo que torna possível a substituição mútua; é suspensa a publicação do «Pravda» e demitido o director da TASS.

24 Sábado

Álvaro Cunhal afirma em Santiago do Cacém que o «comunismo não morreu nem morrerá e o PCP continuará a ser um partido comunista» ■ Freitas do Amaral afirma em Oliveira do Hospital que uma nova maioria

absoluta do PSD seria pior do que a actual ■ Joaquim Chissano, em discurso proferido no encerramento do Congresso da Frelimo, acusa a Renamo de fazer «manobras dilatórias» ■ Gorbachov demite-se do PCUS e aconselha a autodissolução do partido.

25 Domingo

Cavaco Silva afirma num comício em Faro que as eleições de Outubro serão difíceis ■ Freitas do Amaral pede em Braga o voto útil no CDS ■ O PCP chama a atenção em comunicado para a «excepcional gravidade da evolução dos acontecimentos na URSS, com destaque para as medidas arbitrárias decididas contra o PCUS e de perseguição dos comunistas soviéticos» ■ O secretário norte-americano da Defesa garante que os EUA reconhecerão a independência das repúblicas bálticas ■ Helmut Kohl apela ao países ocidentais para que ajudem imediatamente a União Soviética.

26 Segunda-feira

Sem pormenores, a agência TASS anuncia que Nikolai Kruchina, chefe dos serviços administrativos do Comité Central do PCUS, se suicidou ■ Numa entrevista à televisão, o novo ministro da Defesa da URSS, general Evgueni Chapochnikov, manifesta a intenção de substituir 80 por cento dos comandos militares soviéticos ■ Guerrilheiros sérvios e tropas federais jugoslavas lançam uma ofensiva para tomarem Vakuvar ■ Dando início ao processo formal das eleições de 6 de Outubro em Portugal, o STAPE começou a enviar boletins de voto para a emigração ■ Sobem os preços do petróleo (preços de referência) em Nova Iorque ■ Para a União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa, a Câmara da capital deve repensar e alterar o projecto de encerrar definitivamente o parque de estacionamento do Terreiro do Paço.

27 Terça-feira

Os salários não deverão ser penalizados pelo facto de a inflação ser superior em 1991 à meta prevista pelo Governo ■ Terminam os «encontros de Cascais», promovidos pelo PS para discutir o programa de governo ■ Pacheco Pereira reclama o fim da coligação «Por Lisboa» ■ Mikhail Gorbachov ameaça demitir-se se não for assinado um tratado que assegure a preservação da URSS como uma união de estados soberanos ■ Os ministros dos Estrangeiros da CEE decidem em Bruxelas estabelecer relações diplomáticas com as repúblicas bálticas, ressalvando que tal não significa igual procedimento em relação a outras declarações de independência; os doze propõem ainda uma conferência para a paz na Jugoslávia.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA - Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47059. NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE'S Editorial Avante! - R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 67 01 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS - Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04

Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra - Telef. (039) 71 35 77

Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Composto e Impresso na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) - 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS - 50 números: 7.707\$50

ESPAÑA - 50 números: 7.090\$00

MACAU - 50 números: 11.140\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE - 50 números: 12.190\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) - 50 números: 13.350\$00

EXTRA-EUROPA - 50 números: 16.450\$00

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

DOCUMENTOS

Empenhar energias e esforços para a construção de uma alternativa democrática

A Comissão Política do CC do PCP, reunida em 26 de Agosto, procedeu à preparação da reunião do Comité Central do próximo dia 29, debateu a situação política nacional, a campanha eleitoral para a Assembleia da República, os trabalhos em curso com vista à Festa do «Avante!» e aprovou o seguinte comunicado:

1 Ao abrir em Faro a campanha eleitoral do PSD, Cavaco Silva não se mostrou muito confiante, pois, além de sublinhar a incerteza dos resultados, fugiu a apontar para o objectivo da maioria absoluta definido pelo Congresso do PSD e fixou-se na expressão vaga de «maioria clara».

Num discurso onde abundam todos os lugares-comuns da propaganda governamental, Cavaco Silva tentou renovar a oratória laranja juntando o slogan da «qualidade» ao slogan da «estabilidade».

É como se o Primeiro-Ministro reconhecesse finalmente que tem governado sem qualidade, quando agora proclama que a quantidade, só por si, não chega.

É como se Cavaco Silva reconhecesse a justeza das críticas do PCP à sua acção governativa, designadamente, quando se salienta que o crescimento que se tem verificado no país não equivale a verdadeiro desenvolvimento económico e social e que tem sido acompanhado do agravamento de desigualdades e de injustiças sociais.

Cavaco Silva reconhece implicitamente as críticas dos comunistas quando cita o ensino, a saúde, os transportes e o ambiente, como sectores onde é necessário melhorar a qualidade. Deveria juntar-lhes, como tem feito o PCP, a habitação, a segurança social, as reformas e pensões, a política de juventude, as condições de trabalho e de emprego, o acesso à justiça, a prevenção da droga, entre outras.

O quadro das carências e da falta de qualidade que se verifica naqueles sectores onde se decide da política de bem-estar dos portugueses faz cair por terra as apregoadas maravilhas e da falsa estabilidade apregoada pelo PSD.

A estabilidade governamental resultante da maioria absoluta obtida pelo PSD em 1987, não foi usada por Cavaco Silva e pelo seu Governo para melhorar as condições de vida dos portugueses. Foi usada sim, através de métodos autoritários e com recurso frequente ao abuso de poder, para acelerar o escandaloso processo das privatizações, a aprovação das múltiplas peças do pacote laboral, a destruição da Reforma Agrária e a concretização de outras abundantes medidas orientadas para a concentração da riqueza, o fomento de múltiplos privilégios e o agravamento ou manutenção de graves problemas sociais.

O PCP confia em que a grande maioria dos portugueses que têm sido vítimas da política de desestabilização promovida pelo PSD à sombra da longa duração do seu governo e têm lutado contra ele não hesite, no momento de votar, em o condenar com toda a severidade. O PCP e as outras forças democráticas podem não só oferecer aos portugueses a estabilidade política e governativa resultante do seu entendimento, como juntar-lhe a estabilidade social resultante da resolução dos problemas e injustiças sociais acumuladas.

2 Em coerência com tomadas de posição anteriores e com a participação que apresentou à Alta Autoridade para a Comunicação Social, o PCP regista a directiva por esta emitida acerca da elaboração e difusão de sondagens, designadamente na parte em que afirma que «a Alta Autoridade para a Comunicação Social constata que se têm verificado situações que indiciam deficiente interpretação do regime legal vigente»; em que «chama a atenção dos órgãos de comunicação social para a necessidade de cumprimento rigoroso da nova lei sobre sondagens e inquéritos de opinião relacionados com actos eleitorais, quer quanto às regras a observar, quer quanto ao cumprimento dos elementos obrigatoriamente constantes da ficha técnica»; e em que «alerta ainda para que os comentários e interpretações devem respeitar o significado dos resultados efectivamente obtidos pela sondagem».

O PCP sublinha, como particularmente importante na divulgação de sondagens que pretenda ser rigorosa, a apresentação com o devido relevo gráfico do carácter probabilístico dos resultados; a assunção de que se trata de um retrato de uma determinada situação, que pode mudar e em geral muda, e que não torne seguras previsões fundamentadas; e a consciência de que importa respeitar rigorosamente o sentido e limites dos dados fornecidos e não utilizá-los como forma de intervenção na formação do sentido de voto da opinião pública como por vezes ostensivamente acontece.

3 A Comissão Política, sem prejuízo da análise a que procederá o CC do PCP no próximo dia 29, manifesta a sua profunda preocupação designadamente face à violenta escalada antidemocrática,

ilegal e inconstitucional em curso na URSS, à ofensiva antidemocrática contra os comunistas soviéticos (confiscação dos bens, encerramento das sedes e jornais, acções de intolerância e perseguição) e a arrogante assunção de poderes pelos dirigentes da Federação Russa, que atingiu o ponto de Boris Ieltsin ameaçar fechar o Soviete Supremo caso não siga as suas orientações.

4 A Comissão Política apela para que os militantes do PCP e activistas da CDU, e todos democratas, empenhem esforços e energias na criação de condições para o afastamento da direita do poder e para a construção de uma alternativa democrática em Portugal, capaz de dar resposta às graves desigualdades e problemas acumulados em Portugal e de aprofundar a democracia política, económica, social e cultural.

5 A Comissão Política do PCP salienta a vasta participação e o empenhamento de militantes na Jornada de Trabalho, realizada no passado fim-de-semana, para a construção da Festa do «Avante!» deste ano, que, à beira do início da campanha eleitoral, certamente constituirá um importante testemunho e afirmação da confiança dos comunistas na sua luta e nos seus ideais.

Lisboa, 26 de Agosto de 1991

A Comissão Política
do Comité Central do PCP

SOBRE O ANÚNCIO DA «ESTRATÉGIA NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA»

Em face do anúncio da apresentação da «Estratégia Nacional de Conservação da Natureza» feito pelo ministro do Ambiente, o PCP emite desde já o seguinte comentário:

1. A apresentação deste documento corresponde ao reconhecimento de que ao longo de uma década, tempo em que esteve no Governo, o PSD não dispôs de uma política coerente de ambiente, o que se repercutiu em fenómenos como a deficiente política florestal, o ineficaz combate aos fogos florestais, a inexistente despoluição da orla marítima e dos rios, etc.

2. O PCP recorda, por outro lado, que a Lei de Bases do Ambiente publicada em Abril de 1987 obrigou o Governo a apresentar à Assembleia da República no prazo máximo de um ano a Estratégia Nacional de Conservação da Natureza. Ao longo dos anos, o PCP apresentou repetidos protestos e propostas contra a grave omissão do Governo para a sua superação.

O facto de o documento se apresentado nesta altura corresponde a uma dupla violação da lei: por um lado, ultrapassa-se em três anos o prazo fixado para a sua apresentação; por outro lado, não se apresenta o documento à Assembleia da República, para que esta proceda à sua discussão e aprovação.

3. A apresentação da «Estratégia Nacional» a pouco mais de um mês das eleições não deve, por isso, ser interpretada como uma demonstração da capacidade do PSD, mas sim como uma confissão do fracasso, do seu desprezo pela lei e pelo papel da Assembleia da República, e das omissões por que tem que responder perante o País nas próximas eleições para a Assembleia da República também na área do ambiente.

27 de Agosto de 1991

DOCUMENTOS

DESMENTIR A MANIPULAÇÃO... MANIPULANDO!

Coisa nunca vista, a Nota do Gabinete de Imprensa do Partido (que publicamos ao lado) teve honras (?) de tratamento e comentário televisivo no «Jornal de Domingo» do Canal 1, pilotado por Artur Albarran.

Foi um episódio verdadeiramente esclarecedor das concepções e métodos instalados nos principais serviços noticiosos da RTP.

Vamos por partes, porque também a Nota foi tratada por partes no «Jornal de Domingo», e cada uma destas merece algumas observações.

Com efeito o «Jornal de Domingo» começou por ler e transcrever graficamente o ponto 1 da Nota respeitante à situação na URSS.

Alguns problemas com isso? perguntará o leitor. Nenhum problema, respondemos nós.

O problema esteve em que aquelas linhas daquele ponto 1 foram introduzidas por A. Albarran como sendo uma posição do PCP contra «as reformas» na União Soviética!

A deturpação fica logo à vista se se tiver em conta que a Nota não fala de «reformas» mas de coisas bem menos suaves e bem mais brutais como, por exemplo, de perseguição anticomunista e violações da legalidade e da normalidade constitucionais.

Ora, precisamente antes de ter apresentado em tais formas a Nota, Artur Albarran perguntava ao comentador Luís Delgado a sua opinião sobre a «caça às bruxas» e aquele, por seu lado, confirmava que Boris Ieltsin andava a decretar e a fazer o que legalmente não podia.

Ou seja, falavam e confirmavam, embora em tom diferente, as mesmas realidades que a Nota denunciava.

Mas, mistérios da isenção televisiva, Albarran, que nunca admitirá que conversava com L. Delgado contra «as reformas», não hesitou em sentenciar que ali estava a oposição do PCP às «reformas».

Mas o pior veio imediatamente a seguir.

A. Albarran passou a ler o 1º parágrafo da Nota e zarpou para uma extensa catilinária em defesa da virtude e da honra da RTP, afirmando, designadamente, que o que o PCP queria era que a RTP ignorasse e silenciasses os acontecimentos na URSS, que a RTP até tinha convidado A. Cunhal para lá ir (para falar sobre a União Soviética, esclareça-se).

Ora todo aquele arrazoado constituiu em si mesmo uma implacável demonstração da justeza das acusações do PCP.

Em primeiro lugar, porque a Nota nem sequer abordava o tipo de cobertura dos acontecimentos na URSS feita pela RTP, embora talvez nunca se tenha visto tão pouca informação e tanta propaganda, tão pouca serenidade e tanta exaltação, tão pouca objectividade e sobretudo tanta fúria de transportar para Portugal e para o PCP o sismo político da URSS. E era aí, aos indistentemente abusivos paralelismos entre a URSS e Portugal, forjados e desenvolvidos por todas as formas, que a Nota queria chegar, pensando nos alinhamentos de reportagens e comparações e no tratamento do PCP exclusivamente em relação com os acontecimentos na URSS.

Em segundo lugar, porque Albarran e o «Jornal de Domingo» escamotearam propositadamente aos telespectadores todo o 2º parágrafo do ponto 2 da Nota, onde se criticava e desvendava o significado de a RTP não ter transmitido (e naquele domingo também não) qualquer reportagem sobre importantes actividades pré-eleitorais do PCP e da CDU, que, sendo para os comunistas perfeitamente normais (mas com significativo êxito), devem ter sido consideradas estranhíssimas e anormais para uma RTP que, pela enésima vez desde 1988, com recurso às mesmas caras, aos mesmos comportamentos, às mesmas jogadas, tanto se esforça por decretar uma «crise» do PCP anunciadora de imaginários colapsos.

Tudo visto e resumido, foi assim possível confirmar que a indignada rejeição por parte da RTP das acusações de censura e manipulação feitas pelo PCP precisou, ela própria, de recorrer à censura e à manipulação das críticas do PCP.

O PCP defendeu claramente o regresso da URSS à normalidade constitucional

No decurso dos últimos dias, o PCP defendeu claramente o rápido regresso da União Soviética à normalidade institucional.

O reassumir de funções por M. Gorbachov representa o termo de uma situação de excepção criada nos últimos dias e o restabelecimento da normalidade constitucional ao nível da chefia do Estado.

Tendo em conta quer a gravíssima situação pré-existente em todas as esferas da vida da União Soviética quer os factores de incerteza decorrentes dos acontecimentos dos últimos dias, o PCP formula votos de que o reassumir de funções por M. Gorbachov contribua para lançar as bases de um processo de estabilização e reestruturação que se afigura imperativo e urgente, no prosseguimento dos objectivos da perestroika definidos pelo PCUS, como é indispensável para a resposta eficaz a prementes carências, problemas e aspirações do povo soviético, para a defesa e renovação do regime socialista e para a contribuição da URSS para a solução dos grandes problemas internacionais.

Possivelmente no dia de amanhã, já na posse de elementos de informação relativos aos acontecimentos em curso numa situação ainda particularmente movimentada, a Comissão Política do CC do PCP procederá a um novo exame da situação na URSS.

21.8.1991

A Comissão Política do CC do PCP

A exploração interesseira dos acontecimentos

O PCP não pode deixar de lamentar que, com fundamento ou pretexto em divergências de opinião, reais ou supostas, sobre os complexos e preocupantes acontecimentos na URSS, membros do partido produzam declarações públicas que possam convergir, objectiva ou subjectivamente, com as tentativas em curso para deturpar as reais posições do PCP e para, através da exploração interesseira daqueles acontecimentos, procurar prejudicar o dinamismo e confiança com que o Partido e a CDU vêm perspectivando a sua intervenção na batalha eleitoral e afectar a sua influência.

O PCP confia que a generalidade dos seus militantes e apoiantes, independentemente de dúvidas, inquietações

e mesmo discordâncias, concentrarão os seus esforços e a sua eventual intervenção pública, não na difusão (que não é inocente nem neutral) de previsões de fracassos eleitorais ou do comprometimento das possibilidades de uma alternativa democrática ao PSD, mas na corajosa afirmação do seu Partido como grande força de liberdade, da democracia e do socialismo, como força insubstituível para a solução dos problemas nacionais, cujo reforço eleitoral é a chave para a nova política e para uma alternativa democrática de que o País precisa.

22.8.91

A Comissão Política do Comité Central do PCP

Inquietantes desenvolvimentos representam escalada contra os objectivos da «perestroika»

Na sequência de posições anteriormente adoptadas, a Comissão Política do PCP continuou a acompanhar a situação na União Soviética.

Sem prejuízo de um ulterior e mais aprofundado exame dos acontecimentos e do sentido e alcance das alterações que se estão a verificar no quadro político, considera-se necessário chamar a atenção para que a positiva normalização institucional verificada ao nível da chefia do Estado coexiste com novos e inquietantes desenvolvimentos.

Entre estes salientam-se a criação de situações de facto e a adopção por parte de Boris Ieltsin e outros dirigentes da Federação Russa de um conjunto de decisões, que, violando abertamente a Constituição e pondo em causa os poderes da Presidência e de outros órgãos de soberania da URSS, representam uma escalada contra os objectivos da «perestroika» para a renovação socialista.

Disso são exemplos o anúncio da criação de um exército da Federação Russa, a investida contra importantes órgãos de comunicação social, o encerramento de sedes do PCUS e a tentativa para impedir a sua actividade nas empresas e nas Forças Armadas e o fomento de um clima de «révanche» e de perseguição anticomunistas.

Particularmente chocantes são também as afirmações e atitudes da Administração norte-americana de aberta ingerência na situação da URSS, como é o caso, entre outras, das suas tomadas de posição sobre a antecipação das eleições presidenciais, sobre a aceleração do processo de independência das repúblicas do Báltico e sobre as nomeações de chefias militares.

Entretanto, pesem embora indefinições e factores de incerteza, são de relevar declarações de Mikhail Gorbachov em defesa da Revolução de Outubro, do Socialismo e do PCUS, proferidas na conferência de imprensa de Moscovo em que prestou esclarecimentos sobre as circunstâncias do seu afastamento.

Com o objectivo de examinar a situação na URSS e as suas complexas repercussões, a Comissão Política decidiu convocar para o dia 29 de Agosto uma reunião plenária do Comité Central do PCP.

23.8.1991

A Comissão Política do CC do PCP

A operação polítiquera de Marcelo

As intenções, propostas e exigências hoje comunicadas por Marcelo Rebelo de Sousa, em nome da vereação do PSD, em relação à reunião de dia 28 da Câmara Municipal de Lisboa, mostram que Marcelo Rebelo de Sousa está seriamente confundido quanto ao País em que vive e quanto ao Partido Comunista que pretende atacar.

Os vereadores do PCP não estão na Câmara Municipal de Lisboa por favor ou decreto de Marcelo Rebelo de Sousa. Exercem as suas funções graças à escolha maioritária dos eleitores que quiseram derrotar a candidatura do PSD liderada por Marcelo Rebelo de Sousa e assegurar uma nova e eficiente gestão para a Câmara Municipal de Lisboa.

O vasto e valioso trabalho desenvolvido pelos vereadores comunistas, no quadro da coligação «Por Lisboa», coloca as ilegítimas reclamações e as estultas pretensões de Marcelo Rebelo de Sousa no seu verdadeiro nível: ou seja, o nível de uma mera operação polítiquera, completamente alheia aos interesses da capital e da sua população, ainda por cima desencadeada por alguém que, em matéria de comparação com a estatura democrática dos comunistas, é manifestamente um pigmeu.

Marcelo Rebelo de Sousa já tem idade suficiente para ter percebido uma evidência essencial: a de que os comunistas portugueses, fiéis aos seus compromissos com o povo e com os seus eleitores, ciosos da sua dignidade e coerência, não são homens para aceitarem ultimatos ou se vergarem perante chantagens e pressões.

23.8.91

DORL/PCP

Calúnias, falsificações e insultos de alguns contra o PCP

1. O PCP salienta a excepcional gravidade da evolução dos acontecimentos na URSS, com destaque para as medidas arbitrárias decididas contra o PCUS e de perseguição dos comunistas soviéticos, no quadro de um processo, no essencial, impulsionado pelos dirigentes da Federação Russa, que está a ser caracterizado por uma escalada de gritantes violações da legalidade e da normalidade constitucionais, de arbitrariedades e actos de usurpação e abuso de poder que não podem deixar de suscitar a inquietação dos democratas portugueses.

2. O PCP protesta vigorosamente contra os repugnantes métodos de intoxicação e de manipulação da opinião pública que estão a ser usados designadamente pelos serviços noticiosos da RTP numa deliberada tentativa de montar uma operação de intolerância e agressão política e ideológica contra o PCP a pretexto dos acontecimentos na URSS.

O PCP chama a atenção para o facto de a RTP, que transmitiu reportagens sobre iniciativas de outros partidos, ter silenciado completamente importantes iniciativas pré-eleitorais do PCP e da CDU realizadas ontem e na passada sexta-feira com a participação de Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas. Essa omissiva discriminação assume o preciso significado de que a RTP, empenhada em dar do PCP uma falsa imagem de desorientação, divisão e crise, não podia tolerar que os telespectadores tivessem acesso a imagens comprovativas de que não só o PCP continua activo e determinado na sua acção nacional mas também que essas iniciativas se caracterizaram por um ambiente de caloroso apoio e confiança no PCP.

3. As calúnias, falsificações e insultos que neste momento alguns estão dirigindo contra o PCP e contra os comunistas portugueses põem sobretudo em evidência a mentalidade intolerante e o mesquinho calculismo eleitoralista dos seus autores.

Os membros do Partido e os seus apoiantes e eleitores, os trabalhadores, os democratas, os homens e mulheres de esquerda podem estar certos de que a dignidade, a honra, o património de luta e o projecto democrático e socialista do PCP vivem e continuarão a viver na sua acção junto dos trabalhadores e do povo português, para a defesa dos seus interesses e direitos, para a consolidação da democracia e a afirmação da liberdade que foram conquistadas com a contribuição determinante dos comunistas portugueses, para a construção de um Portugal melhor.

O PCP luta e lutará com o povo e para o povo e honra e honrará as suas responsabilidades de grande partido dos trabalhadores, de grande partido democrático e nacional, de força essencial do regime democrático, de força indispensável para a solução dos problemas nacionais e para uma alternativa democrática à política e ao Governo da direita.

25.8.1991

O Gabinete de Imprensa do PCP

Ministro das Finanças cala as escandalosas peripécias das privatizações

A conferência de imprensa do Ministro das Finanças sobre o processo de privatizações deixou sem resposta todas as questões, dúvidas e suspeições que sobre tal processo o Partido Comunista Português legitimamente tem colocado à consideração da opinião pública.

É estranho que o Ministro das Finanças após meses do mais completo mutismo sobre a forma como se têm revestido as privatizações, apesar dos esclarecimentos que insistentemente lhe foram requeridos pelo PCP, designadamente na Assembleia da República, venha agora promover uma conferência de imprensa e aos quesitos diga nada.

É inaceitável que a declaração do Ministro das Finanças cale por completo as escandalosas peripécias de que se rodearam, por exemplo, as privatizações da Bonança e do BESCL.

A consideração pelo Ministro de «normal» o facto de apenas se apresentar um «concorrente» à aquisição do núcleo duro do capital privatizado de empresas manifestamente rentáveis, como o BESCL ou o BFB, ou a sua afirmação de que foram impostas limitações ao capital estrangeiro, que é desmentida pelos factos, revelam uma total irresponsabilidade governativa.

Aliás, a transparência das privatizações - que só o Governo parece ver - mais uma vez foi claramente posta em causa com a concretização da privatização do BFB. Não só o único «concorrente» à aquisição foi um dos próprios avaliadores do banco, como consegui apropriar-se do BFB pela ridícula verba de 7 milhões de contos (já que 80% do valor da venda irá reforçar os capitais próprios do banco)!

Os escândalos surgidos nas privatizações da Bonança, do BESCL e do BFB, entre outros, são política e eticamente graves. Considerá-los como meros «acidentes de percurso», como o fez o Ministro das Finanças, significa a expressa co-responsabilidade do Governo nas situações ocorridas e o assumir de uma posição de «abafar» os escândalos e de incentivar o autêntico saque do património público a que se está a proceder.

O PCP reitera o seu requerimento já anteriormente apresentado na Comissão Permanente da AR para que o Ministro das Finanças compareça na Assembleia da República a fim de prestar cabal esclarecimento aos partidos da oposição e à opinião pública sobre toda esta situação.

Lisboa, 28 de Agosto de 1991

Gabinete de Imprensa do Partido Comunista Português

ESCLARECIMENTO SOBRE DECLARAÇÕES DE JOSÉ MANUEL MENDES

Assegurando que nenhuma intriga malévola, nenhuma leviandade lastimável por parte dos adversários políticos da CDU a farão desviar-se do objectivo central de em tudo contribuir para uma alternativa democrática do Governo a Cavaco Silva, depois do 6 de Outubro que se aproxima, a DORB do PCP torna públicas as declarações de esclarecimento do seu membro Dr. José Manuel Mendes:

«1. Não tem o menor fundamento a notícia, irresponsavelmente veiculada por certos órgãos de informação, nacionais ou bracarenses, de que eu haveria pedido, na sequência da reacção do PCP ao

Golpe de Estado falhado na URSS, a minha demissão do Partido e da lista da CDU;

2. Também não exige, como ilegitimamente se insinuou, a exoneração da Direcção do PCP nem o farei;

3. O depoimento condenatório que prestei, nas primeiras horas da tentativa putchista na União Soviética ao Diário de Notícias, não constitui um conflito que outrem, seja como for (com lastimáveis objectivos eleitoralistas, quando por mera inadvertência), prescreva entre mim e o meu Partido.»

Braga, 26 de Agosto de 1991

A DORBraga do PCP

INFORMAÇÃO

1991 passará seguramente à História como um dos anos de maior e mais atento consumo de informação. A guerra do Golfo e os acontecimentos na União Soviética, envolvendo todo o planeta na teia das suas consequências, determinaram uma ansiosa e natural atenção ao que televisões, rádios e jornais têm dito.

O balanço a fazer da forma como este interesse foi correspondido é ainda polémico. Logo a seguir à guerra do Golfo multiplicaram-se análises e reflexões que confirmaram reservas e críticas formuladas ao longo dos próprios acontecimentos e em que se sublinhava o conflito entre a rapidez e a exactidão apressadamente resolvido em favor da primeira e a tendência a uma protagonização espectacular da própria informação, pouco consentânea com padrões deontológicos comumente reconhecidos e aceites. Os acontecimentos na URSS confirmaram alguns destes traços, mas, no essencial, pode afirmar-se que rigorosamente fizeram ir pelos ares o pouco que restasse de piedosos mitos de objectividade e factualidade da Comunicação Social actual. Se a guerra do golfo inaugurou o estilo da reportagem sobre o que estava a acontecer ao repórter sem qualquer relação directa com os factos, a crise soviética introduziu a completa subversão da notícia pelo comentário absolutamente alinhado e orientado.

É difícil, na maioria dos órgãos de comunicação social, sequer traçar um traço distintivo, texto a texto, filme a filme, sobre onde começa o relato factual e onde acaba o comentário político, leia-se, a intervenção política linearmente assumida. Se na guerra do Golfo a criação do repórter-protagonista da notícia e não seu testemunho encontrou justificações nas dificuldades das circunstâncias, enfrentadas de forma nem sempre abonatória para a qualidade profissional dos envolvidos, nos acontecimentos da URSS o cunho profunda e iniludivelmente ideologizado dos acontecimentos e de tudo os que os rodeia tornava inevitável que se rasgassem definitivamente os já muito combalidos diáfanos mantos da objectividade jornalística.

Mas haverá talvez algo a rezear do novo quadro criado. Frequentemente, são os mesmos protagonistas quem fez acesas defesas da intangibilidade da objectividade do repórter, do carácter definitivamente neutro da notícia, da incompatibilidade do jornalismo profissional com o empenhamento político e que agora se lançam — sem pruridos de adjectivação, com escasso apego aos factos (o número de desmentidos noticiosos das últimas duas semanas baterá seguramente vários recordes), por vezes mesmo com uma inquietante e insensata intolerância — ao panfleto, ao juízo normativo, à proposta, ao vaticínio. Para quantos se esforçam por ter uma visão lúcida dos envolvimentos ideológicos do acto de informar, não é surpreendente esta mutação. Não surpreende que, em situações agudas que envolvem conflitos profundos que percorrem a Humanidade, inevitavelmente se tome partido, inevitavelmente defrontem as suas próprias limitações conceituais tão ambíguas como o de objectividade, tal como leituras ambíguas do conceito de isenção.

Mas aquela visão lúcida, a que aceita e assume (que sempre aceitou e assumiu) que não se informa sem ideias e que também essas ideias devem ser assumidas para compreensão serena e adulta da informação realizada — essa visão jamais aceitou que tal postura fosse incompatível com o rigor dos factos, a verdade dos textos, a honestidade do profissional. Pelo contrário.

Ao assumir honestamente uma ideia e uma postura, é a própria dignidade que requer que ela não assente no terreno pantanoso da mentira ou da leviandade.

É polémico que o que universalmente se ganhou na clarificação do posicionamento ideológico de comunicação social não se tenha perdido no rigor e na exactidão possíveis. De certa forma, parece que se perdeu o pudor, os escrúpulos, conscientes ou não, que buscavam em algum apego aos factos e ao rigor a cobertura para as alegadas objectividade e isenção.

O futuro dirá. Mas, entretanto, convirá dizer que aqui, no «Avante!», onde jamais se ocultou um empenhamento ideológico e político, se mantém, como sempre, o empenhado, mas também sereno, apego aos factos e ao rigor.

CRONOLOGIA DOS FACTOS

A SITUAÇÃO NA URSS

Segunda-feira

19

Um comunicado subscrito por Guennadi Ianaev (vice-presidente da URSS), Valentin Pavlov (primeiro-ministro da URSS) e Oleg Baklanov (vice-presidente do Conselho de Defesa da URSS) anuncia a substituição de Mikhail Gorbachov no cargo de presidente da União Soviética e declara o estado de emergência no país por um período de seis meses.

Ianaev, como presidente, e o Comité de Estado para o estado de emergência - de que fazem ainda parte, além dos nomes referidos, Vladimir Kriutchkov (presidente do KGB), Boris Pugo (ministro do Interior da URSS), Vassili Starodubtsev (presidente da União dos Camponeses da URSS), Alexandre Tiziakov (presidente da Associação das Empresas do Estado da URSS) e Dimitri Iazov (ministro da Defesa da URSS) - assumem a responsabilidade da direcção do país e da aplicação do estado de emergência.

Destacamentos militares com carros blindados tomam posições nas principais artérias de Moscovo e junto de alguns edifícios-chave.

Boris Ieltsin, presidente da Federação Russa, apela à desobediência civil e exige que Gorbachov regressasse às suas funções.

Populares saem para as ruas da capital e começam a concentrar-se perto do Kremlin e junto da sede do parlamento russo, onde levantam barricadas.

Em conferência de imprensa do Comité de Estado, Ianaev garante que as reformas na URSS vão prosseguir e afirma que Gorbachov está na Crimeia, «onde repousa da fadiga acumulada nos últimos anos», admitindo que «após o seu restabelecimento» possa retomar o cargo de presidente.

George Bush, numa conferência de imprensa considerada cautelosa pelos jornalistas, admite que o afastamento de Gorbachov pode ter graves consequências para a URSS e para as suas relações internacionais; à noite apoia o apelo de Ieltsin e reclama o regresso de Gorbachov ao posto de presidente.

A Nato, manifestando muita preocupação pelo golpe de Estado na URSS, convoca uma reunião extraordinária dos ministros dos Estrangeiros para analisar a situação.

O governo britânico anuncia que decidiu suspender a ajuda económica e técnica à URSS; posições semelhantes são tomadas pelo presidente norte-americano, pelo chefe do governo espanhol e por instituições bancárias ocidentais.

Terça-feira

20

Uma coluna de blindados dirige-se para Leninegrado, onde o presidente do município apelara ao boicote das decisões do Comité de Estado e à greve geral; nesta cidade uma manifestação contra a destituição de Gorbachov reúne, segundo os jornais, cem mil pessoas. Também em Kichiniov dezenas de milhar de pessoas se manifestam no mesmo sentido, apoiando ainda a independência da Moldova.

Em Moscovo é decretado o recolher obrigatório, enquanto os dirigentes da Federação Russa prevêm para esta noite uma tentativa de tomada da sede do parlamento da república.

Sucessivamente, é anunciado que os ministros soviéticos dos Estrangeiros (Aleksandr Bessmertnikh) e da Defesa, e o primeiro-ministro (Valentin Pavlov) estão doentes; é também anunciada a demissão de Vladimir Kriutchkov.

Ieltsin reclama a chefia das forças armadas na Rússia e nomeia um ministro da Defesa para a república. Este anuncia às pessoas concentradas junto da «casa branca» que foram tomadas contra-medidas.

Ao mesmo tempo que circulam rumores de que destacamentos militares estão a manifestar o seu apoio a Ieltsin, tanques tomam posições na Avenida Kutuzov e junto da Casa dos Sovietes, sede dos órgãos da Federação Russa. Ao fim da noite ouvem-se tiros perto deste edifício, na circular que rodeia a parte antiga de Moscovo.

Manifestantes atacam com pedras e cocktails Molotov uma coluna de blindados que força uma barricada na circular. Um jovem morre esmagado por um tanque. Pouco depois é encontrado o cadáver de um homem, morto à bala, próximo da embaixada dos EUA.

Ao fim de duas horas, param os tiroteios e verificam-se cenas de confraternização entre soldados e manifestantes.

A CEE, depois de uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros, exige o regresso de Gorbachov ao poder; antes havia já anunciado a suspensão da maior parte da ajuda económica à URSS.

George Bush afirma contactar com Ieltsin para o malogro do golpe de Estado na URSS.

O Papa João Paulo II, perante milhares de pessoas em Budapeste, alerta para o risco de tragédias na URSS.

O secretário-geral da ONU apela a que os dirigentes da URSS ajam com o máximo de moderação.

Quarta-feira

21

Em Tallin o parlamento declara a independência da Estónia e o exército soviético ocupa a torre da televisão.

Ieltsin revela que Kriutchkov lhe telefonou a propor que ambos se deslocassem à Crimeia, para se encontrarem com Gorbachov.

Os destacamentos militares subordinados ao Comité de Estado para o estado de emergência começam a abandonar as suas posições na capital, enquanto surgem notícias de que os membros do órgão que tomou o poder há dois dias estariam a tentar sair de Moscovo.

Ao meio-dia um alto responsável soviético afirma que, pela primeira vez desde segunda-feira, conseguiu contactar telefonicamente Gorbachov.

A Letónia proclama a sua independência.

Uma delegação da Federação Russa, dirigida pelo primeiro-ministro Ivan Silaev, voa para a Crimeia.

Numa declaração lida na TV soviética, Mikhail Gorbachov afirma que vai retomar as suas funções nas próximas 24 horas.

Quinta-feira

22

O avião que transporta Mikhail Gorbachov aterriza às 2.12 em Moscovo.

Boris Pugo suicida-se.

Intervindo num comércio frente à sede do parlamento russo, Boris Ieltsin proclama que a nova bandeira da Rússia passa a ser a mesma que no tempo dos czares; defende a criação de um exército próprio da república e declara a passagem para a autoridade da Rússia de todas as empresas situadas no seu território; profere as células comunistas nas forças armadas.

Em conferência de imprensa o presidente soviético afirma que vai depurar o PCUS das forças reaccionárias, sem enveredar pela caça às bruxas, e cooperar com Boris Ieltsin; «continuo partidário da ideia socialista e acredito na renovação do partido», diz Gorbachov; admite que cometeu muitos erros ao escolher os seus colaboradores; nomeia novos responsáveis para os ministérios do Interior e da Defesa e para o KGB, demite Valentin Pavlov e o chefe da sua guarda pessoal.

O parlamento da Letónia ilegaliza o partido comunista na república.

Em Moscovo é derrubada a estátua de Félix Dzerjinski.

O presidente do município moscovita ordena o encerramento da sede do partido comunista na capital.

Ieltsin demite os directores da Tass e da Novosti.

A CEE decide restabelecer a ajuda económica à URSS, e Jacques Delors sugere a realização de uma reunião especial do «grupo dos sete» para discutir um eventual auxílio à União Soviética.

Bush anuncia o congelamento dos programas de cooperação económica com a URSS, apelando a Gorbachov e Ieltsin para acelerarem o ritmo das reformas.

Sexta-feira

23

A Bielorrússia declara a sua independência.

Por decisão conjunta das autoridades russas e soviéticas, é demitido o procurador-geral militar da URSS; é também anunciado o afastamento de um dos vice-presidentes do KGB.

O novo ministro da Defesa soviético, Evgueni Chapochnikov, anuncia que o comando das forças armadas será renovado em oitenta por cento.

O Secretariado do CC do PCUS recomenda a autodissolução do Comité Central.

Responsáveis dos EUA admitem a possibilidade de reconhecer a independência das repúblicas bálticas, já reconhecida pela Islândia, Dinamarca e Noruega.

Helmut Kohl, numa declaração publicada no *Bild am Sonntag*, pede que os países ocidentais ajudem imediatamente a URSS.

Sábado

24

Mikhail Gorbachov demite-se de secretário-geral do PCUS e aconselha ao Comité Central do partido a sua autodissolução, pronunciando-se pela criação de um partido numa nova base; um decreto do presidente da URSS determina que os bens do PCUS passem para o controlo do Estado; Gorbachov nomeia para primeiro-ministro interino da URSS o chefe

do governo russo, Ivan Silaev.

Em Moscovo realizam-se os funerais dos três manifestantes mortos terça-feira à noite.

Suicida-se o marechal Akhromeiev, conselheiro militar de Gorbachov.

Ieltsin reconhece a independência da Estónia e da Letónia, e assume o controlo dos arquivos do PCUS e do KGB, bem como das comunicações governamentais.

O parlamento da Ucrânia proclama a independência da república.

O presidente norte-americano diz que os acontecimentos na URSS favorecem os interesses dos EUA.

O porta-voz do governo britânico afirma que a morte do partido comunista soviético não surpreende e é bem-vinda.

Domingo

25

No parlamento russo Ieltsin decreta perante o presidente soviético a suspensão das actividades do Partido Comunista da Rússia e a nacionalização dos seus bens (decisões tomadas igualmente noutras repúblicas); reclama a nomeação do primeiro-ministro da URSS e dos ministros da Defesa e das Finanças e ordena a suspensão do «Pravda» e outros jornais.

É acordado entre ambos que Ieltsin e Gorbachov se substituirão mutuamente.

Gorbachov demite o MNE Bessmertnikh. São também nomeados novos ministros da Defesa e do Interior e um novo presidente do KGB, bem como um novo CEMGFA.

Grã-Bretanha e Alemanha declaram-se dispostas a aumentar o auxílio à URSS; John Major revela que convidou os representantes pessoais dos chefes de Estado e de governo dos «sete» para uma reunião na próxima semana com o objectivo de discutir a situação na URSS.

Segunda-feira

26

Reúne o Soviete Supremo, para analisar a situação no país; na sua intervenção

Mikhail Gorbachov reconhece culpas, admite a liberdade de cada república federada decidir se continua ou não na União e promete que o novo presidente soviético será eleito em breve por sufrágio universal; é convocada uma reunião do Congresso dos Deputados do Povo para 2 de Setembro.

Um comunicado de Boris Ieltsin previne que a Rússia levantará o problema das fronteiras com qualquer república que se decida pela saída da URSS sem assinar um tratado bilateral com a Federação Russa, o que suscita protestos, nomeadamente do presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbaev.

Suicida-se o chefe da secção administrativa do CC do PCUS.

Ivan Silaev faz uma série de nomeações de ministros e outros funcionários russos para dirigirem provisoriamente os ministérios das Finanças, do Comércio, da Economia e das Relações Económicas Externas, e o Banco central, o Banco de Fomento Externo, a Câmara de Comércio e Indústria e o secretariado do Conselho de Ministros da URSS.

Gorbachov demite o director da TV soviética e promove a marechal do Ar o novo ministro da Defesa, Evgueni Chapochnikov.

Os acontecimentos da última semana na URSS significam a «morte do movimento comunista mundial», afirma o presidente norte-americano George Bush.

Terça-feira

27

«A URSS deverá ser preservada como uma união de estados soberanos», defende Mikhail Gorbachov no Soviete Supremo, ameaçando demitir-se se tal não suceder; a favor de um novo Tratado da União pronunciam-se ainda os presidentes da Rússia e do Cazaquistão.

O parlamento da Moldova proclama a independência da república.

O presidente do parlamento da Ucrânia anuncia que qualquer decisão sobre o Tratado da União fica suspensa até ao referendo de 1 de Dezembro.

O presidente do município de Leninegrado manifesta-se contra as pretensões da Ucrânia de ter um exército próprio.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE decidem reconhecer a independência da Estónia, da Letónia e da Lituânia. Mas quaisquer outros casos de independência devem ser examinados um a um.

RECORDES

A SITUAÇÃO NA URSS



«Se alguém disser que o partido é um conjunto de forças reaccionárias, não posso concordar, porque conheço milhares de pessoas, centenas de pessoas — e algumas estão sentadas aqui nesta sala — que são verdadeiros democratas, dedicados à perestroika, a esta luta, e que nunca capitularão.»

Mikhail Gorbachov (na primeira conferência de imprensa após o regresso da Crimeia) — Público, 23 de Agosto de 1991

«Interrogado (na conferência de imprensa) sobre a hipótese de abandonar o PCUS, Gorbachov declarou: "Nunca coloquei a mim próprio essa questão. O socialismo é um modelo de sociedade válido e continua viável".» (...)

O Jornal, 23.08.91

«Oficialmente, insiste-se no nome de Gorbachov. Mas na generalidade os observadores políticos em Washington apontam a necessidade de Bush reconhecer que Mikhail já faz parte da História e que Boris necessita da assistência económica que antes da tentativa de golpe se teria perdido sob Gorbachov, mas que agora pode fazer a diferença na consolidação das reformas democráticas.»

José Ricardo, correspondente em Washington — Diário de Notícias, 24.08.91

«O presidente soviético, Mikhail Gorbachov, anunciou ontem ter concluído um acordo com o presidente russo, Boris Ieltsin; sobre a substituição mútua em caso de impedimento, o que traduz as relações de igual para igual que existem entre os dois políticos. "Chegámos a acordo para o caso de, se um político não puder exercer as suas funções, automaticamente o outro assumir imediatamente os seus poderes", declarou Gorbachov. (...) O acordo mostra, enfim, mais do que qualquer outro facto, a subida em força de Boris Ieltsin ao Poder, já que, nos termos da Constituição, compete ao vice-presidente da URSS, e não ao presidente russo, substituir o presidente Gorbachov em caso de impedimento.»

Diário de Notícias, 24.08.91

«A Revolução de Agosto desfez o equilíbrio de poderes em que assentava o poder efectivo do líder soviético. O confronto que ele sempre procurou adiar — estratégia que permitia a sua própria sobrevivência política — tem já um vencedor conhecido. O árbitro já não tem lugar.»

Jorge Wemans — Público, 23.08.91

«Durante o período de perguntas-respostas e depois do presidente ter defendido a manutenção do Partido Comunista, Boris Ieltsin assinou, perante o nervosismo impotente de Gorbachov, um decreto suspendendo todas as actividades do PC da Rússia (PCR), conhecido pelas suas tendências conservadoras e acusado de pactuar com os golpistas. O chefe do Partido em Moscovo, Iuri Prokofiev, foi entretanto detido por ordem do Procurador da Rússia e com a autorização do presidente da Câmara, Gavrill Popov, que confiscou todos os edifícios pertencentes ao PCR e ao PCUS na capital, conforme foi anunciado na "Casa Branca", na presença de Gorbachov. Em Leninegrado também foi selada a sede dos comunistas.»

Público, 24.08.91

«Fogo sobre o partido!»

Público, 24.08.91

«Ninguém tem o direito moral de dirigir acusações gratuitas contra todos os comunistas e eu, como presidente, sinto-me na obrigação de os defender,

como cidadãos, de acusações infundadas. Perante esta situação, o Comité Central do Partido Comunista soviético deve tomar a decisão de se autodissolver. Os partidos comunistas das repúblicas e as organizações locais do partido decidirão por si próprias do seu destino. Considero que não me é possível a partir de agora desempenhar as funções de secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista soviético e demito-me dos plenos poderes correspondentes.» (...)

Da tradução não oficial da TASS da declaração de demissão de Mikhail Gorbachov — Público, 25.08.91

«Ainda ontem à noite, já depois de lidas as fulminantes mensagens do ex-secretário-geral do PCUS, Boris Ieltsin divulgava mais um decreto, anunciando que o seu Executivo assumia o controlo de todas as comunicações governamentais — algo que compete tradicionalmente ao Kremlin. Ieltsin justificou a decisão declarando que se tratava de garantir a segurança do Estado e impedir a repetição de uma tentativa de golpe como a do dia 19. Qualquer que seja o motivo invocado, a medida surge como um dos decretos que mais nitidamente retira poderes à autoridade do presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachov.»

Público, 25.08.91



Diário de Notícias

Complex block with the headline 'Gorbachev retoma o Poder' and a photograph of Gorbachev. Includes sub-headlines like 'O volte-face' and 'Destino incerto para os...'.

«Os arquivos do Partido Comunista da URSS e do Comité de Estado para a Segurança (KGB) passaram para o controlo da Rússia, nos termos de dois decretos do presidente russo, Boris Ieltsin, anunciou a agência TASS. Os dois decretos salientam que a decisão foi tomada a fim de evitar uma «destruição ilegal em território da Federação da Rússia» dos arquivos do partido e do KGB.»

Diário de Notícias, 25.08.91

«A decisão histórica (da proibição do "Pravda") tomada na tarde de sexta-feira pelo presidente russo Boris Ieltsin, representa porém mais do que a redução de jornais nas bancas — menos seis, considerados colaboracionistas com o golpe do dia 19 — ou a ausência de todos os três milhões de exemplares diários do "Pravda". Além do factor óbvio da supressão de um dos símbolos do comunismo na União Soviética, a proibição deste diário significa também, ainda que talvez provisoriamente, o desemprego para cerca de 500 jornalistas.»

Público, 25.08.91

«A direcção da Federação russa "utiliza os mesmos métodos inconstitucionais usados pelo Comité de Estado de Emergência", disse ontem o redactor chefe-adjunto do "Pravda", Guennadi Seleznev, numa declaração à agência de notícias oficial soviética TASS.»

Público, 25.08.91

«Boris Ieltsin, o presidente da Federação russa, numa entrevista de meia hora concedida ontem à televisão, deixou bem claro que essas decisões (a sair da sessão do Soviete Supremo da URSS) terão de ser as suas. "Se eles (os deputados do Soviete Supremo) não seguirem a linha, eu fechá-lo-ei", afirmou. (...)

Público, 26.08.91

«Ontem, no "Izvestia" — um dos poucos jornais que se publicaram depois de afastado o seu director conservador — o grande título era: "O Parlamento regressa a outro país: Mikhail Gorbachov justifica os seus equívocos". O "Comerciante", semanário liberal, escrevia apenas: "Graças a Deus, a perestroika acabou".»

Público, 27.08.91

«O presidente dos EUA, George Bush, declarou ontem no seu retiro de férias, no Maine, que os acontecimentos da última semana na União Soviética significam a "morte do movimento comunista" mundial, pelo que todos os que sempre defenderam a liberdade se devem agora regozijar.»

Público, 27.08.91

«Ieltsin está determinado a impor as regras do jogo e não hesita em recordar às nações vizinhas e ainda soviéticas que o desmembramento da URSS terá de ser feito sem prejuízo dos russos. (...) A Federação Russa ameaça "levantar o problema das (suas) fronteiras" com qualquer república soviética que se decida pela secessão sem assinar um tratado bilateral com a Rússia — lê-se num comunicado assinado ontem por Boris Ieltsin.»

Público, 27.08.91

«Ivan Silaev, primeiro-ministro russo, que assegura interinamente as funções de chefe do governo soviético, nomeou ontem à noite uma série de ministros e de outros funcionários russos para dirigirem a título provisório quatro ministérios e outros organismos federais. (...) Entretanto, o presidente Gorbachov demitiu por decreto o director da radiotelevisão soviética, que já na semana passada fora afastado das suas funções pelo presidente russo, Boris Ieltsin, que no entanto não tinha competência para tal.»

Público, 27.08.91

«O crescente risco de desagregação da URSS, (...) levou o presidente Mikhail Gorbachov a ameaçar demitir-se, perante o Soviete Supremo, se as repúblicas renunciarem a assinar um novo Tratado da União. "Isso seria uma grande tragédia", disse Gorbachov no seu vibrante apelo aos deputados reunidos no Kremlin. "Digo francamente perante vós, perante o povo, perante o país, que defendo uma União profundamente reformada, mas defendo a conservação da federação. Se for decidido de outra maneira, vou-me embora. Quem o desejar que tome a responsabilidade", disse o líder soviético.»

Diário de Notícias, 28.08.91

«O presidente soviético respondeu, nesta intervenção, às questões que durante dois dias lhe foram colocadas pelos deputados, tendo como ponto de partida a análise da situação do país que produziu perante o Soviete Supremo na manhã de segunda-feira. "O nosso país é uma superpotência", sublinhou Gorbachov, "as responsabilidades que temos não são apenas perante o nosso povo, são também perante o mundo inteiro".»

Público, 28.08.91

Advertisement for 'JORNAL DE NOTICIAS' with a price tag of 450\$00.

Complex block with the headline 'PAÍSES OCIDENTAIS RECONHECEM REPÚBLICAS' and a map of the Soviet Union showing republics.

Álvaro Cunhal visita Santiago e Grândola

Uma jornada de confiança

Houve surpresas para quem observou as realizações do PCP e da CDU no passado fim-de-semana. Nomeadamente no sábado, em Santiago do Cacém e em Grândola, jornada em que participou o Secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal. Quem esperasse ver diminuída a presença de participantes em ambos os convívios naqueles dois concelhos do Sul do distrito de Setúbal, quem esperasse ver quebrado o seu ânimo e a sua confiança ou quem esperasse ver desviada a sua atenção dos problemas nacionais mais prementes, sofreria o

desmentido da realidade. Participação numerosa, acolhimento entusiástico, manifestação de confiança na batalha eleitoral e nos seus resultados, foram as tónicas que o repórter pôde verificar.

É claro que nessa participação, muitos militantes e simpatizantes e amigos queriam obter esclarecimentos sobre os recentes acontecimentos na União Soviética. Ponderavam, porém, a necessidade de uma reflexão mais amadurecida, que o Comité Central do Partido não deixará de iniciar hoje, como já fora entretanto anunciado.

No entanto, as conversas e comentários que fomos ouvindo, manifestando embora preocupações quanto à situação internacional, não deixavam de acentuar a necessidade de unir esforços para a luta determinante que pode, em Portugal, conduzir a uma alternativa democrática, nem de sublinhar a confiança no Partido como força aglutinadora de vontades democráticas para levar por diante uma campanha eleitoral viva, dinâmica e esclarecedora.

Foi assim em Santiago do Cacém. Voltou a ser assim em Grândola.

O almoço-convívio estava marcado para as 13.30 no belo parque urbano do Rio da Figueira, em Santiago. Havíamos visitado esse local, recuperado, pela Câmara local, há alguns anos. Aí foram construídas piscinas, aí as crianças, os jovens e os adultos do concelho passam os seus momentos de lazer à sombra dos grandes plátanos. Desta vez, duas horas antes, numa grande zona de merendas, já estavam postas as mesas para o almoço e tudo decorado com as cores da CDU. Ia haver festa e a hora era ainda de trabalho, mas já muita gente aguardava o mo-

mento da chegada de Álvaro Cunhal e dava uma ajuda aos camaradas que preparavam o convívio.

A gente nova chegou mais tarde. Havia bandeiras. E as palmas estalaram nas mãos já de mais de duas centenas de participantes. Durante o almoço, mais gente chegou para ouvir a intervenção do secretário-geral do PCP. Na mesa onde tomou lugar sentavam-se também Manuel Sobral, da Comissão Executiva Nacional do CC, António Casmarrinha, membro do Comité Central e da DORS, o escritor Manuel da Fonseca, o Presidente da

Câmara, António Martins, que depois abriu a sessão com uma breve intervenção, candidatos e membros da Comissão Eleitoral da CDU, além de dirigentes locais do PCP.

O camarada António Martins, que apresentou a mesa, salientou que a presença de tanta gente na iniciativa representava também o empenhamento dos comunistas e dos outros democratas, também ali no concelho, na batalha eleitoral, sublinhando que, em Santiago, o PCP e a CDU têm sabido resolver problemas e encontrar soluções para o desenvolvimento do concelho, apesar das difi-



Álvaro Cunhal: A luta em defesa da liberdade, da demo

Na jornada do passado sábado o secretário-geral do PCP, que participou em convívios e visitas aos concelhos de Santiago do Cacém e Grândola, proferiu discursos sobre o actual momento político. Dessas intervenções damos aqui as passagens mais significativas.

Falando sobre o empenhamento dos comunistas para encontrar no nosso país uma alternativa democrática, Álvaro Cunhal acentuou que deverá fazer-se um sério esforço para que os factores externos, por muito delicados e conflituosos que sejam, não prejudiquem esse empenhamento. E afirmou:

«Daí considerarmos que, em relação a estas iniciativas como em relação a muitas outras, é importante, sem deixarmos no momento próprio de esclarecer e de discutir todos os problemas que podem ser decorrentes de situações externas e, naturalmente, dessas transformações importantes e graves que se estão a dar na União Soviética, não devemos deixar que a nossa dinâmica relativa às eleições de 6 de Outubro seja prejudicada no essencial por acontecimentos que não digam respeito à nossa luta em Portugal, à nossa luta em defesa da liberdade, da democracia, dos interesses do nosso povo e do nosso país.»

Substituir o Governo

«Temos um primeiro problema em que certamente nos entendemos todos: é necessário substituir este Governo. Estamos todos de acordo, e muitas vezes o temos afirmado, que este Governo não serve. E não serve pela sua política nas mais variadas áreas da governação. Tomemos a democracia política de que tanto falam. Eles afirmam-se democratas. Mas qual tem sido a sua actuação em relação aos direitos e liberdades dos cidadãos, aos direitos e liberdades dos trabalhadores, ao poder local democrático e à tentativa de o jugularem, de o tutelarem e, de certa forma, modificarem as suas características descentralizadoras, de democracia participativa?»

(...)

«Vemos tendências para modificarem leis de fiscalização da acção governativa», disse. «Vemos toda uma política orientada no sentido da governamentalização do poder político em Portugal.»

(...)

«No que respeita aos direitos dos trabalhadores, natural-

mente pode-se apenas referir este aspecto da acção governativa falando dos direitos sociais. Mas a liquidação dos direitos essenciais dos trabalhadores tem também que ser entendida não apenas no plano social mas no plano político, na medida em que se observa, sobretudo em certas regiões do Centro e do Norte, que em centenas e centenas de empresas já não é permitida a organização sindical, já há discriminação em relação à filiação nestes ou naqueles sindicatos - não se admitindo, por exemplo, trabalhadores que sejam de sindicatos da CGTP, não são permitidas actuações das comissões de trabalhadores nem de delegados sindicais e, mais ainda, aqueles que têm a coragem e têm a honra de defender os interesses dos seus companheiros de trabalho são os primeiros a serem despedidos ou a irem na onda de despedimentos. Isto são ofensas e ofensas graves às liberdades democráticas; são ofensas e ofensas graves à democracia política. «Para não citar desenvolvidamente - isto sem qualquer ofensa para a honra dos jornalistas, dos trabalhadores da Comunicação Social, que em condições bem difíceis procuram romper por vezes as pressões e até as ameaças das chefias, para fazerem um trabalho liso, honesto, de informação verdadeira - os grandes órgãos de Comunicação Social controlados pelo Governo são instrumentalizados para conduzirem uma campanha que é favorável ao Governo e às suas pretensões, e que ilude a gente, engana a gente acerca da política governativa, acerca da posição da oposição, acerca das mensagens que as outras forças políticas lançam para o nosso povo, e com particular discriminação para o Partido Comunista Português e para as outras forças que estão na CDU travando o combate pela liberdade e pela democracia.»

E mais adiante, disse Álvaro Cunhal:

«A democracia política sem dúvida sofreria novos e graves atropelos, graves limitações, se o Governo conseguisse renovar a sua maioria.»

Uma política destrutiva

No que respeita ao desenvolvimento económico, tão decantado como o grande êxito da acção do Governo PSD, o secretário-geral do PCP referiu-se ao «processo escandaloso de privatizações que está a privar o país de um instrumento não só fundamental para o seu desenvolvimento mas de um instrumento importante na conjuntura internacional actual no quadro

da integração na CEE, da defesa da nossa independência e soberania nacional, que é um forte Sector Empresarial do Estado, independente de interesses privados muitas vezes conluídos com interesses estrangeiros e que esteja em condições de ser um elemento motor e dinamizador do desenvolvimento económico nacional».

Mais adiante afirmou:

«Também na agricultura o Governo não tem dado resposta, como não a tem dado na indústria. Vemos sectores da nossa indústria sacrificados, vemos milhares de pequenas e médias empresas que faliram, ou que reduziram a sua actuação, ou que estão em situação de crise. Vemos pequenos e médios comerciantes e industriais lutando com muitas dificuldades. E vemos até - questão nova na nossa vida nacional - que não somos só nós, os comunistas, que dizemos que os processos das privatizações do aparelho produtivo são contrários aos interesses nacionais. Agora já aparecem até grandes capitalistas, por razões diferentes, naturalmente, que dizem que estas privatizações, como estão a ser realizadas, vão significar a entrega ao capital estrangeiro de sectores fundamentais da nossa economia, alavancas fundamentais para uma política de desenvolvimento em conformidade com os interesses nacionais.»

«A política económica do Governo não só não tem assegurado o desenvolvimento que as nossas potencialidades permitem, como tem sacrificado esse desenvolvimento ao processo apressado de restauração dos lucros monopolistas, com sacrifício, no fim de contas, dos interesses nacionais e do desenvolvimento real que corresponda aos interesses do país e do povo.»

«É bem clara a acentuação das chamadas assimetrias regionais - as regiões estão cada vez mais distantes no seu desenvolvimento. E se tomarmos a orla fronteiriça, correremos o Norte pelo Minho e descermos depois pelo Oriente, por toda a zona interior, das Beiras, do Alentejo e, até, do Algarve, vemos toda essa zona interior a desertificar-se, a população a não ter emprego, a fugir para as cidades ou para o estrangeiro.»

«E entramos assim num outro capítulo que é grave, ligado sem dúvida ao desenvolvimento económico, mas que tem igual gravidade na política do Governo. Que é a política social.»

«Que significa o pacote laboral? Significa sem dúvida a liquidação de direitos e liberdades fundamentais. E é necessário não apenas que se trave esse combate genérico quanto ao pacote laboral apontando o que significam esses decretos e o que significaria para a vida dos trabalhadores o Governo vir a ter uma nova maioria que lhe daria ímpeto e força para a aplicação



culdades impostas pela política governamental, e que o reconhecimento desse trabalho tem estado patente nas vitórias absolutas desde 1979 do PCP e seus aliados na autarquia.

Depois a palavra foi dada a Álvaro Cunhal.

Na sua intervenção - que no essencial está reproduzida nos extractos que hoje publicamos, referida aos dois discursos proferidos nesse sábado - o secretário-geral do PCP acentuou a necessidade do esforço a empenhar para a batalha eleitoral. No entanto, sem gorar as expectativas dos presentes, não deixou de se referir aos acontecimentos recentes na União Soviética, remetendo para o Comité Central do PCP uma apreciação mais desenvolvida mas não se furtando a fazer alguns comentários que o momento impunha. A firmeza das suas palavras e a convicção de comunista que nelas imprimiu, arrancou aplausos calo-

rosos dos presentes. Ali, em Santiago, manifestou-se o empenhamento dos militantes e, também, dos aliados do Partido, em prosseguir vigorosamente a luta pelos ideais democráticos. E em dar um contributo importante para uma vitória das forças democráticas nas próximas eleições.

Um acolhimento entusíástico

A festa ia continuar, quando deixámos Santiago do Cacém na direcção de Grândola. Com música. E com o entusiasmo que ali fora deixado pelo convívio em que participara Álvaro Cunhal. Em Grândola, esse entusiasmo iria repetir-se. Chegados ali, à feira da Vila Morena, também com algumas horas de antecedência, já no ambiente da feira reinava uma certa expectativa da visi-

ta do dirigente comunista. Um grupo de bombos e gaitas de foles, vindos do Norte, como que abria a festa e anunciava a presença do secretário-geral do PCP, sob o olhar curioso e agradado dos alentejanos em confronto com uma música simultaneamente estranha e tão portuguesa. Um grupo de jovens agitava bandeiras da CDU e distribuíam targetas. Os gigantes, animados por jovens, davam alegria à festa que começava e chamavam a atenção dos visitantes. E, no pavilhão-restaurante que o Partido manteve na feira, já se temia pela escassez de lugares disponíveis.

À hora marcada, um grupo numeroso de gente aglomerou-se à porta principal da feira. A festa era do som e da cor. Álvaro Cunhal chegou, acompanhado pelo cabeça de lista da CDU pelo círculo de Setúbal, o camarada Octávio Teixeira, membro da Comissão Política do CC do PCP,

por outros candidatos, e pelo Presidente da Câmara de Grândola, camarada Matos Gago, que o guiou na visita a diversos pavilhões.

Matos Gago mostrou a exposição de actividades económicas do concelho e a exposição sobre as actividades autárquicas, que dava conta das obras realizadas e em curso, numa actividade em que os comunistas e os seus aliados têm sido incansáveis no difícil caminho do progresso e ao serviço das populações. No interior dos pavilhões não foi raro ver funcionários e empresários dirigirem-se a Álvaro Cunhal para o cumprimentarem, num caloroso acolhimento que caracterizou todo o percurso até que o alegre e ruidoso cortejo chegou ao pavilhão do PCP, onde os aplausos saudaram a chegada dos dirigentes comunistas e dos candidatos da CDU.

Em torno do pavilhão, que estava completamente

cheio durante o jantar, foram-se aglomerando centenas de pessoas. Na mesa principal do jantar tomaram lugar Álvaro Cunhal, Octávio Teixeira, António Casmarrinha, Matos Gago e a jovem candidata Cristina Vieira, entre outros camaradas e amigos. A animação, a alegria, a confiança, respiravam-se, juntamente com os fumos característicos de uma feira popular. Com impaciência se aguardaram as intervenções. E caía a noite quando interveio, em primeiro lugar, Octávio Teixeira, o cabeça de lista da CDU.

Submetendo a política do PSD no Governo a uma crítica acerada, recordando aos presentes que o PSD teme ser julgado pela sua actuação à frente do Executivo por ter desenvolvido, ao longo dos anos uma política contrária aos interesses dos portugueses, Octávio Teixeira afirmou:

«Nós, o PCP e a CDU,

não temos esse receio. Pelo contrário. Nós queremos que o povo nos julgue pelo que fizemos. Queremos que os eleitores nos julguem pelas dezenas de projectos de lei que apresentámos na Assembleia da República, visando a melhoria das pensões e reformas, a eliminação do emprego precário e dos despedimentos injustificados, a baixa das taxas de juro e do gásóleo, o acesso privilegiado dos agricultores e dos pequenos e médios empresários aos fundos comunitários.»

Depois foi a intervenção de Álvaro Cunhal. Em torno do pavilhão do PCP, muitos visitantes aglomeravam-se em multidão. E os aplausos que sublinharam as palavras do secretário-geral do PCP mostraram a determinação popular em arrancar para a próxima batalha eleitoral com confiança num resultado que contribua decisivamente para a vitória da democracia.

Gracia, dos interesses do povo e do país

do pacote laboral. Representaria sem dúvida nenhuma a sua aplicação, e que muitos dos direitos dos trabalhadores seriam liquidados na realidade portuguesa - o direito ao trabalho, os mil e um pretextos que poderiam encontrar nos textos do pacote laboral para o despedimento completamente arbitrário dos trabalhadores por parte do patronato, e por parte do Estado nas empresas públicas. Este aspecto da política governativa necessita não apenas de ser contrariado pela luta diária. Devemos vê-lo na perspectiva das eleições de 6 de Outubro como uma realidade política que há que modificar. Há que pôr termo a essa ofensiva contra os direitos e liberdades fundamentais dos trabalhadores, e os nossos eleitos, depois das eleições de 6 de Outubro, reclamarão que a nova Assembleia da República eleita revogue o pacote laboral».

«No que respeita à política externa, a política deste Governo é, de certa forma, de submissão a interesses que não são interesses portugueses. Nós estamos na CEE, é uma realidade. Isto implica sem dúvida acordos internacionais, e que haja uma conjugação dos interesses portugueses com interesses que são de outros países, mas isto não significa capitulação».

«Ao contrário, a divisão internacional do trabalho, este processo de integração exige que da parte portuguesa, da parte do Governo português, haja a coragem, haja o brio, haja o espírito da defesa dos interesses nacionais, dos interesses do nosso povo, dos interesses do nosso país, e ir à CEE com propostas construtivas para defesa dos interesses portugueses. Não tem sido essa a posição, tem havido muitas vezes a capitulação perante os interesses estrangeiros e por isso mesmo sofremos, como ressaca na nossa vida interna, muitas decisões de Bruxelas ou de Estrasburgo que depois contrariam a solução de muitos problemas nacionais».

«Não tem sido essa a política do Governo».

«É uma política externa que se manifesta em cada caso num seguidismo, seja em relação aos Estados Unidos seja em relação à CEE, até muitas vezes que se manifesta em declarações para acompanharem os outros sem saberem bem o que é que os outros vão decidir sobre tal ou tal problema grave da vida internacional».

«Mas nós muitas vezes fazemos a crítica à acção governativa e não damos suficiente expressão, nem suficiente desenvolvimento às nossas propostas. E daí até a facilidade com que muitas vezes não só deturpam a nossa mensagem como a falsificam, acusando a CDU e sobretudo o PCP de não ser um partido que defenda as liberdades dos cidadãos, que defenda a democracia política. Já vimos como o Governo entende a

democracia política. E podemos ver, tanto pelas nossas propostas como pela nossa acção - e não é um combate de hoje, é um combate de sempre - que o Partido Comunista Português, e outros democratas que através dos anos nos acompanham nesta batalha, não tem de fazer meças com ninguém na defesa da liberdade e da democracia no nosso país».

Os acontecimentos na URSS

«Sobre os recentes acontecimentos na União Soviética, vai haver no dia 29 deste mês uma reunião do Comité Central do PCP para analisar esta matéria e portanto não quero avançar muito sobre a questão. Mas não quero deixar de dizer também algumas palavras sobre ela:

«A primeira é que a situação existente na União Soviética é ainda mais grave do que era ainda há alguns dias. Podemos dizer que não é apenas preocupante. Que causa mais do que preocupações. É uma situação extraordinariamente grave na perspectiva do seu desenvolvimento».

«Quero dizer que consideramos que a situação que está a ser criada - e desde já extraordinariamente expressa no desenvolvimento de ontem e de hoje - que mostra e confirma a correcção de algumas análises fundamentais feitas pelo nosso Partido acerca da situação existente na União Soviética».

«Para tornar mais claro em poucas palavras o que acabo de dizer: o nosso Partido não bate palmas às decisões tomadas por Ieltsine e pelo parlamento russo para ilegalizar o Partido Comunista da União Soviética. Ao contrário, somos solidários com todos aqueles que na União Soviética estão efectivamente defendendo a democracia, mas não uma política que pode conduzir não à democracia, mas a uma ditadura sob novas formas, e disfarçada à sombra da perestroika».

«Nós vamos reexaminar no nosso Comité Central toda esta questão. Que é complexa, que exige muita reflexão. E desde já quero dizer - o camarada Carlos Carvalhas já teve ocasião de o dizer - que, numa primeira abordagem, na própria Comissão Política, das observações e dos acontecimentos, consideramos que a redacção de um parágrafo que tem sido muito discutido no primeiro documento da Comissão Política, não foi uma redacção suficientemente rigorosa e cautelosa que nos pusesse a coberto de especulações, por um lado, e, por outro lado, de interpretações defeituosas que a própria clareza suficiente da redacção poderia efectivamente autorizar».

«Pensamos que o momento é de reflexão, é natural e até de

exigir que todos os militantes tenham a sua reflexão própria, que pode ser diferenciada. Mas, sobre esta matéria, como sobre as outras, procuraremos chegar a conclusões que correspondam ao sentir e à opinião do nosso Partido. E todos devemos fazer um esforço para que esta questão, que é pesada, ingrata, e que nos veio de fora, não prejudique a dinâmica - que necessitamos de reforçar nos tempos próximos - para a campanha eleitoral e para uma derrota da direita e uma vitória democrática nas eleições de 6 de Outubro».

«Não devemos deixar de afirmar aquilo que queremos, e vencer daquilo que queremos - pelo nosso projecto, pelas nossas propostas, pela nossa acção, que não é apenas acção deste ou daquele momento da vida nacional. É a acção de sempre dos democratas e dos comunistas em defesa da liberdade, da democracia, dos grandes valores humanos, dos direitos dos trabalhadores, dos direitos do povo e do país».

«Mais duas palavras, camaradas: se olharmos para este século XX que está a terminar e se fizermos o historial deste século, nós vemos o que ele foi, em acontecimentos agitados - duas guerras mundiais, quantas guerras coloniais, quantas intervenções, quantas lutas, quantas revoluções, quantos movimentos nos países coloniais, quantas as transformações que se deram neste século. E vemos um momento em que parece que tudo isso querem destruir, fazer voltar atrás toda a história. E alguns riscos há. E têm feito voltar atrás muitas páginas da história deste século. Mas isto não quer dizer que consigam fazer voltar atrás a história, ou que consigam destruir a vontade dos homens de transformar a vida, que é o direito dos homens de acabar com as injustiças sociais, com as desigualdades sociais, a terminarem com a exploração de uns por outros, a terminarem com regimes de violência que exploram e que obrigam a essa exploração. Aquilo que tem sido sempre um ideal através da história - em algum momento de sonhadores, de utópicos, de revolucionários que transformaram a sociedade humana neste século -, isso não morreu nem morre. Isso vive e continuará a viver porque corresponde a aspirações fundamentais do ser humano».

«Por isso quando dizem «o comunismo morreu», falando agora do Partido Comunista Português, nós dizemos: «O comunismo não morreu, nem morre, e o Partido Comunista Português é e continuará a ser um Partido Comunista. Com as suas convicções, com o seu ideal, com a sua consciência de que serve o nosso povo, e com a coragem necessária para defrontar as tempestades, as convulsões, as dificuldades, os conflitos, a complexidade das situações nacionais e internacionais».

Carvalhas no Norte e Nordeste do País

Ambiente de grande acolhimento

No passado fim-de-semana, Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, deslocou-se ao Norte e Nordeste do País, onde participou em diversas iniciativas integradas na pré-campanha eleitoral. O programa da visita começou em Viana do Castelo, onde efectuou um encontro com reformados no salão da Junta de Freguesia de Monserrate. Na sessão, em que estavam presentes mais de uma centena de pessoas, Carlos Carvalhas falou sobre as principais questões da situação política actual, colocando a tónica nos vários problemas que afectam esta camada da população, realçando o importante papel que desempenha na sociedade portuguesa.

Após um beberete, o secretário-geral adjunto percorreu uma artéria da cidade, sendo calorosamente saudado pelos transeuntes e por moradores que lhe enviaram cravos das janelas. Muitos foram os cidadãos anónimos que fizeram questão de se aproximar de Carvalhas para expressar o seu apoio à CDU e ao PCP, frisando que continua a ser uma força fundamental no espectro político nacional. Mais tarde, Carlos Carvalhas encontrou-se com jovens no centro de trabalho local do Partido, a que se seguiu um jantar-convívio com militantes e independentes que encheram por completo o recinto.

Já passava das 22 horas, quando se deu início a um dos grandes comícios do PCP realizados em Viana do Castelo. As muitas centenas de pessoas que ali se deslocaram propositadamente ou que se encontravam instaladas nas esplanadas da Praça da República, seguiram atentamente as várias intervenções efectuadas, aplaudindo com calor os oradores. Em declarações ao «Avante!», Carlos Carvalhas considerou a iniciativa como «um bom comício, não só pela elevada participação, como também pelo entusiasmo e incitamento manifestado».

No sábado, o dirigente comunista dirigiu-se para a região de Bragança, onde contactou com as populações, em Carvalhais, e na capital do distrito. O programa de fim-de-semana terminaria no domingo, no distrito de Vila Real.



Do sul para o norte, desde as margens do Douro à raia de Chaves, Provezenze (Sabrosa), Aljô, Régua, Vila Real e Chaves foram as etapas do itinerário da CDU no passado domingo, por terras do distrito de Vila Real.

Carlos Carvalhas, que sexta-feira tinha estado em Viana do Castelo, e no sábado em Bragança, concluiu o seu «fim-de-semana» de pré-campanha eleitoral no Norte e Nordeste do País.

Como podemos confirmar, apesar dos acontecimentos da URSS, apesar de toda a campanha da televisão e outros órgãos de «informação», no distrito de Vila Real, como já tinha acontecido nos outros distritos, o ambiente é francamente de apoio e de carinho.

À partida existiam alguns factores desfavoráveis para as iniciativas: domingo de Verão, uma parte considerável da organização em férias, um grande número de pessoas fora das suas terras; um domingo de calor, as cidades e vilas esvaziadas em que cada um procurava um sítio fresco, a margem de um rio ou a sombra acolhedora de uma árvore; os acontecimentos na URSS, uma campanha ímpar querendo impor a ideia da «morte do comunismo», querendo transpor esses mesmos acontecimentos para o PCP e tentar criar a imagem de um partido perdido.

E o que podemos ver?

Também aqui, numa região em que a força e a implantação do Partido é naturalmente menor, em que o meio tem sido adverso, difícil, também aqui podemos ver, sentir um Partido sereno, confiante.

Os camaradas, os amigos do Partido, os apoiantes da CDU saíram à rua, afirmaram a sua presença, participaram, apoiaram, aplau-

diram, encheram as iniciativas da CDU neste domingo, em terras de Vila Real, em terras transmontanas.

Não foram cenários construídos, não são palavras construídas para nos iludirmos ou para enfeitarmos o nosso «Avante!».

Foram pessoas «reais», à vista de todos, que a televisão não mostrou porque, entre outras razões, não esteve lá, mas que os jornais e as rádios locais que presenciaram, não deixaram, apesar de tudo, de sublinhar as «centenas de presenças», o «bom acolhimento».

Podemos ver e ouvir não o criticismo doentio ou a discordância, a divergência que hoje é feita a despropósito ou fora de local próprio, pode afectar e afecta a nossa campanha eleitoral, mas podemos ver, sentir e ouvir os militantes e amigos que respondem com a sua presença e que não poucas vezes ao longo do percurso e das iniciativas se preocupavam em expressar palavras de incentivo, de ânimo, de força, de empenho para o êxito do Partido, para o êxito da campanha eleitoral da CDU.

Mentiríamos se não dissessemos que partimos com justos receios para estas iniciativas. Não mentimos ao afirmar que esta jornada deste domingo nos trouxe alegria e confiança. Alegria e confiança para os que participaram nas iniciativas, e para aqueles que embora ausentes tomaram já conhecimento dos seus resultados. Alegria e confiança para os candidatos membros do PCP ou independentes, alegria e confiança para a própria Direcção Regional do PCP — DORVIR.

Por diversas vezes pudemos presenciar e ouvir, com justo orgulho, a afirmação «somos comunistas portugueses».

Naturalmente que havia,

já, justas apreensões, havia, há, dúvidas, houve perguntas, questões que foram e são colocadas, preocupações quanto aos acontecimentos na URSS e os seus reflexos, mas o que procuramos traduzir nestas notas é que não encontramos um ambiente de derrotismo. Encontrámos um ambiente de bom acolhimento não só dentro do Partido, não só entre os apoiantes da CDU, mas entre o povo.

Logo pela manhã, foi a recepção na Junta de Freguesia de Provezenze. António José, Presidente da Junta, outros membros da Junta e da Assembleia expuseram os êxitos e as dificuldades da freguesia. Dos problemas autárquicos,

passou-se para os problemas da vinha no Douro e da agricultura. Um dos produtores de vinho presentes recordou a propósito discursos do ministro Valente de Oliveira, cabeça de lista do PSD no distrito, em que defendeu o corte de benefício no vinho do Porto prejudicando em particular os pequenos e médios viticultores.

Percorreu-se então as ruas desta freguesia CDU, a única no distrito, foi tempo para se ver as obras e o que falta fazer, constatar a falta de apoio da Câmara (PS), interrompidos aqui e ali pelas pessoas que à porta das suas casas aguardavam pela passagem para cumprimentar, para recordar problemas e reivindicações, a

Os preços agrícolas não podem baixar

No passado domingo, Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, fez uma intervenção em Vila Real sobre os problemas dos viticultores da região, de que publicamos os extractos mais significativos:

«Manifestamos a nossa preocupação pela redução do quantitativo de pipas a beneficiar pelo que isso vai significar, de grandes e graves prejuízos para muitos milhares de viticultores, especialmente daqueles que legalizaram as suas vinhas nos últimos anos.

Problema que se agrava se tivermos em linha de conta, que simultaneamente se propõe uma descida dos preços médios a pagar para as uvas destinadas a Vinho do Porto da ordem dos 13%.

Tudo isto se junta à difícil situação com o vinho de pasto (vinho de mesa) ainda por escoar, grande parte da colheita do ano passado, com preços extremamente degradados.

Protestamos por isso contra a política do governo PSD, e sua falta de medidas para a situação concreta dos agricultores.

Como várias vezes o PCP referiu, atribuir benefício às plantações, incluindo ilegais das Multinacionais significa retirar benefício aos viticultores durienses.

Como várias vezes já dissemos não podemos aceitar que se baixe o preço dos produtos agrícolas, enquanto se sobe o preço dos factores de produção — adubos, combustíveis, etc., etc. — das taxas de juro. E como gostaria de sublinhar aqui a falta à verdade da baixa de 30\$00/litro do gasóleo para os agricultores. Porque a verdade é que só vai baixar 8\$50.

Como várias vezes já dissemos não se pode aceitar que se atribua ao vinho do Douro para queima, para intervenção, um preço igual ao de outras regiões, sem ter em conta os elevados custos de produção na Região. O Douro sempre teve preços de intervenção diferentes.

E também estamos contra uma reestruturação da vinha, que desadaptada da região, se torna impossível para os viticultores durienses, que assim ficam impedidos de chegar aos subsídios da CEE com esse objectivo».

Em Bragança

O secretário-geral adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, esteve no distrito de Bragança, no passado sábado, para participar em várias iniciativas de pré-campanha eleitoral.

Foi num ambiente de confiança e simpatia que percorreu a aldeia de Carvalhais (Mirandela), onde foi cumprimentado por apoiantes da CDU e outros habitantes da aldeia, entre os quais o Presidente da Junta de Freguesia.

Sempre acompanhado pelos candidatos da CDU pelo Círculo de Bragança, Manuel João Araújo, Serafim Brás, José Prudêncio e David Garrido, participou num almoço com apoiantes e representantes dos órgãos de comunicação social na Escola Agrícola de Carvalhais. No final do almoço entrevistaram os camaradas Manuel João e Carlos Carvalhas.

A paragem seguinte foi Vila Flor, onde a convite do seu responsável visitou o Museu local.

Ao cair da tarde, e após uma breve paragem em Alfândega da Fé, participou em Bragança num encontro com a comunicação social local e regional, onde respondeu a várias questões levantadas pelos jornalistas presentes.

Após o jantar com apoiantes da CDU, num restaurante da cidade, participou, numa sessão de esclarecimento no Auditório, Paulo Quintela, do Centro Cultural Municipal. Durante a sessão foi apresentada a lista de candidatos da CDU pelo Círculo Eleitoral de Bragança e entrevistaram os camaradas Manuel João Araújo e Carlos Carvalhas, que abordou aspectos da situação política nacional e se referiu à posição do Partido sobre os recentes acontecimentos na URSS.

e apoio

O baptismo da Carolina

Numa longa mesa, ali ao lado, uma família festejava o nascimento e o baptismo da Carolina.

Eram acontecimentos separados.

O almoço de confraternização da CDU, com a participação de Carlos Carvalhas, chegou àquele momento em que se suspenderam as garfadas, a conversa com o camarada ou o amigo que estava sentado ao nosso lado ou em frente, e a atenção virou-se para as intervenções próprias do objectivo deste nosso almoço.

Falava Carlos Carvalhas e a câmara de vídeo que até aí silenciosamente filmava a festa do baptismo, virou a sua objectiva e passou a filmar o nosso almoço. No final, quando as palmas aplaudiam e apoiavam as palavras, sentimos que às nossas palmas se associavam outras que vinham de trás de nós, dessa longa mesa mesmo ali ao lado.

Levantou-se o pai da criança e pediu ao Carvalhas para que segurasse a Carolina porque ele queria registar, no seu vídeo, o momento.

Coube-nos uma parte do bolo, logo a que trazia o nome da Carolina. E falou então aquela que provavelmente seria a avó ou bisavó da Carolina — «o senhor sempre foi um homem educado, nunca insultou ninguém como outros fizeram, vá por diante que nos faz muita falta...»

As palavras foram mais ou menos estas, foram palavras de simpatia, palavras de apoio vindas de uma família da Régua, em festa pelo baptismo da Carolina.

Eram acontecimentos separados, ali debruçados sobre as vinhas do Douro e com o rio lá ao fundo, que se juntaram naquele momento na esperança e com a confiança de um futuro bem melhor para a Carolina e para as crianças deste País.

falta de médico que levou ao encerramento do centro de saúde, o abandono e degradação de casas senhoriais, a situação dos reformados, dos agricultores, da falta de emprego e os magros salários que levam os jovens a partir para a emigração.

Agricultura, Douro, problemas para a produção e escoamento de vinho, falta de créditos, elevados juros, questões que voltaram a estar presentes na visita e encontro que depois se realizou na Adegas Cooperativas de Alijó. No beberete então oferecido pela direcção

da Adegas, recordou-se os problemas que traz a integração na CEE, os erros das negociações, a falta de uma protecção adequada para o vinho do Porto, as enormes preocupações quanto ao escoamento do vinho do ano passado e da colheita que se avizinha, quer para o vinho do Porto, quer para o vinho de «pasto».

No almoço de confraternização na Régua, depois da intervenção do candidato independente Francisco Anastácio, foi a vez da intervenção do Secretário-Geral adjunto do PCP. Ao

lado, numa outra mesa os convivas de uma boda de baptizado convidaram então Carlos Carvalhas a integrar-se também na sua festa.

Em Vila Real, eram já 17 horas, aguardava-nos uma festa-convívio no Jardim da Carreira. Actuou o Rancho Folclórico de Borbela, (Vila Real), e no final da Festa, João Queirós, que nos trouxe as suas canções de Coimbra.

Apresentados os candidatos presentes, fez uma curta intervenção Virgílio Alves, cabeça de lista distrital da CDU. A intervenção de Carlos Carvalhas, que foi seguida atentamente pelos presentes, referiu-se ao abandono do interior, à estagnação da indústria, aos problemas da agricultura. Alertou também para a demagogia e as falsas promessas da campanha eleitoral «em tempo de eleições virão todos prometer que apoiarão os trabalhadores, os jovens, os agricultores... Mas, disse mais adiante, «a prática é bem diferente» ilustrando então com o que se passou quando, na discussão do Orçamento do Estado na Assembleia da República, o PCP propôs e fundamentou um aumento para os reformados». O PSD votou contra, alegando que era muito e não havia dinheiro, o CDS e o PS abstiveram-se com as mesmas razões». — Mais tarde, já quase no final da legislatura, veio o Governo apresentar um reforço de verbas para indemnizações aos capitalistas... do 24 de Abril». «Esta verba era superior à que propusemos para os reformados, mas o PSD votou a favor e o PS absteve-se porque achou pouco...»

Carlos Carvalhas referiu-se ainda aos acontecimentos na URSS, à campanha contra o PCP e terminou salientando a necessidade de derrotar o PSD e de reforçar a votação na CDU

para se construir uma alternativa democrática.

Em Chaves houve um jantar de confraternização. Falaram Tó Barreira, da concelhia do PCP, Joaquim Vassa, candidato, coordenador da União dos Sindicatos do distrito e já no final do jantar Domingos Afonso, agricultor de Dornelas — que apelou ao empenho de todos na campanha, alertando para a direita e para o capitalismo que «nos quer entrar dentro de casa».

Numa sala, que foi pequena para comportar todos quantos quiseram participar no jantar, Carlos Carvalhas referiu ainda como já tinha feito nos outros locais «a falta que faz uma voz da CDU do distrito na Assembleia da República».

Seis deputados do distrito, cinco do PSD e um do PS, nada têm feito pelo distrito, não intervêm, não levaram os problemas do distrito à Assembleia da República, desprezaram a região que os elegeu. Esta a afirmação que foi várias vezes feitas nas diversas intervenções e ainda, a de que, apesar de não termos nenhum deputado eleito pelo distrito, foi o PCP que mesmo assim sempre o defendeu, foi o nosso grupo parlamentar que mais iniciativas, requerimentos, intervenções e projectos de lei produziu em defesa do distrito de Vila Real e de Trás-os-Montes.

Era já noite quando nas margens do Tâmega entre os acordes e as canções do João Queirós e do Tó Barreira, terminava esta jornada da CDU e a digressão de Carlos Carvalhas por terras transmontanas.

Na esplanada do «Sétima Arte», uma noite amena, a frescura do Tâmega a sua tranquilidade e o entusiasmo dos presentes não deixavam que festa terminasse e já passava da meia-noite...

Jovens declaram apoio à CDU

Sessenta jovens de vários pontos do País declaram publicamente o seu apoio à CDU. Entre eles estão sindicalistas, membros do movimento associativo estudantil, desportistas, jornalistas, músicos, e outros ocupados nas mais diversas áreas de actividade. Publicamos de seguida os seus nomes:

- María da Luz, 30 anos, membro do Secretariado Nacional Interjovem
- Fernanda Moroso, 28 anos, trabalhadora autárquica, membro do Conselho Nacional da Interjovem
- Nuno Almeida, 25 anos, pescador — Leiria
- Idalina Reis, 33 anos, membro do Conselho Distrital de Lisboa da Interjovem — Hotelaria
- António Neto, 30 anos, dirigente da Federação Nacional de Trabalhadores-Estudantes
- Palmyra Monsanto, 24 anos, membro da Delegação dos Sindicatos de Santarém
- Paulo Taborda, 28 anos, membro do Conselho Distrital de Lisboa da Interjovem
- Paulo Paixão, 28 anos, membro da Direcção dos Sindicatos dos Metalúrgicos
- Paulo Campos, 24 anos, membro da Direcção do Sindicato de Cerâmica do Centro e do Conselho Distrital de Coimbra da Interjovem
- Jorge Escada, 28 anos, membro da Direcção do Sindicato dos Gráficos do Centro e do Conselho Distrital de Coimbra da Interjovem
- José Jorge Oliveira, 28 anos, membro da Federação dos Metalúrgicos e do Conselho Distrital de Lisboa da Interjovem
- José Pedro Namora, 26 anos, membro do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas e do Conselho Distrital de Lisboa da Interjovem
- Fernando José Paulino, 26 anos, Delegado Sindical do STAL — Seixal
- Paula Gonçalves, 26 anos, Delegada Sindical do STAL — Seixal
- Raquel Helena Pequito, 26 anos, membro da Direcção da AE da ESBAL e do Conselho Pedagógico
- Ana Maria Vicente, 25 anos, membro da Direcção da AE da FAUTL, do Senado da UTL, da Assembleia Universitária da UTL e da Assembleia de Representantes da FAUTL
- Rui Luís Pereira, 25 anos, Presidente da Associação da AE da ESBAL e da Assembleia de Representantes da ESBAL
- Paulo Caetano, 25 anos, membro do Conselho Directivo do ISCSP
- Luís Urbano, 23 anos, membro do Conselho Pedagógico do ISEG da Universidade Técnica de Lisboa
- Maria José Lemos, 21 anos, membro da Assembleia de Representantes do ISEG e do Senado da Universidade Técnica de Lisboa
- Catarina Casanova, 21 anos, membro da Assembleia de Representantes do ISCSP, da Assembleia e do Senado da Universidade Técnica de Lisboa
- Daniel Santos, 24 anos, membro da Direcção da AE, da Assembleia de Representantes e Conselho Directivo da Faculdade de Ciências de Lisboa
- Filipe Rosas, 20 anos, membro da AE, da Assembleia de Representantes, do Conselho Pedagógico e Conselho Directivo da Faculdade de Ciências de Lisboa
- Rosa Guimarães, 22 anos, membro da Direcção da AE da Faculdade de Letras do Porto
- Helena Dias, 25 anos, membro da Direcção da AE da Escola Superior de Educação de Santarém
- Fátima Heitor, 26 anos, membro do Conselho Fiscal da AE da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
- Ricardo Pena, 21 anos, membro da AE e do Conselho Directivo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra
- Gonçalo Avelãs Nunes, 22 anos, membro da Assembleia da Universidade de Coimbra
- Paula Pontes, 24 anos, Campeã Nacional de Judo na Categoria de -52 Kg
- Eulália Maria Romão, 21 anos, Vice-Campeã Europeia e Campeã Nacional de Halterofilismo na Categoria de 44 Kg
- Marcos da Silva, 17 anos, Campeão nacional de Remo na Modalidade de Velocidade Shell 8+ Junior
- Susana Sousa, 17 anos, Campeã Nacional de Halterofilismo na Categoria de 60 Kg
- Claudio Boiao, 18 anos, Campeão Nacional de Xadrez na Categoria de Juniores
- José Miguel, 19 anos, membro da Direcção da Associação Juvenil «Juventude Associada de Soure»
- José Manuel Varela, 26 anos, membro da Comissão de Jovens de Ramalde e do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto
- Cristina Nogueira, 19 anos, membro da Associação de Jovens de Gondomar
- João Paulo Carvalho, 25 anos, membro da Comissão de Jovens de Camarate
- Paulo Silva, 25 anos, Ex-Presidente da AE da Faculdade de Direito de Lisboa, membro da Comissão Dinamizadora da Casa Municipal de Juventude do Seixal
- Paula Salvador, 20 anos, membro da Associação Juvenil de Base Local do Distrito de Setúbal
- Fátima Ribeiro, 23 anos, membro da Associação de Trabalhadores-Estudantes da Escola Secundária Rodrigues de Freitas
- Sílvia Sobral, 16 anos, estudante do Conservatório Nacional de Música de Lisboa
- João Godinho, 23 anos, Músico
- João Filipe, 20 anos, Professor de Música
- Liliana Camacho, 18 anos, Estudante de Violoncelo do Conservatório Nacional de Lisboa
- Jorge Santos, 19 anos, Realizador e Animador de Rádio
- Emídio Gerónimo, 23 anos, Jornalista da TSF
- António Pedro, 29 anos, Técnico de Rádio — Rádio Horizonte Tejo
- Nuno Ramos de Almeida, 26 anos, Director dos Cadernos Política
- Tomás Maia, 24 anos, Artista Plástico
- Alexandre Pereira, 22 anos, Estudante de Artes Plásticas e Desenhador Gráfico
- Nuno Violante, 22 anos, estudante de Arquitectura
- Rui Dias, 26 anos, Gráfico
- Ana Teresa Trassos, 17 anos, estudante Estilista
- Jorge Mendes, 29 anos, Técnico de Juventude da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- Miguel Santinho, 21 anos, eleito na Assembleia Municipal de Sintra
- Alda Tavares, 24 anos, Técnica de Juventude da Câmara Municipal de Loures
- Célia Soares, 22 anos, Técnica de Juventude da Câmara Municipal de Lisboa
- Fernando Algarvio, 23 anos, Técnico de Juventude da Câmara Municipal de Lisboa
- Pedro Maia, 25 anos, eleito na Assembleia Municipal de Lisboa
- João Ricardo, 22 anos, Animador Cultural
- Isabel Silva, 25 anos, Psicóloga e Técnica de Juventude da Câmara Municipal da Amadora
- Salvador Arveles, 20 anos, membro do Conselho Consultivo da Juventude da Câmara Municipal de Cascais
- Paulo Pitelra Leão, 26 anos, Vereador da Câmara Municipal de Loures
- António Santos, 25 anos, Técnico de Juventude da Câmara Municipal do Seixal
- Maria João Macau, 26 anos, eleita no Executivo da Junta de Freguesia de Corroios



PCP

CDU quer desenvolver o turismo no distrito de Portalegre

A CDU está convicta de que o turismo pode desempenhar no futuro um importante papel no distrito de Portalegre. Em documento recentemente divulgado, são apresentadas propostas nesse sentido e manifestado o compromisso e empenhamento de, «em diálogo com todos os agentes, pugnar na Assembleia da República por um efectivo e real desenvolvimento turístico do distrito de Portalegre».

Para a CDU, a região tem uma «localização privilegiada e possui potencialidades ainda não exploradas, capazes de promover a indústria turística e potenciar o desenvolvimento regional».

Refere-se como exemplo as múltiplas potencialidades existentes e insuficientemente exploradas, «os recursos termas, monumental e histórico, o aproveitamento integrado das diferentes vertentes oferecidas pelas barragens públicas, cinegéticos, artesanato e outros».

Segundo se indica, «o turismo é uma das actividades industriais cujos resultados positivos, a curto e médio prazo, melhor efeito podem ter sobre a economia global do distrito, não só pela capa-

cidade de gerar a montante e a juzante outras actividades no domínio económico na região».

Contudo, a CDU constata que apesar das riquezas turísticas do distrito, existem estrangulamentos a vários níveis, que «hipotecam o imediato desenvolvimento do sector».

Entre estes, aponta-se a quase completa ausência, nos últimos quatro anos, de «incentivos financeiros para a instalação de novas unidades hoteleiras. O SIFIT só há poucos meses alargou o seu âmbito de quatro concelhos para os restantes concelhos do distrito». Por outro lado, «as prioridades locais definidas no âmbito do SIFIT são permanentemente secundarizadas por forças das suas inclusões em prioridades nacionais».

O Plano Nacional de Turismo, «nunca aprovado oficialmente, tem constituído de forma incorrecta a base de orientação governamental no sector». A falta de uma estrutura viária eficaz e de uma rede hoteleira de qualidade tem desviado do distrito largos milhares de visitantes nacionais e estrangeiros que

passam pela fronteira do Caia-Elvas.

Por último, a CDU denuncia a ausência de uma visão integrada para o sector, que «tem permitido a publicação, em «Diário da República» de inúmeras reservas turísticas de caça, sem que se conheçam os projectos, ou obras, ou investimentos que possibilitem efectivamente a sua existência e não a sua transformação em coutos privados. A tudo isto, junta-se a falta de formação profissional adequada às reais necessidades do mercado da região, que vem adiando a opção pelo turismo de qualidade».

Para alterar este estado de coisas a CDU elaborou um conjunto de propostas as quais passam antes de mais pela «existência de um plano articulado de turismo, que envolva todos os agentes interessados; a instituição de um fórum de encontro e debate regular entre aqueles, que promova a busca de soluções adequadas ao desenvolvimento do sector; a elaboração de um programa específico de apoio financeiro para criação de infra-estruturas turísticas no distrito com recurso nomeadamente aos fundos comunitários; a

rápida concretização dos projectos para a renovação viária interconcelhia e concretização imediata das novas vias de comunicação, caso IC 13 e da IP 2.

É igualmente reivindicada a integração do concelho de Elvas na Comissão Regional de Turismo de São Mamede, com a abertura de uma delegação da região de turismo naquele concelho, assim como se reclamam medidas que salvaguardem e promovam o património cultural e histórico, nomeadamente a defesa da traça e a recuperação dos centros históricos, desenvolvam o turismo rural e de habitação, defendam o artesanato e a gastronomia regional.

No texto distribuído, a CDU exige ainda a ratificação da lei quadro das regiões de turismo, para corrigir matérias lesivas da autonomia e espírito de iniciativa dos organismos e agentes, tais como as disposições acentuadamente governamentalizadoras e centralizadoras; promover a região através da participação em feiras e certames nacionais e internacionais, estreitando a colaboração com a zona raiana espanhola.

Évora Ser a força política mais votada

Reunida em plenário alargado a quadros das organizações e de frentes de trabalho e aos candidatos a deputados do PCP nas listas da CDU, a Direcção da Organização Regional de Évora do PCP regozijou-se com o balanço das actividades desenvolvidas durante a pré-campanha eleitoral para as eleições legislativas de 6 de Outubro.

«As cerca de uma centena de iniciativas várias já realizadas por todo o distrito — sessões de esclarecimento, debates, convívios — no quadro da CDU, os apoios que de todo o distrito e dos mais variados sectores de vida económica, social e cultural têm chegado e os elementos de informação de que dispomos», levaram a reunião de quadros da DOREV do PCP a estar em condições de afirmar que, «ao contrário de uma recente pretensa «sondagem» sobre o distrito de Évora, estão reunidas as condições para uma boa campanha eleitoral e para serem alcançados os objectivos apontados pela CDU: força política mais votada no distrito; eleição de dois

deputados com reforço das posições da CDU; contribuição para a construção de uma alternativa ao PSD».

No distrito de Évora a CDU é a única força do campo democrático que, visivelmente, está em posição de eleger deputados. O trabalho realizado nas autarquias, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu e noutras estruturas do poder e sociais, as propostas concretas para o desenvolvimento do distrito, da região e do País, a ligação permanente e coerente dos problemas dos

trabalhadores e do povo, o projecto de democracia, socialismo e liberdade, legitimam a afirmação de que o PCP e os seus aliados na CDU são as forças que melhores condições têm para a construção de uma verdadeira alternativa ao PSD».

Avolumam-se os indicadores que apontam para a derrota do PSD mas também são claros os elementos que asseguram que o PS não está em condições de obter qualquer maioria para sozinho poder governar. Neste quadro só uma forte votação na CDU pode

assegurar uma representação parlamentar que garanta a construção de uma alternativa democrática para a qual o PCP tem propostas necessárias ao Governo do País.

No âmbito da preparação da campanha eleitoral a reunião aprovou um programa de acção que prevê a realização de mais de 300 iniciativas em todos os concelhos do distrito, de que se destaca, desde já, a visita a Évora, no próximo dia 12 de Setembro, do Secretário-Geral do PCP, Álvaro Cunhal.



DORBraga prepara orientações da campanha no distrito

Reunida no passado sábado, a Direcção da Organização Regional de Braga do PCP prosseguiu a discussão e preparação das linhas básicas da campanha eleitoral no distrito. Os comunistas de Braga convocaram uma reunião com os candidatos CDU e anunciaram a presença do secretário-geral do PCP naquela cidade, no próximo dia 14 de Setembro, onde cumprirá um programa de contactos com os trabalhadores e a população de vários concelhos, e culminará a visita com um comício em Guimarães. Para 1 de Outubro, estão confirmadas as presenças simultâneas, embora com programa separados, de Álvaro Cunhal e de Carlos Carvalhas.

O PCP considerou, entretanto, «totalmente infundadas» as notícias surgidas na comunicação social sobre as declarações de José Manuel Mendes, membro da DORBraga do PCP e cabeça de lista da CDU no distrito.

Na nota divulgada a este propósito, que publicamos neste número, aquela direcção regional assegura «que nenhuma intriga malévola, nenhuma leviandade lastimável por parte dos adversários políticos da CDU a farão desviar-se do objectivo central de em tudo contribuir para uma alternativa democrática do Governo a Cavaco Silva».

A DORB analisou ainda a situação dos vários sectores da população do distrito que «sentem e vivem as consequências da política cava-

quista». Em particular são apontados «os gravíssimos problemas que atingem em primeiro lugar os trabalhadores da indústria têxtil e as suas famílias, e preocupam um crescente número de empresários e ensombream as perspectivas de desenvolvimento da região».

Igualmente alvo de preocupação é a indústria do calçado, para cuja defesa a DORB exige «a modernização e reestruturação, a estabilidade do emprego, o fim de todas as formas de precariedade, dos salários em atraso, das violações aos direitos e liberdades dos trabalhadores», só possíveis com «uma política e um governo democrático. O PCP acusa ainda a política PSD de ser responsável pela «quebra de rendimentos e ruína dos pequenos e médios agricultores», já que nas instâncias comunitárias «abdica dos interesses da agricultura nacional, promove a importação em sacrifício da produção agrícola portuguesa, mantém os altos custos de produção e de crédito e os baixos preços ao produtor, sem benefício para a população consumidora».

O PCP defende o desenvolvimento agrícola do País, a melhoria do rendimento dos que vivem da terra, a defesa da especificidade da agricultura portuguesa nas negociações comunitárias, o apoio técnico e financeiro, uma política de preços remunerados e a aproximação dos preços dos factores de produção e das taxas de juro às médias comunitárias.

CAMARADAS FALECIDOS

ADRIANO FONSECA

Faleceu recentemente na Amadora Adriano Lopes da Fonseca, militante prestigiado do Partido que integrou várias estruturas do PCP neste concelho e foi deputado à Assembleia Constituinte de 1975. Actualmente era reformado da Cel-Cat.

VÍTOR VITORINO

Faleceu no passado domingo, em Setúbal, sua cidade natal, Vítor Vitorino, que contava 46 anos de idade. Uma súbita alteração do seu estado de saúde colocou-o sob os cuidados intensivos do Hospital de Setúbal durante duas semanas. Vítor Vitorino era membro da Comissão Concelhia de Setúbal do PCP e foi eleito na Assembleia de Freguesia de Santa Maria, em 1982, altura em que encabeçou a lista da APU. Esteve desde cedo ligado ao movimento associativo da cidade, nomeadamente ao Vitória Futebol Clube e à Sociedade Musical Capricho Setubalense. Foi destacado activista e dirigente do movimento associativo dos deficientes, tanto na Associação Portuguesa de Deficientes, como na União da Coordenadora Nacional das Organizações de Deficientes.

Aos familiares e amigos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

À festa!

AMORA-SEIXAL • 6, 7 e 8 SETEMBRO

Avante!

Director

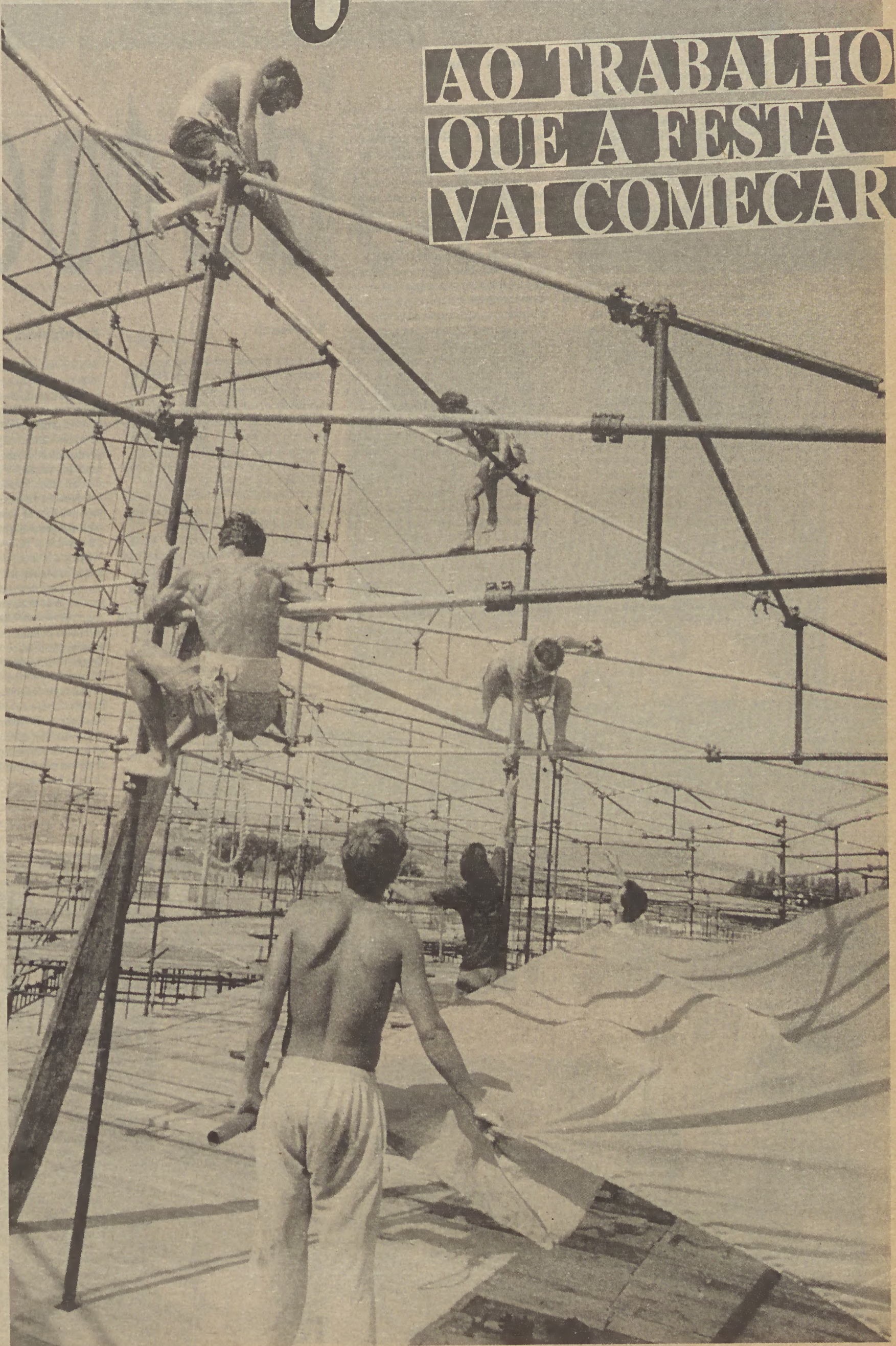
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 11

29 de Agosto de 1991

Não pode ser vendido
separadamente

**AO TRABALHO
QUE A FESTA
VAI COMECAR**



A FESTA

de todas

Todas as músicas vão estar na «festa!». Pop, folk, rock, jazz, vanguarda, experimental, dança, folclore, popular, flamenco, coral, africana. Estilos diversos, várias tendências, culturas diferentes, actos criativos distintos. É também a «festa!» dos que criam a música. São tradições da Festa do «Avante!» que mais uma vez se renovam.

Para a música ouvida em Portugal a «festa!» é, desde 1976, o mostruário mais completo das tendências contemporaneamente determinantes da evolução da música popular de todo o mundo. Compositores, autores, executantes e cantores chegam aqui para mostrar trabalhos que nos países de origem assinalam importantes saltos em frente da respectiva produção musical e são alternativas válidas em géneros diversos, seja para um consumo de massas, seja para públicos especialmente mais restritos. Estados Unidos da América, Brasil, África, América Latina, Irlanda, Escócia, Inglaterra, Itália, Espanha, países do leste europeu. Que outra organização, que outro promotor de espectáculos em Portugal poderá orgulhar-se de ter assim acompanhado a história da música popular do nosso tempo?

A questão será de retórica. O que aqui se afirma é este ano confirmado em presenças como as da Gianna Nannini, Oyster Band com June Tabor, dos Boys of the Lough, de Savourna Stevenson com Aly Bain ou ainda de Rafael Riqueni.

Árvores musicais

A italiana Nannini é, no seu país e neste momento, o nome internacionalmente mais sonante do rock que por lá se faz, particularmente saudada pelas suas actuações ao vivo. Ocupará mesmo um dos lugares de top na Europa, a par de alguns nomes *de ponta* do rock anglo-saxónico. Vem à «festa!» continuar a tradição iniciada por Eugénio Finnardi e pelos Área.

June Tabor e a Oyster Band, com percursos distintos, procuram encontrar na folk britânica raízes que venham a produzir novas *árvores musicais*. A sua reunião para a gravação do álbum *Freedom and Rain* é saudada pela crítica de todo o mundo (portuguesa também) como um dos acontecimentos discográficos mais importantes do ano. O que une e o que separa June Tabor e a Oyster Band será visto na «festa!». É importante conhecer!

Mais tradicionalistas são os Boys of the Lough. É de novo a folk britânica, em forma pura, mais concretamente da Escócia e da Irlanda, com toda a sua alegria, espontaneidade e espectacularidade aqui a ter como aliada a extraordinária capacidade técnica dos músicos que formam este grupo, de onde se destaca o violinista Aly Bain. Bain tocará também na Atalaia com Savourna Stevenson para uma primeira apresentação em Portugal das novas descobertas que essa senhora efectuou para um romântico instrumento: a harpa galesa.

Flamenco

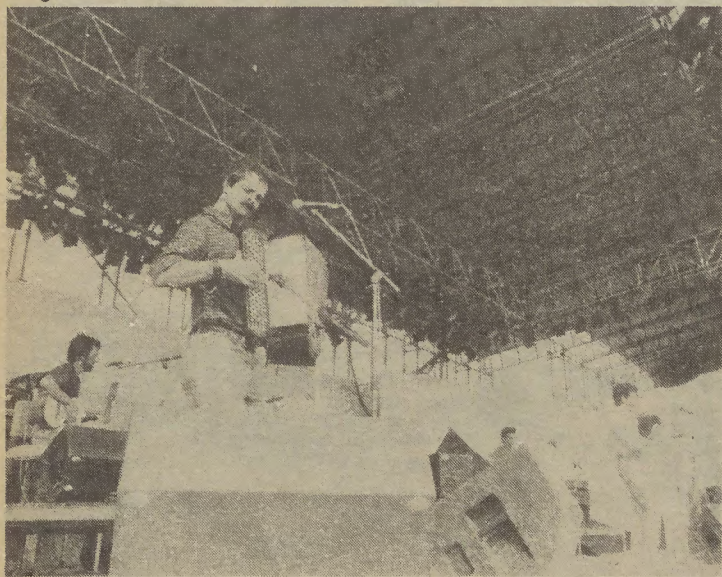
Se estes argumentos não chegassem para fazer desta XV edição da Festa do «Avante!» um importante acontecimento musical, falemos (ainda antes dos artistas portugueses) de Rafael Riqueni, um guitarrista sevilhano que consegue algo muito difícil: produzir novidade, fazer renovar o interesse pelo flamenco respeitando as directrizes determinantes que definem esta música há muitas gerações. Ou então falemos dos Bogus Brothers, a primeira excepção que confirma uma até agora regra da «festa!» - eles são os primeiros estrangeiros que actuam pela segunda vez, em anos consecutivos, nos palcos da Festa do «Avante!». Escaldantes e endiabrados, os Bogus recuperam o som negro da época da Stax. Um quente rhythm'n blues numa noite de verão!

Portugueses

Se a «festa!» é um mostruário importante do que musicalmente se faz por esse mundo fora, tão importante como isso é o património ao longo dos anos amealhado como local de encontro das mais válidas expressões da música produzida no nosso país. Uma festa especial, em cada Festa do «Avante!» Este ano reencontramos Júlio Pereira, com uma nova banda e novos sons, pronto a estrear novos temas que irão ser incluídos no próximo trabalho discográfico. Também António Pinho Vargas, a mostrar ao vivo alguns dos temas fundamentais da sua carreira discográfica com um natural lugar privilegiado para a música incluída no seu mais recente álbum.

A música popular portuguesa tem as presenças do grupo Romanças, da Brigada Vítor Jara e do grupo Sincelo. De rock a escolha é larga: experiências da banda de Nuno Rebelo, os Ploplot Pot, e também dos Pop Del' Arte; a presença da já várias vezes qualificada como «melhor banda portuguesa ao vivo», os Delfins; a possível descoberta de novos nomes como Lobo Meigo, Capitão Fantasma (rockabilly) ou Tina e os Top Ten.

Brigada Victor Jara



Capitão Fantasma

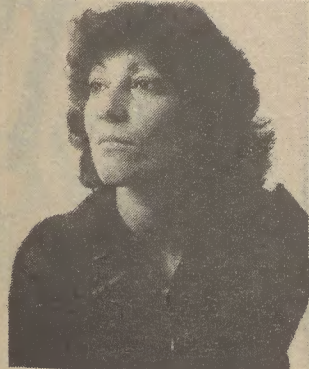


Pop del' Arte

Plotpot Pot



Lúisa Basto



Idéfix



Telectu com Chris Cutler

as músicas



Romanças

Música experimental e jazz

Englobado genericamente naquilo a que chamaremos de «música experimental» dois acontecimentos importantes: a presença de um nome referencial para a história da música portuguesa deste século, Jorge Peixinho; e a actuação do duo Telectu (Jorge Lima Barreto e Vítor Rua) com o baterista Chris Cutler, um dos nomes europeus mais importantes desta forma de expressão musical, músico, compositor, editor de revistas especializadas e responsável pelo lançamento daquela que é hoje, mundialmente, uma das maiores editoras discográficas de música experimental.

Experiências que sucederão igualmente no jazz com dois portugueses a viver no estrangeiro e que dão nome a duas formações: José Eduardo Unit e o Trio de Carlos Bica. Dos Estados Unidos da América aparece-nos o trio do pianista Cedar Walton que inclui o baterista Billy Higgins para um espectáculo que os amantes do género não vão querer perder.

Mas há mais: Eddie Goltz Trio com a cantora Filomena Sousa, Idéfix (Sérgio Pelágio, Alexandre Manaia, Paulo Curado, Bárbara Lagido, Yuri Daniel e André Sousa Machado) e Zê-di-Zastre (Mário Delgado, António Pinto, Alexandre Frazão, Paulo Jorge Ferreira).

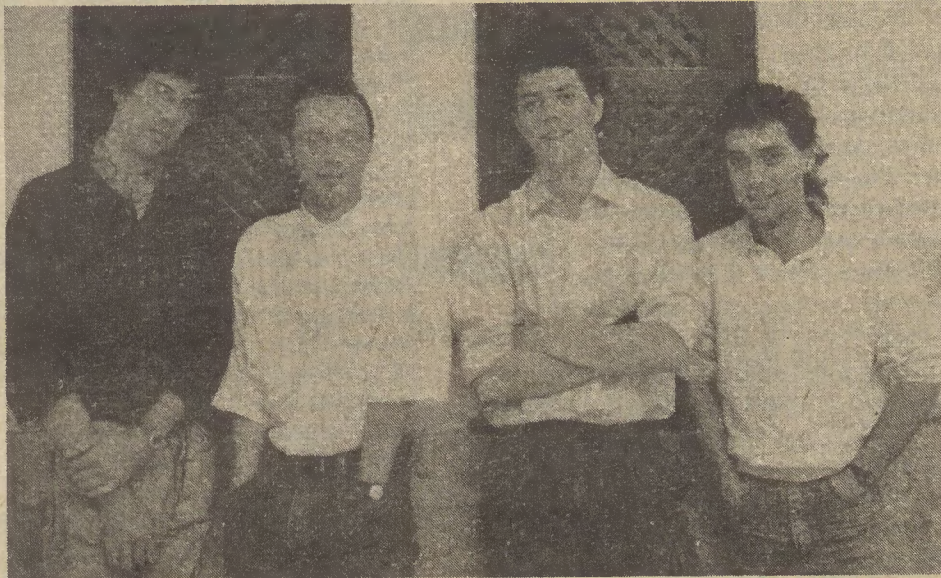
Notas ainda para a presença de uma formação invulgar, nada habitual no domínio da música erudita e que despertará a curiosidade de muitos: trata-se do Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Música.

Vídeo-wall

A música africana de países de língua oficial portuguesa volta à «festa!»: Issabary, Celina Pereira, Dany Silva e Paulinho Vieira são as presenças numa Festa do «Avante!» que marca o regresso ao contacto com o grande público de Lúisa Basto acompanhada pela banda Sphera e a presença de um dos nossos melhores autores de canções: Jorge Palma.

Ranchos folclóricos: Curvaceiras e Boavista (adulto e infantil), Vilar Seco, Seia, Avieiros, grupo de cantares Saías de Bencatel. Baile com o conjunto Niger. O grupo coral da Filarmónica da Amadora. Estamos a falar de músicas que se escutarão no Palco Arraial onde também haverá circo com destaque para o grupo de Karley Aida (palhaços, ilusionistas e outros) e a exibição de acrobatas chineses.

É, de facto, a festa de todas as músicas, com outro prato forte para o aperitivo aqui se serve: chama-se «especial vídeo wall» e vai transmitir concertos, performances, trabalhos de vídeo-arte numa programação no auditório 1.º de Maio que incluirá a vanguarda, o rock, o jazz e a folk. Dir-se-ia a festa de todas as imagens musicadas...



Zê-di-Zastre

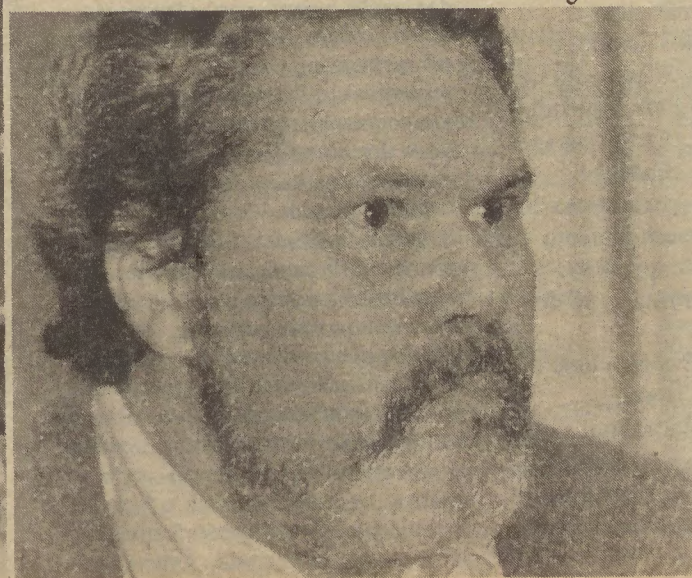


Eddie Goltz Trio com Filomena Sousa

Paulino Vieira

Lobo Meigo

Jorge Peixinho



Trio de Carlos Bica

LISBOA na

Palco de Lisboa

Lisboa-menina gulosa pode trazer chinelinha no pé varino de sal e mar, mas não dispensa uma boa oportunidade para provar o petisco, o doce, a gota de uva orvalhada pelo gosto de saber bem. Por isso, se alguém vir a menina-cidade lambar os dedos e limpá-los depois ao vestido de chita de ir à festa, não lhe ralhe, nem lhe queira mal, porque muitos hão-de fazer o mesmo nos dias de cantar futuro que estão agora connosco.

Vamos então de braço dado à «Cervejaria Lisboa» provar o arroz de marisco, servido num espaço de 400 m² por 140 barris de cerveja ou ao «Restaurante Lisboa» (com serviço de mesa) entrar na grande roda da salada festival do mar que é menu ribeirinho do Tejo-padrinho. Na «Churrasqueira Alfacinha» há 7 metros quadrados de assadores para que ninguém espere mais que o apetite, com tudo o que se faz de churrasco a cheirar a pouco. E na «Taberna Costa do Sol» há salpicos de esperança em cada bolinho de bacalhau ou numa canoa de chouriço que sai na hora certa. Tudo regado pelos «vinhos de qualidade» das flores da região que enfeitam as castas. Bucelas, Colares, Arruda, Torres Vedras, Alenquer, Carcavelos, Cadaval, Sobral de Monte Agraço, ou são só por si alguns dos — vinhos — que tornam o Distrito de Lisboa num dos primeiros produtores nacionais. «As guloseimas» para esta menina Lisboa vestida de festa vão desde a marmelada de Odivelas às trouxas da Malveira, aos fofos de Belas e aos pastéis de feijão e nata de Torres Vedras. Fica para o resto a «Cafetaria do Oeste» (a qualquer hora da festa), as «merendinhas» de Vila Franca a crepitar no forno de lenha e o «Cacau da Ribeira» que é sempre o fim-princípio de qualquer roda de amigos.

Há também o «Mercado Agrícola», o «Artesanato» de cerâmica e verga, com mostras ao vivo, a «Quermesse do Rossio» e a «Feira da Ladra», a ocupar o lugar das velharias, onde Lisboa se remira ladina, qual espelho de espreitar a beleza antiga. Volta-se a página para dar à festa a importância que ela tem como ponto de cruzar conversas, neste grande palco que é a amizade-futuro da gente que se encontra e quer, num abraço camarada. Abraço extensivo e solidários aos 55 candidatos da CDU, por Lisboa, às eleições legislativas, apresentadas em fotos e vídeo, com as biografias dos nossos compromissos inteiros, em local próprio onde a cidade se olhe e perceba. No fundo é isso: Lisboa será mais e maior e ainda crescerá de vontade confiante, nesses rostos de aposta que lhe colocamos no regaço.

É este também o palco da vida que se alonga pelo «Palco Lisboa», onde crianças e adultos têm espectáculos a toda a hora, desde os palhaços e marionetas ao fado que canta Abril aos Grupos e artistas nacionais e à música dos amigos que vêm da Irlanda, de África e vários pontos do País. Colcheias de páginas ansiosas, onde a música e as palavras se dão as mãos e se viram depois para o «Café Concerto» da vida vivida, espécie de cruzamento de ideias, na expressão do amor contado em dialecto africano ou alimentado no jazz como expressão popular, a mesma que Giacometti cantou ao pé do povo quando a ele deu as mãos.

Menina-Lisboa, estes dias são teus. E como disse o poeta das cantigas: «Namorados de Lisboa, à beira-Tejo assentados, a dormir na Madragoa...» É que a marcha da Madragoa, vencedora do concurso deste ano, também vem à festa, porque Lisboa lhe pediu. Bastou-lhe um sorriso de Amor e um cravo de ternura.

Retomando uma prática adandonada há alguns anos, a região de Lisboa tem novamente este ano o seu palco próprio por onde passarão músicas diversas: popular e tradicional portuguesa, fado, rock, africana, «cabaret» francesa. Também palhaços, teatro infantil, marionetas e ginastas acrobatas da China. Nomes em destaque: Jorge Palma, Bogus Brothers e Issabary e a Marcha da Madragoa, vencedora do concurso das marchas populares de Lisboa.

A Marcha da Madragoa estará na «festa!» no sábado à noite, começando o desfile a partir da zona de Aveiro descendo a rua até ao palco 25 de Abril virando depois para a avenida central até à zona da DORL onde actuarão junto ao palco de Lisboa.

No domingo à noite um dos pontos fortes deste palco será a presença de Jorge Palma que a solo recriará as canções constantes do seu último álbum, este ano editado, que recupera por sua vez alguns dos melhores temas do compositor/autor. As canções aparecem agora despidas das roupagens orquestrais com que originalmente foram editadas, resultando numa consequente valorização de poemas e melodias. A sensação é, por vezes, a de pela primeira vez estarmos a escutar Jorge Palma na sua verdadeira dimensão e capacidade criativa como autor de canções.

Para os que não poderem ver os Issabary e os Bogus Brothers no palco principal, ou queiram aproveitar para visitar outros lugares da «festa!», ou ainda, desejem rever a actuação destas duas bandas (que prometem pôr quem os houve em estado de enérgica euforia dançante), poderão aproveitar a sua presença no palco de Lisboa. Os africanos Issabary actuarão sábado à noite e os irlandeses Bogus no domingo à noite.

Rock jovem

Uma das iniciativas que terá o seu culminar no palco de Lisboa é o Festival da Canção Juvenil, que ao longo dos últimos meses movimentou dezenas de jovens bandas portuguesas. Os três primeiros classificados deste concurso vão actuar neste palco. Em primeiro lugar ficaram os Tusa Lusa, banda de Arganil com a qual o «Avante!» manteve uma conversa.

Santa Maria e Jonas, dois dos jovens elementos da banda, manifestaram o seu agrado pela participação na «festa!»: «acreditamos que iremos agradar às pessoas que nos vão escutar, tal como tem acontecido em outros espectáculos por nós efectuados. Aliás, pensamos que todos estarão de acordo com o seguinte: apesar de sermos uma jovem banda, praticamente desconhecida, o facto de termos sido aqui...» dados neste festival e irmos actuar na Festa do «Avante!»

atribui-nos um certificado de qualidade mínima que despertará certamente a curiosidade em muitos espectadores». Canções irónicas, românticas, com humor ou afirmativas em tomadas de posição sobre temas que preocupam muitos jovens portugueses (a tropa e a guerra, por exemplo), fazem parte do repertório desta banda que defronta as dificuldades inerentes à interioridade; «as editoras e os promotores de espectáculos estão todos em Lisboa», lembram-nos.

As canções falam de experiências com que os elementos da banda têm contacto e o som que delas podemos ouvir é bastante variado: desde ritmos

dançáveis até temas «a mandar para o acid» podem ser encontrados em títulos como *Nem à chapada (me levam para a guerra)*; *Cavaleiros do Apocalipse* ou *Vender Mais*.

Capazes de actuar em palco cerca de duas horas, dado o lote de canções já compostas e arrançadas, os Tusa Lusa esperam em breve poder editar um disco, depois da gravação de uma *maquete* num estúdio profissional, onde nove temas realçam as qualidades da banda. Este trabalho foi entretanto apresentado a diversos responsáveis de editoras discográficas, sabendo o «Avante!» ser bastante grande o interesse por alguns manifestado em

Expo política

Fotografias e depoimentos dos candidatos e apoiantes da CDU pelo círculo de Lisboa, de entre os quais se destaca o cabeça de lista, Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, constituem um dos pólos de interesse da exposição política, patente na área de Lisboa, que certamente atrairá a atenção dos visitantes. Em vídeo, poderão ser apreciadas as propostas da CDU para as próximas legislativas e, bem assim, uma detalhada reportagem sobre a actividade dos comunistas nos mais variados domínios da vida do distrito. Na mostra de vinhos de qualidade da região de Lisboa, onde estarão

representados os melhores vinhos dos concelhos de Bucelas, Colares, Arruda dos Vinhos, Torres Vedras, Alenquer, Carcavelos, Sobral, Lourinhã, Cadaval e Azambuja, o visitante poderá também apreciar peças/maquetas associadas ao ciclo de produção do vinho, de grande valor histórico, algumas das quais com mais de cem anos de existência.

Destaque merecem ainda, no quadro das exposições que durante os três dias de Festa estarão patentes ao público, a mostra de aves exóticas e raras de espécies variadas e a exposição de mel com prova e venda.

Declaração de Carlos Carvalhas

«A lista da CDU pelo círculo de Lisboa, da qual tenho a honra de ser primeiro candidato, constitui, pela sua composição, uma garantia de intervenção decidida e competente na defesa dos direitos dos trabalhadores, na solução dos principais problemas da população e no desenvolvimento harmonioso e humanizado do distrito e da região.

Uma lista onde, a par de candidatos experientes e com provas dadas na actividade parlamentar, se encontram muitos outros com intervenção sindical em defesa dos direitos dos trabalhadores, com obra realizada nas autarquias, com intervenção valiosa e criativa na área social, cultural e científica.

Jovens, homens e mulheres, com e sem partido que transformam a CDU num amplo espaço de participação e intervenção democrática necessária e indispensável ao Portugal melhor a que aspiramos.

É de facto possível viver melhor. Há condições, recursos e vontades para um desenvolvimento integrado do País, para a redução das desigualdades sociais, para a elevação do nível e das condições de vida do povo português.

É para tanto necessário que nas próximas eleições se assegure a derrota do PSD e da direita e o reforço da votação do PCP e da CDU, que permita abrir caminho a uma nova política alternativa e democrática.

(Declaração prestada por Carlos Carvalhas para figurar na exposição política patente na área de Lisboa).

Festa

Também em Lisboa:

- **Peace Makers**
- **Marcha da Madragoa**
- **Palhaços**
- **Acrobatas chineses**

estabelecer um contrato de edição com estes jovens.

A banda existe desde 1982, tem «alguns quilómetros de estrada» e já fez primeiras partes de espectáculos dos Xutos e Pontapés. Os seus elementos esperam, depois da «festa!» «conseguir ir para a frente com o projecto», nem que para isso tenham de «marrar contra todas as paredes que nós e outros como nós encontramos neste país».

Dificuldades por certo também encontradas por muitas das outras bandas que participaram neste Festival da Canção Juvenil. Para algumas esta foi uma oportunidade única, esperemos que surjam muitas mais.



• **Bogus Brothers**



• **Issabary**



• **Jorge Palma**



Espectadoras durante séculos, hoje as mulheres optaram decididamente pelo protagonismo. E ei-las, mais uma vez, na «Festa!» com o seu espaço próprio, lembrando que as discriminações continuam a atingir as mulheres, apesar da igualdade consagrada na Lei. Uma pequena exposição lembrará o importante papel das mulheres na vida da comunidade, seja através da transmissão de valores e de elementos de raiz local e regional, seja através da reprodução e renovação da força de trabalho, seja ainda através da sua participação em todos os sectores da vida nacional.

Mas haverá ainda os encontros com as candidatas, ponto alto do programa do Espaço Mulher. Que anseios têm as mulheres? Que compromissos podem as candidatas assumir? Que iniciativas se propõem levar a efeito na próxima legislatura? Estas e outras questões poderão ser abordadas no Pavilhão das Mulheres.

Também na cultura as mulheres têm a sua forma própria de estar. Quem quiser participar dessa outra festa que se desenrolará no Espaço Mulher, a que não faltará o momento da poesia, do teatro, do canto e da dança, não pode deixar de o visitar.

E pode ainda perpetuar a sua passagem pelo Espaço Mulher, posando para a objectiva (*à la minute*), numa cena representando o namoro da região saloia do século XIX.

ESPAÇO MULHER

SETÚBAL

Palco, exposição e restaurantes

Setúbal ficará situada num local fronteiro ao Palco 25 de Abril, no final da Avenida da Juventude (entrada da Medideira) e da Alameda 25 de Abril (entrada da Cruz de Pau)



No espaço dedicado à região de Setúbal, cerca de 20 por cento maior que em relação ao ano passado, destacam-se três vertentes: a exposição política, o palco e os restaurantes. Na primeira delas estão em destaque as propostas legislativas do PCP para o distrito, enquadrada por motivos decorativos particularmente felizes num local onde os candidatos e eleitos do PCP pelo distrito às legislativas de 6 de Outubro estarão presentes para esclarecer e trocar impressões com todos os visitantes que o desejarem.

Palco de Setúbal

Quanto ao palco de Setúbal, é muita e diversa a programação apresentada e inclui rock, pop, dança, música popular portuguesa, teatro, *performance*, circo num espaço onde se enquadra uma vasta esplanada. Na sexta-feira o palco inicia a sua programação às 20 horas com um espectáculo dos Prós e Contras, uma banda rock a que se segue a exibição de acrobatas chineses. Depois começa a dança, primeiro com os Erros Alternados, depois com o conjunto Sinal.

Na tarde de sábado, às 15 e 30, o palco de setúbal reabre com um espectáculo de José Moreira a que se segue de novo o espectáculo dos Derivados do Petróleo. A Música Popular Portuguesa acontecerá a meio da tarde com o grupo Zimbro a que

se seguirá a pop dos Olhos Postos para a noite encerrar com baile dado pelo conjunto Difusão.

Este palco reabrirá domingo de manhã para uma exibição de Dança Jazz com o Grupo de Dança da SFOA. À tarde a música popular volta com Toni Costa a que se segue outro espectáculo rock com os DEMOKRATIA. À noite apresentará um espectáculo de Teatro, *performance* e música pelo Proartis.

Restaurantes de qualidade

Para além da «Tasca do Porco», da cervejaria, vários *snacks* com petiscos e bebidas várias (moscatel, choco frito ou até *hamburgers* são alguns exemplos), a gastronomia de Setúbal vai estar condignamente representada na «festa!» com um aumento e diversificação de oferta possibilitado pela existência de quatro restaurantes.

Um deles, com capacidade para 200 lugares, servirá arroz de tamboril, o mesmo acontecendo com a marisqueira, a churrasqueira e um quarto dedicado à caldeirada de Sines, cada um deles dispondo de 150 lugares. Tantos motivos para visitarmos e ficarmos um pouco lá, por Setúbal!... Uma última nota para referir que de todos os concelhos do distrito de Setúbal partirão directamente para a «festa!» cerca de 60 excursões para as quais os interessados ainda se podem inscrever em qualquer centro de trabalho do PCP.

Corrida da Festa

Ultrapassa já as nove centenas o número de inscrições para a IV edição da corrida da Festa do «Avante!», facto que é apontado desde já como um primeiro garante da repetição do êxito de anos anteriores.

Considerada uma clássica no calendário da modalidade, a edição deste ano volta assim a constituir uma grande prova popular, cuja particularidade reside no facto de reunir não apenas um elevado número de participantes (os chamados atletas de pelotão) como também atletas de elevado nível.

Com partida prevista para as 9.30 horas, do Campo do Amora, no dia 8 de Setembro, a corrida terá um percurso de 14 km, podendo as inscrições ser ainda feitas até dia 2 de Setembro, pessoalmente ou pelo correio, para a Av. António Serpa, n.º 26-2.º Esq. Lisboa.

A atribuição dos prémios aos atletas será feita no campo do Amora Futebol Clube, a partir das 12 horas do dia 8 de Setembro, acto que contará com a presença de diversas personalidades ligadas à modalidade.

Espaço único de convívio e amizade

- Mais de 900 atletas já inscritos

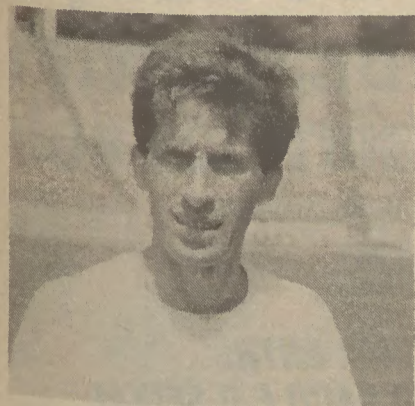


Não se esqueça!

- Se apresentar qualquer problema de saúde, mesmo que seja uma simples constipação, não compita.
- Procure correr num ritmo regular, com uma partida de preferência lenta, aumentando progressivamente o ritmo até ao final.
- Se estiver calor não pense que pode correr com o mesmo ritmo com que costuma correr em clima temperado. Abasteça-se com água desde os primeiros postos, passe uma esponja pelas zonas descobertas do corpo e use um chapéu.
- Não se abasteça com produtos a que não está habituado.
- Mantenha o máximo de desportivismo e não entre em «competições» se o seu objectivo à partida era apenas participar. Boa sorte!

(Conselhos do médico Luís Horta)

Eles apoiam a Corrida da «Festa!»



João Campos, 32 anos, atleta olímpico

«As provas populares são das principais motivações que levam à prática desportiva das grandes massas. É uma pequena competição em que elas se integram, sendo por isso de realçar a sua importância. «Nas provas populares existe sempre a oportunidade de agrupar no mesmo convívio os chamados atletas de «elite» com os de lazer ou manutenção. «Desejo que a prova continue a decorrer nos mesmos moldes, como até aqui, do mesmo modo e com a mesma perseverança, e que continue sempre com o mesmo tipo de festa.»

Ex-atleta do Sport Lisboa e Benfica, actualmente do Maratona Clube de Portugal. Uma das esperanças para Barcelona, João Campos é atleta de alta competição na especialidade dos cinco mil e dez mil metros.



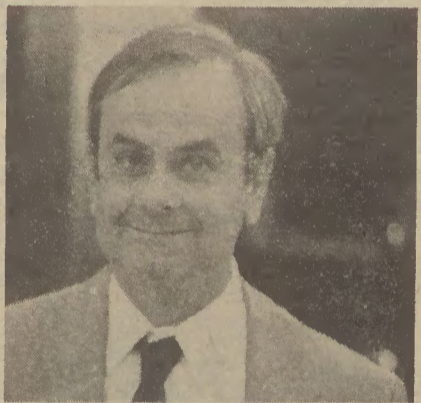
Manuel Aguiar, Presidente da Associação de Atletismo de Setúbal

«Com a 4.ª edição da Corrida da Festa do «Avante!», é dada continuidade a uma prova de Atletismo de valor inegável, quer pela quantidade, quer pela qualidade dos atletas que nela participam, quer ainda pela sua exemplar organização. «Ainda que se trate de uma prova não integrada no Calendário oficial, a Associação de Atletismo de Setúbal, como organismo responsável pela divulgação e dinamização do Atletismo no Distrito, embora na área federada, não quer deixar passar esta oportunidade para expressar o seu apoio incondicional à realização de iniciativas como a da Festa do «Avante!», desde que devidamente enquadradas nos regulamentos da modalidade. «Consideramos que, salvaguardadas estas situações, estas provas servirão de teste para alguns e cativação pela modalidade para outros. «Conseguidos estes objectivos, à Direcção da Associação de Atletismo de Setúbal resta-lhe apenas agradecer e desejar os melhores êxitos desportivos à Organização.»



Luís Horta, atleta Sport Lisboa e Benfica

«A corrida da Festa do «Avante!» é uma manifestação desportiva que todos devemos apoiar pois visa o fomento da modalidade a que tanto nos temos dedicado nos últimos 20 anos. «Embora a sua vertente competitiva seja necessária, não nos esqueçamos que a participação de milhares de pessoas, procurando a preservação da sua condição física, é decerto mais importante. «Como médico e atleta, vejo nestas iniciativas uma forma de promover a



Dr. Henrique de Melo, Presidente da Federação Portuguesa de Atletismo

«As provas populares são louváveis porque é um sinal de interesse por quem organiza as provas pelo atletismo. É uma forma de levar as pessoas a praticar a modalidade em termos globais e, por isso, saudamos a sua organização. «Pensamos que há necessidade de que estas provas tenham um enquadramento técnico e de responsabilização de forma a que o espírito competitivo não seja alterado. «Chamamos a atenção para a importância de as organizações não aceitarem a participação de crianças em provas acima das suas capacidades. «Apreciamos que as organizações sintam que não são só as provas de estrada que constituem o atletismo, deixando por isso o desafio às organizações para que se abalancem a organizar provas de pista, apesar de sabermos que em Portugal não há muitas condições para a sua realização, a não ser no Porto (Maia), Lisboa, Madeira e Viseu. «Estamos a ver se, no caso de Setúbal e por que não no Barreiro — dado que o Estádio Alfredo da Silva já dispõe de uma pista de cinza —, se consegue implementar uma pista de «tartan». É necessário que haja vontade política para o fazer. «Quanto à prova da Festa do «Avante!», os meus parabéns à organização e a todos os participantes.»

prática da corrida na população em geral e assim contribuir para uma melhoria da saúde física e mental dos seres humanos.»

Atleta internacional de alta competição na especialidade dos cinco e dez mil metros, Luís Horta é atleta do Sport Lisboa e Benfica.



Alfredo Monteiro, vereador do Desporto na Câmara do Seixal

«O desporto tem tradições na Festa, cimentadas ao longo dos anos pela qualidade dos participantes (nacionais e estrangeiros), pela grande adesão de atletas que sempre se tem registado nas provas e modalidades, pela participação popular. «A Corrida da Festa desde há muito que constitui um momento alto do programa desportivo, sendo inegável o prestígio que já obteve. «Nas suas edições anteriores, contou com a participação ou o apoio de credenciados atletas e figuras do atletismo português. A prova de 1991 constituirá mais uma vez — estou convicto — uma grande manifestação desportiva, com centenas de atletas participantes e com a adesão da população do concelho — como em 1990 — ao longo dos 14 quilómetros do seu percurso. «Como autarca da CDU, entendo o fenómeno desportivo como acto de cultura e escola de valores cívicos, espaço de formação que contribua para o desenvolvimento saudável dos jovens, para uma melhor qualidade de vida das populações. Ao desporto cabe uma insubstituível função social; que não pode deixar de estar ligada ao próprio progresso nacional. «É este o espírito da Seixaliada (Jogos Concelhios do Seixal/91... São práticas e iniciativas como estas que constituem sérios desafios ao actual Governo (...) que se alheia do espírito de Abril».

Isidro Vieira, treinador do Sport Lisboa e Benfica e da atleta Lucrecia Jardim, medalha de bronze em Plovdiv

«É importante apoiar estas corridas populares, e em especial esta prova do «Avante!», já que elas permitem detectar possíveis fundistas a longo prazo. «O traçado da prova é bom e permite testar se o atleta tem ou não futuro na modalidade.»

Futebol de Salão

«Casa Ana», de Coimbra campeã da Zona Centro

A equipa da «Casa Ana-Loja 49», de Coimbra, sagrou-se campeã da Região Centro na fase de apuramento para o Torneio de Futebol de Salão da Festa do «Avante!» ao vencer por três bolas a duas a equipa representante do distrito da Guarda, o «Café Arcada», de Gouveia. Disputado no recinto desportivo do CRPB Norton de Matos, o jogo constituiu um bom espectáculo de

Momento do jogo disputado entre a «Casa Ana», de Coimbra, e o «Café Arcada», de Gouveia



futebol, nada havendo a assinalar no plano disciplinar. Com esta vitória, a «Casa Ana-Loja 49» representará a Região Centro na fase final do Torneio a disputar nos dias 6, 7 e 8, na Quinta da Atalaia, juntamente com as equipas representantes das zonas do Porto e Lisboa e da região Sul.

A entrega dos prémios referentes ao torneio distrital de Coimbra proporcionou uma animada confraternização entre os participantes

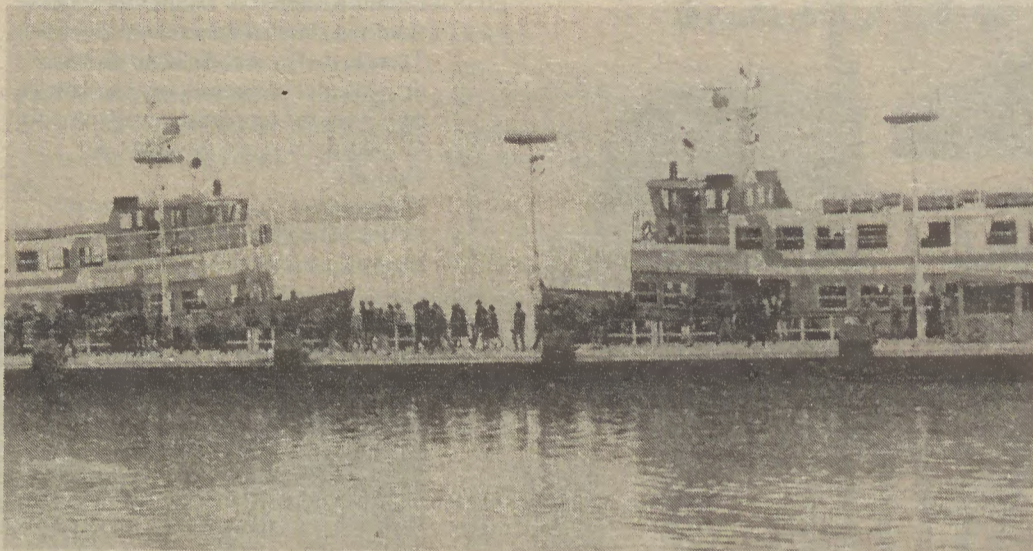
Cicloturismo

Uma prova de cicloturismo vai ocorrer no próximo dia 1 de Setembro, reunindo dezenas de entusiastas que efectuarão um percurso que aproveitará a proximidade do Tejo como atractivo paisagístico, aumentando assim o prazer de todos aqueles que nela vão participar. Englobada em todo um conjunto de provas desportivas que ao longo dos últimos meses têm ocorrido em diversos locais e várias modalidades, tendo sempre como pano de fundo a Festa do «Avante!», esta prova de cicloturismo terá início e fim junto ao acampamento da «festa!» num percurso que a ligará a Almada. A todos os cicloturistas aqui se deseja uma boa viagem.

TRANSPORTES

É fácil ir e voltar da «festa»

● Cacilheiros até ao Seixal



TRANSTEJO

CARREIRA FLUVIAL ENTRE O TERREIRO DO PAÇO E O SEIXAL

Realizam-se carreiras fluviais entre o Terreiro do Paço e o Seixal, que servem os horários da Festa.

Assim, na **sexta-feira**, há carreiras de barcos, nos dois sentidos, a partir das 19.25 horas. A última partida de Lisboa é às 0.55 e, do Seixal, o último barco parte à 1.30 horas.

No **sábado e domingo**, as carreiras têm início às 7.05 horas (do Seixal e de Lisboa) e terminam, de Lisboa à 1.20 e, do Seixal, à 1.35 h. **O preço da viagem é 150\$00.** Os horários em pormenor estão afixados nas estações de embarque do Terreiro do Paço e do Seixal.

● Reforço de carreiras da Rodoviária

RODOVIÁRIA NACIONAL

Cacilhas – Paio Pires (Via Seixal) (*)

Sexta-feira

Partidas de Cacilhas, desde as 7.00, de quarto em quarto de hora até às 21.00. Depois, às 21.15, 21.35, 21.50. Seguidamente, aos 20 e aos 50 minutos, até à 1.55. Regresso de Paio Pires, todos os quartos de hora, até às 20.00. Seguem-se autocarros às 20.20, 20.40, 21.05, 21.30, 22.00, 22.20, 22.35, 23.05, 23.35, 0.05, 0.35 e a última às 1.05 horas.

Sábado e domingo

Partidas de Cacilhas aos 15, 35 e 55 minutos, a partir das 7 da manhã, até às 21.50. Depois aos 20 e aos 50 minutos, entre as 22.20 e a 1.55 minutos. Regresso de Paio Pires aos 15, 35 e 55 minutos de todas as horas até às 19.55. Depois, às 20.15, 20.35, 21.20, 22.00, 22.20, 22.35, 23.05, 23.35, 0.05, 0.35 e 01.05.



Cacilhas – Quinta da Princesa (*) Sexta-feira

PARTIDAS DE CACILHAS			PARTIDAS DA QUINTA PRINCESA		
06.30	12.55	18.25	06.00	09.50	17.10
07.00	13.35	18.40	06.20	10.20	17.25
07.30	14.15	18.55	06.40	10.55	17.45
07.50	14.55	19.10	06.55	11.35	18.00
08.10	15.25	19.25	07.15	12.15	18.15
08.30	16.15	19.40	07.30	12.55	18.30
08.50	16.30	19.55	07.45	13.35	18.45
09.10	16.45	20.15	08.00	14.15	19.05
09.30	17.05	20.45	08.20	14.45	19.20
10.20	17.20	21.30	08.40	15.35	19.35
10.55	17.35	22.55	09.00	15.55	20.05
11.35	17.50	01.45	09.20	16.55	20.55
12.15	18.05				

Sábado e domingo

PARTIDAS DE CACILHAS			PARTIDAS DA QUINTA PRINCESA		
07.40	12.35	18.25	07.00	11.35	16.25
08.20	13.35	19.05	07.40	12.15	17.05
09.00	14.25	19.45	08.20	12.55	17.45
09.40	15.05	20.25	09.00	13.35	18.25
10.20	15.45	21.30	09.40	14.15	19.05
10.55	16.25	01.45	10.20	15.05	19.45
11.35	17.05		10.55	15.45	20.55
12.15	17.45				

(*) É válido o passe social.

Carreira com reforço.

● Carreiras directas

ESPECIAIS

Baixa da Banheira – Medideira

Percurso: Baixa da Banheira, Lavradio, Alto do Seixalinho (no Largo da Junta), Padaria Alentejana, Santo André (Escola), Palhais, Coina e Medideira.

O horário é o seguinte:

Sexta-feira – Partidas às 18.00, 19.00, 20.00, 21.00 e 21.30. Regressos às 0.00, 0.30, 1.00 e 1.30 horas.

Sábado e domingo – Partidas às 10.30, 11.30, 12.30, 13.30, 15.00, 16.00, 18.00, 19.00, 20.00 e 21.00 horas.

Regressos de hora a hora entre as 18.00 e as 22.00. De meia em meia hora entre as 22.00 e a 1.30 horas. Última às 2.30 horas.

PREÇOS

Cacilhas – Quinta da Princesa

- a bordo – 170\$00
- pré-comprado – 124\$00
- meio pré-comprado – 62\$00

Baixa da Banheira – Medideira

- a bordo – 325\$00
- pré-comprado – 279\$00
- meio pré-comprado – 108\$00

Barreiro – Medideira

- a bordo – 295\$00
- pré-comprado – 248\$00
- meio pré-comprado – 108\$00

Seixal – Medideira Vai-Vem

- a bordo – 115\$00
- pré-comprado – 93\$00
- meio pré-comprado – 31\$00

Transportes da Amadora e Cascais

Para facilitar a deslocação à Festa, as organizações concelhias da Amadora e Cascais organizaram transportes e excursões que garantirão, sem mais incómodos, a todos os interessados, a chegada à Atalaia e respectivo regresso nos dias 6, 7 e 8 de Setembro.

Da cidade da Amadora, há transportes garantidos a partir das 17.30 horas de **sexta-feira**, sendo no **sábado e domingo** este serviço assegurado a partir das 8.00 horas. Com o transporte de regresso mantido até ao fecho da Festa, o custo do bilhete de ida e volta é de 400\$00 e de 250\$00 para uma só viagem. Para mais informações ou para adquirir desde já os bilhetes

pré-comprados, os interessados deverão contactar o Centro de Trabalho do PCP na Amadora ou telefonar para o 4941161/2.

No que se refere às excursões de **Cascais**, a sua realização está prevista para os dias 7 e 8 com partida de **Talaíde**, às 8.00 horas, com passagem por **Alto de Tires** (8.15), **Alcoitão** (8.30), **Alcabideche** (8.35), **Alvide** (8.40), **Cascais** (8.45), **S. João do Estoril** (8.50), **Paredo-Esquadra** (8.55), **Rana** (9.00), **S. Domingos** (9.05) e **Sassoeiros** (9.10).

O regresso, nos dois dias, está previsto para as 24 horas e o preço por dia é de 750\$00.

TRABALHADORES

Função Pública

O Governo quer diminuir o poder e a capacidade reivindicativa dos reformados



Há dois anos na gaveta, um projecto de diploma do Governo tenta agora «poupar» 39 milhões de contos no próximo ano à custa dos 700 mil aposentados da Função Pública em Portugal. Os protestos sindicais não se fazem esperar. A Federação (FNSFP) convoca

para 12 de Setembro o seu conselho nacional e assinala desde já que, ao pretender a quebra de vínculo dos aposentados, o Governo tenta «diminuir o poder e a capacidade reivindicativa dos reformados».

Sublinha também a FNSFP, entre os «múltiplos

aspectos negativos» do projecto de diploma, elaborado por um grupo de trabalho sob a alçada das Secretarias de Estado para a Modernização Administrativa e do Orçamento, que, «de imediato, todos os trabalhadores da Função Pública que se reformassem passariam a receber menos cerca de 20 por cento», em comparação com o sistema em vigor.

Além disso, «o acesso à aposentação seria extraordinariamente agravado e dependeria da existência de 36 anos de serviço e 60 de idade. Hoje basta a primeira condição», adianta ainda a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

A FNSFP, que deu uma conferência de imprensa sexta-feira passada, reafirmou a intenção sindical de fazer do próximo mês um período de lutas. Miguel Vital, do Sindicato do Norte (STFPN) especificou que «estão em causa várias questões às quais o Governo se recusa a responder, designadamente as carreiras profissionais da Função Pública».

Não há registos nem identificações

Continuava por tempo indeterminado no princípio desta semana a greve dos técnicos superiores e auxiliares, bem como dos trabalhadores administrativos do Registo Nacional de Pessoas Colectivas (RNPC).

Em greve também, mas no período de 22 a 31 do corrente, continuavam os trabalhadores do Centro de Identificação Civil e Crimi-



Poucos navios entraram nos portos, na semana passada

Greve dos pilotos paralisa os portos do Continente

Cinco dias de greve dos pilotos de portos e barras do Continente paralisavam sexta-feira passada 84 navios em Portugal.

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE), que decretou a greve, dizia à Lusa quinta-feira, 22, que só em Lisboa aguardavam entrada 15 navios, enquanto outros tantos esperavam mudança ou saída.

No porto da capital, ao quarto dia de greve (22), apenas foram movimentados quatro navios ao abrigo dos serviços mínimos.

Na mesma altura, esta-

vam em Leixões 11 navios a aguardar entrada. Para sair havia seis.

Em Setúbal aguardavam entrada seis grandes embarcações e três saída.

Em Sines, enquanto seis navios aguardavam entrada, só quatro foram movimentados ao abrigo dos serviços mínimos.

Na Figueira da Foz aguardavam entrada dois navios e um esperava sair. O mesmo acontecia em Viana do Castelo.

A Agência Lusa, que forneceu estes dados sexta-feira passada, divulgava ainda a situação em Faro:

um navio esperava entrar no porto, um a saída e um outro ainda era movimentado ao abrigo dos serviços mínimos.

O STE acrescentava que a greve se deveu ao não cumprimento do acordo assinado em Maio de 1991 com o Instituto Nacional de Pilotagem.

Referia ainda o Sindicato (STE) que, segundo o mesmo Instituto, o Governo vai publicar um diploma sobre o assunto, que não contempla pontos do acordo entretanto firmado com o Sindicato.

Inspeção Económica Órgãos do Governo desentendem-se

A Secretaria de Estado da Modernização Administrativa e a Direcção-Geral da Administração são acusadas

pela Associação Nacional dos Funcionários de Inspeção Económica de retardarem a aprovação da lei orgânica destes funcionários que decidiram por isso paralisar em 11, 12 e 13 de Setembro próximo.

Segunda-feira passada, o presidente daquela Associação, Pinto de Moura, disse à Lusa que a classe aguarda desde Janeiro a publicação do diploma.

Para o mesmo dirigente da Associação Nacional dos Funcionários de Inspeção Económica, tanto a Secretaria de Estado como a Direcção-Geral «não querem ter em atenção a natureza jurídica da Inspeção Económica».

Segundo Pinto de Moura, a elaboração da lei orgânica teve a colaboração da Secretaria de Estado do Comércio Interno e obteve despacho favorável do ministro do Comércio e Turismo.

Inspectores declaram greve

VÁRIA

Lisnave: em 20 meses morreram 14 trabalhadores. Pondo em causa as conclusões dos responsáveis pela Lisnave quanto aos acidentes de trabalho na empresa, os organismos representativos dos trabalhadores afirmam que «só em 1990 e até Agosto de 1991» morreram 14 trabalhadores estaleiros, devido principalmente às «deficientes condições de segurança e higiene», ao «aumento da precarização do emprego» e aos «ritmos de trabalho impostos aos trabalhadores». Esta posição consta de um comunicado conjunto emitido quinta-feira passada pelo secretariado da Comissão Intersindical, pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul e pela Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal.

Contestado despedimento colectivo na Portline. Numa carta ao ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, o Sindicato da Mestrança e Marinhagem de Câmaras da Marinha Mercante, que recusa o despedimento de 200 trabalhadores da Portline, pede uma reunião urgente ao ministro e recorda que os trabalhadores já foram vítimas de «acção colectiva de despedimento em 1985», quando do desmantelamento da CNN e CTM. Pergunta-se na carta se a entrega dessas empresas da marinha mercante ao capital privado teve lugar por «incapacidade, desleixo, incompetência ou má fé» por parte de quem negocia a «entrega pura e simples de empresas portuguesas e, mais grave ainda, ao capital estrangeiro». Numa outra carta dirigida a Torres Couto, secretário-geral da UGT, o Sindicato pergunta nomeadamente «se é para isto que o Governo pretende privatizar as empresas», e pede a sua intervenção, quer como dirigente sindical, quer como cabeça de lista por Setúbal, «uma área onde o crescimento dos postos de trabalho está a ser assente em pés de barro».

Associação da Polícia não pode afixar documentos. A ASPP, Associação Sócio-Profissional, queixou-se publicamente de que o novo comandante-geral proibiu duas vezes a afixação de comunicados da ASPP nas unidades policiais. Tais atitudes são para a ASPP «uma clara rotura com a linha de diálogo que vigorava na Polícia de Segurança até muito recentemente». Em 9 do corrente foi proibida a afixação de um documento com o balanço da actividade da ASPP no ano passado. A proibição foi um acto administrativo de legalidade duvidosa, considera a Associação.

Agricultores preparam 10 dias de reclamação e protesto

A Confederação Nacional da Agricultura vai promover uma «jornada de reclamação e protesto da lavoura» entre 6 e 16 de Setembro, foi revelado em Coimbra na segunda-feira.

Dirigentes da CNA anunciaram, em conferência de imprensa, que as acções de protesto serão canceladas se o ministro Arlindo Cunha receber a confederação e responder positivamente a «pelos menos, algumas reivindicações».

O Conselho Nacional da CNA — refere uma nota da Lusa — aprovou um documento em que reclama, entre outras coisas, uma «intervenção especial e urgente» no sector do vinho, acentuando que a intervenção prevista pela Comunidade Europeia, que corresponde a 1,3 milhões de hectolitros, «não dá para escoar metade da produção de 1990».

Alerta também para a necessidade de normalizar o

funcionamento dos mato-douros, defende o escoamento e regularização da comercialização da fruta, reclama a fixação do desconto do gasóleo agrícola em 45 escudos e a descida das taxas de juro para investimento na agricultura para a ordem dos 10 por cento.

O saneamento financeiro do sector cooperativo e o aumento das reformas dos rurais são outras das exigências apresentadas pela

Confederação Nacional da Agricultura.

O documento de reclamações, que ia ser enviado ao Governo, dá grande ênfase ao «combate à especulação», frisando que diversos produtos custam aos consumidores várias vezes mais do que rendem aos agricultores.

A CNA acusa alguns mato-douros, e em especial o da Corujeira (Porto), de reterem o gado para abate para «favorecerem irre-

gularmente a especulação com a carne de bovino importada».

António Ferraria, membro do Conselho Nacional da confederação, disse que «a agricultura portuguesa caminha a passos largos para a falência» e considerou que está a ser feito um «autêntico cerco» às cooperativas.

Na sua perspectiva, a «salvação da agricultura passa por uma política de diálogo que faculte a todos a possibilidade de contri-

buírem para alcançar as melhores soluções».

«Se não forem invertidas determinadas políticas, assistiremos a movimentações de agricultores nunca vistas em Portugal», acrescentou.

O dirigente da CNA revelou que as federações de agricultores dos distritos de Leiria e Santarém reunir-se-ão dia 2 de Setembro para se pronunciarem acerca de acções de protesto que «poderão ocorrer no dia 15».

Porto não espera pelas eleições

A Associação de Agricultores do Porto anunciou no dia 22 que decidiu encetar de imediato formas de luta contra a política agrícola do Governo, nos termos da deliberação do plenário de agricultores realizado em Penafiel.

Em comunicado, a APA afirma que «a assembleia de agricultores não decidiu o adiamento das acções de luta para depois das eleições», decisão que contraria declarações do presidente daquele organismo.

Horácio Rangel, referiu à agência Lusa que o adiamento da luta dos agricultores pretendia que nenhuma força partidária se aproveitasse das manifestações dos agricultores em período de campanha eleitoral.

A proposta de congelamento das manifestações não foi, contudo, aceite pela maioria dos 300 agricultores presentes em Penafiel.

«Por muito larga maioria, os agricultores presentes manifestaram-se no sentido de uma acção de protesto e

reclamação a realizar a curto prazo, atendendo à gravidade e urgência de alguns problemas», refere ainda a nota da Associação de Agricultores do Porto.

Na moção, aprovada por

unanimidade, a APA reclama o restabelecimento do diálogo entre a CNA e o Ministério da Agricultura, a suspensão das importações de alguns bens de primeira necessidade, a diminuição dos custos dos factores de produção e a criação de linhas de crédito bonificadas.



Encontro PCP – FENCA

Na terça-feira à tarde uma delegação da Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção encontrou-se com o secretário-geral-adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, e com Agostinho Lopes, da Comissão Política do Partido. Na reunião, realizada no centro de trabalho do PCP na Rua Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa, foram abordados os problemas actuais da agricultura, dos agricultores e das cooperativas

Hotelaria do Algarve

Ritmos violentos e salários em atraso

O Sindicato de Hotelaria do Algarve, ao analisar antontem a situação do mercado hoteleiro na região, constatou «a mais completa anarquia na organização de horários de trabalho», procurando «ritmos de trabalho violentos», acompanhados de salários em atraso.

Para o Sindicato, muitas empresas da região, refere a Lusa, «não estavam preparadas para responder ao aumento da procura que se tem verificado a nível turístico».

Há «quadros de pessoal reduzidos e falta de equipamentos e materiais». O Sindicato acrescenta, por outro lado, que «a baixa capacidade de compra de muitos turistas que nos visitam» é reflexo do tipo de oferta hoteleira que se continua a desenvolver na região.

Quanto aos salários em atraso que, segundo o Sindicato, se verificam ainda

«em algumas empresas» — a expressão é da Lusa — trata-se para o Sindicato de uma situação «contraditória com as capacidades do sector».

O Sindicato de Hotelaria

do Algarve sublinha, por último, que a «chaga dos salários em atraso» se deve à «benevolência de que gozam entidades patronais que fazem dessa situação um modo de vida».

Salários não devem pagar pela inflação

A CGTP afirma que a meta de inflação estimada pelo Governo (11 por cento) não será cumprida, mas que os salários não poderão ser responsabilizados por isso.

Em comunicado que divulgou antontem, a Intersindical prevê que a inflação não ficará este ano abaixo dos 12 por cento. A central considera que o Governo «tem vindo a desenvolver uma campanha que visa responsabilizar o crescimento dos salários pela manutenção de uma elevada inflação».

Para a CGTP, «não há razões económicas que suportem tal análise» e o Governo «tem em vista limitar mais o cres-

cimento dos salários e criar «ambiente» para uma política mais restritiva depois das eleições».

Enquadra nesse contexto a fixação pelo Conselho de Concertação Social de um referencial de 12,5 por cento para a contratação colectiva no segundo quadrimestre do ano.

A Inter recorda que o custo do trabalho tem um peso cada vez menor nos custos de produção e assinala que a evolução dos salários tem estado abaixo dos aumentos de produtividade, enquanto se observa um forte crescimento dos lucros, assinalado quer pelo Banco de Portugal quer pela OCDE.

Emissão de notas poderá passar para privados

— alerta Coordenadora dos bancários

O Banco de Portugal poderá vir a libertar-se da responsabilidade de emitir papel-moeda (notas), passando-a para a banca privada, alertou antontem a Coordenadora das comissões de trabalhadores da banca.

Em encontro com a imprensa, realizado à porta da

Bolsa de Valores de Lisboa, onde decorre a privatização do Banco Fonsecas e Burnay, a Coordenadora acusou o Banco de Portugal de «abandonar ou descurar» a sua responsabilidade de coordenar, inspeccionar e fiscalizar a actividade dos bancos.

Criticou as privatizações na banca, sublinhando que no caso do Banco Espírito Santo se «evidenciou um óbvio apoio aos antigos banqueiros» e que o Banco Português de Investimentos participou na avaliação do Fonsecas e Burnay, aparecendo como concorrente único à sua compra.

Aquela coordenadora afirmou que «o comprador já está à espera do Banco Pinto e Sotto Mayor», adiantando que «é voz corrente que será a família Champalimaud a apanhar aquele banco».

Denunciou, ainda, na concentração de protesto das CT's da banca junto à Bolsa de Lisboa, que o ho-

rário de sete horas diárias «está cada dia mais subvertido» e que os que não aceitam um «horário sem limites e sem qualquer pagamento extra começam a ser considerados maus trabalhadores».

Em comunicado distribuído à população, afirma que o BPI «acrescentou o valor mais baixo» na avaliação do Fonsecas e Burnay, acrescentando que foi realizado no BFB um processo de reformas antecipadas que levou à saída de 600 pessoas, em que «trabalhadores com 15 e menos anos de banco e pouco mais de 30 anos de idade passaram à reforma».

Segundo a Coordenadora, a administração do banco gastou «quase dois milhões de contos» na promoção da imagem do BFB e «atacou a Comissão de Trabalhadores», reduzindo para três o número dos seus elementos a tempo inteiro e cortando salários aos outros desde há sete meses.

INTERNACIONAL

Parar a barbárie em Timor-Leste

● Declarações de Mário Robalo

A repressão da Indonésia em Timor-Leste criou um ambiente de terror que «ninguém consegue imaginar», disse à chegada a Lisboa o jornalista Mário Robalo, que durante cerca de 20 dias esteve em reportagem naquele território.

Mário Robalo, do semanário «Expresso», deu exemplos, afirmando que as autoridades indonésias «cortam os seios a mulheres e violam-nas mesmo em público».

«Às vezes são mais de vinte homens, soldados, e mesmo comandantes, a violar uma mulher em público», disse o jornalista, citado pela Lusa.

«Eu falo todas as semanas com a resistência timorense e nem sequer imaginava metade» do que sucede no território, acrescentou.

Mário Robalo chegou à Indonésia em 27 de Julho, onde esteve quatro ou cinco dias, e depois partiu para Timor. Aqui, em 16 de Agosto, foi interrogado pelo comandante das forças armadas da Indonésia no território durante hora e meia.

As autoridades de Jacarta procuravam deste modo obter informações sobre um eventual encontro entre Robalo e o líder da resistência timorense, Xanana Gusmão.

Mais tarde, em entrevista à TSF, aquele jornalista afirmou que a Indonésia criou em Espanha uma rede de espionagem. Mário Robalo afirmou ter «a certeza» de que essa rede de espionagem indonésia está «sedada em Madrid» e que «alguém» o informou que os espiões «actuem com muito vigor» em Portugal.

Como exemplo referiu que, momentos antes de deixar Jacarta, as autoridades indonésias lhe disseram ter fotos da mulher e possuir muitas informações, nomeadamente sobre toda a sua família.

Relativamente à acção

exercida pelas autoridades policiais indonésias sobre a população timorense, Mário Robalo disse que ela «faz recordar os tempos da barbárie».

«O extermínio não é feito em massa, é mais sistematizado, mais individual. A coacção psicológica exercida sobre a população rural» é de tal ordem, que «irá levar ao extermínio» daquele povo, referiu.

«Os timorenses esperam que Portugal desenvolva acções eficazes para resolver o problema». Se isso não acontecer, «daqui a 20 anos não haverá gente para lutar» contra os indonésios, frisou Mário Robalo.

Acordo no Camboja

As quatro facções beligerantes no Camboja acordaram terça-feira, na redução de 70 por cento dos seus exércitos e no envio dos restantes efectivos para quartéis sob fiscalização das Nações Unidas.

O acordo poderá ser um passo significativo no processo para acabar com uma guerra civil que devastou o Camboja durante mais de 12 anos.

O príncipe Norodom Sihanouk, que preside ao Conselho Nacional Supremo, um órgão que agrupa as quatro facções, anunciou o acordo a meio do segundo dia de conversações em Pattaya, estância turística tailandesa.

Mas Sihanouk advertiu que ainda existem outras divergências entre o governo de Phnom Penh e as três forças de guerrilha que se lhe opõem.

«Finalmente chegámos inesperadamente a uma boa solução para o principal ponto de discórdia - o problema militar», disse ele aos jornalistas. Segundo Sihanouk, os soldados, armas e munições dos quatro exércitos serão reduzidos em 70 por cento. Os restantes efectivos serão reagrupados em aquartelamentos especiais, vigiados por pessoal da ONU.

Continua a não haver

acordo sobre o número e poder do envolvimento da ONU no processo de paz. O governo de Phnom Penh quer um envolvimento mínimo da organização, enquanto os guerrilheiros pretendem uma grande presença e autoridade alargada para a força internacional de paz.

Sihanouk disse que deverá haver em Outubro, em Paris, uma conferência internacional para formalizar um acordo de paz.

Ainda mais ricos... os ricos

As pessoas mais ricas do mundo aumentaram as suas fortunas no último ano, apesar das condições económicas internacionais não terem sido favoráveis em 1990, refere a revista «Fortune», que publica uma lista de «multimilionários».

A lista da «Fortune», citada pela Lusa, regista 202 nomes - mais 20 do que a do ano anterior -, que conseguiram fazer subir a média da fortuna pessoal para 2700

milhões de dólares (cerca de 405 milhões de contos) ou seja, mais 100 milhões de dólares.

À cabeça surge o sultão do Brunei, com uma riqueza pessoal estimada em 31 000 milhões de dólares (cerca de 4650 milhões de contos), provenientes dos negócios de petróleo.

No segundo lugar surge a família norte-americana Sam Walton, líder das cadeias de grandes armazéns, com 21 100 milhões de dólares, es-

tando em terceiro o rei Fahd, da Arábia Saudita, com 18 000 milhões de dólares, retirados de lucros do petróleo e gás natural.

A «Fortune» considera a rainha de Inglaterra a mulher mais rica do Mundo, com uma fortuna pessoal avaliada em 10 700 milhões de dólares.

Desta listagem foi retirado o chefe de Estado do Kuwait, o «sheik» Jaber Ahmed Al Sabah, porque, se-

gundo a revista, não se conhece-se o valor da sua riqueza pessoal foi afectado pela situação no seu país. Da lista foram igualmente retirados os líderes do narcotráfico sul-americanos, bem como o presidente do Iraque, Saddam Hussein.

Entre os 202 mais ricos, o maior grupo nacional é representado por norte-americanos (60), alemães e suíços são 23 cada, seguindo-se ingleses com 14 e japoneses com 12.

Congresso da Frelimo

○ 6º Congresso do Partido Frelimo terminou apenas na madrugada de sábado, quatro dias depois da data inicialmente prevista, devido a uma avaria nos computadores disponíveis para a contagem dos votos na eleição do Comité Central - segundo um telegrama da Lusa. A agência, citando fontes partidárias, anunciava para ontem a eleição do secretário-geral, da Comissão Política e dos restantes organismos de direcção do CC, nomeadamente os secretariados para áreas específicas.

No congresso Joaquim Chissano foi reeleito, com 98,6 por cento dos votos, para o cargo de presidente da Frelimo.

O envolvimento da África do Sul no apoio à Renamo foi, entretanto, confirmado segunda-feira por dois moçambicanos que fugiram do «5 RCCE», regimento especial sul-africano constituído por indivíduos recrutados em países da África austral.

Rebeldes afegãos

Violentos combates entre grupos rebeldes afegãos, que vão já na segunda semana, fizeram «numerosas vítimas» - revelou na passada sexta-feira a Lusa. Num telegrama datado de Peshawar, no Paquistão, a agência noticia uma batalha entre grupos do Hezbe Islami (de Gulbuddin Hekmatyar) e do Jamiat ud Dawa (de Maulvi Jamil ur Rehman) pelo controlo de zonas no Leste do Afeganistão, no decorrer da qual foram utilizadas armas pesadas.

Gulbuddin e mais dois chefes de grupos fundamentalistas anunciaram segunda-feira que iriam boicotar as conversações entre representantes dos grupos rebeldes e das autoridades do Paquistão e do Irão, marcadas para anteontem em Teerão.

Referendo na Serra Leoa

Termina amanhã o referendo sobre a instauração do multipartidarismo iniciado no dia 23 na Serra Leoa. A consulta tem lugar após 13 anos de regime de partido único, dirigido pelo presidente Joseph Momoh, e nele foram chamados a participar 2,4 milhões de serra-leoninos. Os resultados do referendo serão conhecidos no princípio de Setembro. Caso obtenha 50 por cento dos votos, a nova Constituição terá obrigatoriamente força de lei, fixando o mandato presidencial em cinco anos, renovável uma só vez, e estabelecendo que os ministros sejam escolhidos fora do parlamento.

OLP só reclama legitimidade

Rejeitando a posição do governo israelita, que se opõe a qualquer integração de membros da OLP na delegação palestina à conferência de paz prevista para Outubro, Yasser Arafat afirmou que a organização que lidera apenas reclama «legitimidade internacional» ao pretender a sua representação oficial naquela reunião. O dirigente palestino fez aquelas declarações, segundo notícia da Lusa, à chegada ao Sudão, aonde se deslocou para se encontrar com figuras que participam na Conferência Árabe Popular Islâmica, iniciada dia 22.

Itália e Alemanha discutem Leste

○ Os embaixadores da Itália e da Alemanha nos países da Europa central e de Leste vão reunir-se nos dias 14 e 15 de Setembro, em Veneza, para coordenarem as suas posições, segundo revelou o MNE italiano. Gianni Michellis afirmou que os dois países «têm uma responsabilidade em relação à Europa central, donde resulta a necessidade de trabalharmos juntos com novos meios».

De Michellis reclamou no domingo a recomposição dos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Em entrevista ao «Giornale» de Milão retomou as suas afirmações de há alguns meses, defendendo que «o princípio que reconhece o direito de veto apenas aos cinco países vencedores da 2ª Guerra está ultrapassado», pelo que Itália, Japão e Alemanha devem também passar a membros permanentes.

Violentos confrontos na Jugoslávia

Forças croatas e unidades do exército federal, que luta ao lado das milícias sérvias, envolveram-se anteontem pelo segundo dia consecutivo em confrontos violentos nos arredores de Vukovar e Borono Naselje, na Croácia, constatarem jornalistas no local, citados pela agência Lusa.

Nos combates morreram pela menos duas pessoas, que se juntam às 12 vítimas dos confrontos registados segunda-feira na mesma região. De acordo com fontes oficiais referidas pela Lusa, desde o início dos confrontos, a 25 de Junho, morreram mais de 256 pessoas.

Perante a violência dos combates, a Croácia anunciou que decretará a mobilização geral se o exército federal não

regressar às casernas. A resposta da Sérvia surgiu imediatamente, com o vice-primeiro-ministro, Budimir Kosutic, a afirmar que a sua república tomará «medidas adequadas» à decisão da Croácia, sem especificar.

Numa última tentativa para evitar a guerra civil generalizada, iam reunir terça-feira, o presidente croata, Franjo Tudjman, e uma delegação do exército federal, chefiada pelo ministro federal da Defesa, Veljko Kadjjevic.

A situação na Jugoslávia devia ser também um dos principais temas da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, marcada para anteontem em Bruxelas.

Num mundo mais incerto conquistar e construir um futuro melhor

Estando há 12 anos consecutivos no governo, 5 dos quais em governos da sua exclusiva responsabilidade, o PSD faz todos os esforços para dar uma imagem idílica da sua política e da situação do País e para esconder os seus propósitos futuros.

É certo que fruto de uma conjuntura externa, extremamente favorável e da entrada de mais de 700 milhões de contos de fundos comunitários em grande medida para compensar prejuízos futuros, houve crescimento económico. Mas o crescimento não significou desenvolvimento com garantias de futuro, nem permitiu ultrapassar as fragilidades da nossa economia. Portugal é, após estes anos de política de direita do PSD, um País mais vulnerável, mais dependente, em que se acentuaram as desigualdades sociais e as assimetrias regionais, um País que não só continua na cauda da Europa, como está cada vez mais distante dos níveis de desenvolvimento dos restantes países.

A realidade de Portugal hoje, a verdade profunda sobre os resultados da política do PSD não pode ser encontrada no palavreado do Governo, na fúria inauguracionista ou no desfile exibicionista de tudo o que é ministro ou secretário de Estado. A verdade destes anos de política do PSD, a realidade profunda de Portugal tem que ser encontrada nas marcas que a política de direita está a deixar na vida nacional, no dia-a-dia da vida das pessoas, nas situações humanas, nos obstáculos com que deparam e que nem sempre as estatísticas traduzem e muitas vezes a comunicação social não trata.

A verdade é que o PSD com o processo de privatizações das empresas mais lucrativas do Sector Empresarial do Estado está a desarticular alavancas fundamentais para o desenvolvimento do País.

Quando mais do que nunca com a integração europeia se exigia um Sector Empresarial do Estado forte, dinâmico e reestruturado como base para o progresso do País, o Governo desmantelando-o, colocando-o nas mãos de grupos privados, em grande parte estrangeiros, cria condições para estas empresas serem geridas não na óptica do interesse nacional, mas sim na óptica da estratégia de grupo de uma qualquer multinacional que só por acaso poderia coincidir com os interesses do nosso país.

A verdade sobre a política do PSD está na governamentalização desestabilizadora do regime e das instituições democráticas, no ataque ao Poder Local democrático, no adiamento da regionalização, na menorização da Assembleia da República, no afrontamento com a Presidência da República, na manipulação da comunicação social, no crescimento tentacular do controlo do PSD aos vários níveis do aparelho de Estado, e na prepotência a que se associam outros projectos de ataques aos direitos e liberdades, nomeadamente o estabelecimento de ficheiros dos cidadãos e a tentativa de subversão do sistema de representação proporcional.

A verdade sobre a política do PSD está na instabilidade social que provoca.

É elucidativo da política do Governo e do seu projecto que neste final de século, quando mais elevados padrões de direitos e condições de vida se colocam e numa situação caracterizada por uma acentuada precariedade dos vínculos de trabalho, o PSD venha com o pacote laboral promover ainda mais a instabilidade nos postos de trabalho. Para o PCP, o caminho a seguir é outro.

Queremos que haja sucesso para Portugal e para todos os portugueses e não como tem acontecido com a política do PSD em que o sucesso se traduziu na acumulação de novas grandes fortunas, enquanto aos trabalhadores são retirados direitos e garantias e são recusadas condições de vida ao nível das exigências da época em que vivemos.

É também elucidativo que durante os últimos anos, os reformados e pensionistas não tenham visto as suas pensões actualizadas de acordo com as possibilidades existentes. O sr. Primeiro-Ministro devia corar de vergonha ao falar das condições de vida dos reformados quando contribuiu para o alargamento das desigualdades sociais, quando o seu Governo gasta 40 milhões de contos no Centro Cultural de Belém e quando ele próprio recebe tanto num mês como um reformado com pensão mínima do regime geral recebe em dois anos e dez meses.

É elucidativo ainda que os jovens alvo de uma intensa campanha de aliciamento por parte do poder também não tenham visto resolvidos os seus problemas essenciais, e continuem a não ter emprego certo, e remuneração adequada, a ser confrontados com a elitização do ensino que este ano vai deixar cerca de 50000 candidatos fora do ensino superior e a deparar com crescentes dificuldades

de acesso à habitação que os obrigam a esforços financeiros inoportáveis ou ao adiamento do início duma vida independente, anunciando-se projectos no âmbito do pacote laboral dos processos de avaliação e de aumento generalizado das propinas extremamente negativos.

A verdade da política do PSD está ainda nos escândalos e na corrupção que tem constituído uma característica da acção da direita no poder. Foi o ministro Cadilhe com os perdões da sisa para compra de casa. Foi a ministra Beza e o Ministério da Saúde com muitos milhares de contos a sair dos cofres do Estado para empresas do grupo e da família, em alguns casos para pagarem campanhas publicitárias que não aconteceram. Foi o desvio de verbas do Fundo Social Europeu em nome de cursos que não existiram. São os perdões fiscais do secretário de Estado Oliveira e Costa aos seus amigos, num caso a uma empresa ligada a uma célebre rede de contrabando, ao mesmo tempo que exige a todos os portugueses e às PME's o pagamento integral dos impostos.

É a campanha das privatizações feitas cada vez mais por medida em combinações preconcebidas, com referências de ilegalidades e negócios escuros em 10 das 14 privatizações efectuadas. E é ainda o novo escândalo, da atribuição de milhões de contos de subsídios a empresas, em grande parte estrangeiras para a criação de postos de trabalho, dinheiro que é entregue, postos de trabalho que são contados nas estatísticas, mas que não são criados de facto, embora sirvam para o Governo dar uma imagem fictícia da sua política gabando-se daquilo que não fez.

Só no distrito de Setúbal e apenas em seis empresas (IOLA, IVA, UMM, GEFA, Helly Hansen e Tronitec) foi dado mais de 1 milhão de contos para a criação de postos de trabalho e no conjunto destas empresas, não só não foram criados mais postos de trabalho, como o número de trabalhadores diminuiu mais de 500.

Perante tal política e as consequências que dos projectos do PSD resultariam para o futuro do País, coloca-se aos democratas como questão central do momento que vivemos a necessidade de sustentar a política de direita, de assegurar uma viragem democrática a partir das próximas eleições.

Este resultado está ao alcance do povo português.

O PSD, consciente de que tem realizado uma política que entrou em choque com os interesses dos mais diversos sectores sociais de que é exemplo actual a movimentação dos trabalhadores dos transportes e dos agricultores, vendo em cheque a sua linha manipuladora e inauguracionista, está receoso do resultado das eleições.

É acima de tudo esse receio que justifica um largo conjunto de operações para convencer os democratas daquilo que ele próprio não está convencido.

Neste âmbito se insere a multiplicação de sondagens com vícios de elaboração e um tratamento de alguns órgãos de comunicação social que transforma os seus resultados mais ou menos manipulados em resultado das eleições.

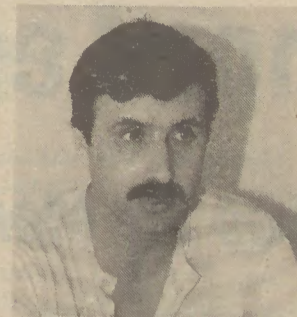
Com as dúvidas que tem sobre os resultados eleitorais e perante a perspectiva duma importante viragem política, o PSD vai continuar os seus esforços com novas sondagens, instrumentalizando o aparelho de Estado e a comunicação social, com gastos de centenas de milhares de contos em grandes operações de rua, com novas operações políticas, na tentativa de quebrar a confiança dos democratas, de estimular conflitos entre as forças democráticas.

Mas tudo está para decidir e quem vai decidir, quem fará os resultados das eleições de 6 de Outubro, não será este ou aquele manipulador de sondagens, vai ser o povo português com a sua experiência.

Este é pois o momento, para os democratas analisarem serenamente a situação e, não dando trunfos ao PSD, intervirem de modo a que o grande objectivo democrático da derrota da direita seja alcançado.

Uma alternativa democrática, uma nova política e um novo governo, exige objectivos claros, coerência e determinação.

O PS continua a manifestar as suas hesitações e cedências. Está hoje claro que a sua posição de cedência ao PSD na revisão da Constituição abriu caminho para a aceleração do processo de privatizações e facilitou um maior domínio da comunicação social pelo PSD. O PS assumiu grandes responsabilidades no andamento do pacote laboral e na entrega de mais de 40 milhões de contos aos ex-monopolistas (que até considerou insuficientes) e aparece já com disponibilidade para cedências na subversão do sistema eleitoral de representação proporcional.



FRANCISCO LOPES
Membro da Comissão Política e do Secretariado

Em 6 de Outubro num mundo mais incerto os portugueses vão ter a oportunidade de afastar a política de direita, de contribuir para a construção de um Portugal melhor

A evolução política tem confirmado por outro lado que a ideia da maioria absoluta do PS não passa de bluff, sendo uma evidência que só a convergência dos democratas pode permitir uma nova solução governativa. Entretanto o PS não clarifica a sua política de alianças, ficando a dúvida se está disposto à convergência dos democratas ou se, retomando tristes experiências do passado, vai aliar à direita.

A pouco mais de 1 mês das eleições é claro que o PS só por si não representa a garantia duma alternativa democrática. Na situação actual, perante as hesitações, cedências e compromissos do PS, uma forte expressão eleitoral da CDU, uma forte representação parlamentar do PCP e dos seus aliados, são o elemento catalisador da derrota da direita e a construção de uma alternativa democrática à política e aos governos dos últimos anos.

Apoiar a CDU é apoiar, para além da convergência das forças democráticas, uma força que vale por si, pela sua natureza, pelas suas propostas, pelo projecto para uma sociedade livre e um Estado de direito democrático e participado, para um desenvolvimento harmonioso e solidário, para uma vida melhor, para um Portugal livre e soberano.

Apoiar a CDU é apoiar uma força com provas dadas nas autarquias, na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, que se caracteriza pelo trabalho, a honestidade e a competência.

Apoiar a CDU é apoiar uma força que tem soluções, experiência, vontade e quadros em condições de contribuir na Assembleia da República e no governo para um novo dinamismo na resolução dos problemas de Portugal e dos portugueses.

A CDU não é um equívoco, ou uma incerteza, apoiar a CDU é apoiar uma força que dá garantias de coerência e determinação ao serviço do povo e do País. O voto na CDU em 6 de Outubro é assim, com toda a confiança, o voto certo, seguro, necessário e útil, para a alternativa para um Portugal melhor.

Os acontecimentos de excepcional gravidade em curso na URSS e a sua repercussão no mundo, as incertezas que criam, as condições mais difíceis para os direitos e a luta dos trabalhadores e dos povos, reforçam hoje mais do que ontem o papel do Partido Comunista Português, exigem hoje mais do que ontem uma forte expressão eleitoral da CDU, uma forte representação parlamentar do PCP e dos seus aliados.

Somos um partido que se orgulha da sua natureza, objectivos e ideais, com sólidas raízes nos trabalhadores e no povo português, que intervém combativamente e não se acomoda à política mais ou menos agressiva de qualquer governo, que não se submete às violentas campanhas que visam quebrar a sua capacidade de decisão independente e a sua influência.

Somos um partido com propostas, alternativas e soluções que se empenha aos mais diversos níveis na resolução dos problemas das pessoas, na construção dum futuro de liberdade e bem-estar, um partido com um património ímpar de luta pela liberdade e a democracia cuja resistência, acção e luta é visível na sociedade portuguesa, nas conquistas democráticas, em tudo o que de mais positivo existe no nosso país.

Um tal partido, coerente, que não teme as dificuldades, expressão da classe operária e do povo, ligado à vida e aprendendo com ela é nos incertos dias de hoje, mais e não menos necessário, na defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, do regime democrático, no caminho duma democracia avançada e no contributo para a luta de libertação social e nacional dos trabalhadores e dos povos.

A classe operária, os trabalhadores, os agricultores, os pequenos e médios empresários, os jovens, os intelectuais, o povo português, a democracia, Portugal pode contar com o PCP, hoje, como sempre.

Este é o momento para, independentemente de diferentes opiniões, serenamente unir esforços e dinamizar uma intervenção para o reforço eleitoral da CDU para fazer de 6 de Outubro uma data de viragem para o encontro de Portugal com os caminhos do futuro, para uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

Estórias alentejanas

■ Miguel Urbano Rodrigues

Mértola esquecida mas viva

Passei dois dias em Mértola, na pré-campanha eleitoral. Foi uma tarefa gratificante.

Mértola não é somente uma colina sagrada da cultura portuguesa. Conheço burgos antiquíssimos, semeados de monumentos prodigiosos, onde o cenário envolvente se degradou. Rompida a ponte entre as pedras do passado e as estruturas do presente, não há comunicação, tudo parece gélido.

Não é o caso de Mértola. Ali, quando ao amanhecer, ou a meio do poente, contemplo do castelo a vila velha ou a meio do poente, contemplo do castelo a vila velha e sinto que se mantém intacta a harmonia que no caminhar dos séculos nasceu de fusões muito complexas. Os séculos não se chocam. Há intimidade das casas com o povo que nelas vive, entre as ruelas medievais e os paredões escuros da muralha medieval, entre a mesquita e o grande rio verde.

Mértola, que fora o principal porto romano e árabe do Guadiana tinha perdido essa função, inseparável do seu desenvolvimento, quando D. Sancho II a conquistou. Foi então praticamente esquecida. Colocada à margem das rotas comerciais e de povoamento, escapou a vandalismos renovadores que desfiguraram tantas cidades e vilas portuguesas.

Mas esquecida continua. São muitos os veraneantes que, rumo a Vila Real, passam por ela sem a ver.

Nesta visita tive a sorte de encontrar o meu amigo Cláudio Torres, intelectual tão atípico que trocou a perspectiva da cátedra universitária pelo sítio arqueológico de uma acrópole fascinante erguida nos penhascos do Guadiana. Hoje, a dimensão e o significado da herança de Roma e a importância e especificidade do legado islâmico levam-no ainda a hesitar. A longo prazo a opção por uma das Mértolas implicará o afastamento progressivo da outra. É duro para quem carrega dentro tamanha fome da história profunda.

Escutando-o, tive a oportunidade de visitar uma casa islâmica integralmente recuperada. Não é um palácio e sim achado mais raro: uma residência de morador abastado que nos abre portas para a intimidade de uma família muçulmana, ou seja para um quotidiano ainda fechado pelas neblinas do período almoade.

Alegrou-me descobrir em Mértola tanta gente jovem, vinda de fora, ocupada na quadra de férias, em trabalhos ligados, directa ou indirectamente, ao mundo de um sítio arqueológico que, sendo fabuloso, como os evocados na *Iliada*, é também real. Até estrangeiros, sobretudo marroquinos, ali chegam, atraídos pelo prestígio do trabalho empreendido pela equipa do professor Cláudio Torres.

A população da vila (1300 hab.), contrariamente ao que ocorre em situações similares, não se limita a respeitar o que a história lhe deixou. Voltei a sentir que os moradores amam a vila velha como se fora gente, tal como amam a sua mesquita, as escavações do que foi de Roma e do Islão, as portas chanfradas, as lajes poídas do século XII que dão acesso a encantadoras casinhas de taipa assentes sobre alicerces que no correr do tempo suportaram outras casas onde viveram sucessivas gerações de mertolenses.

No concelho a taxa de analfabetismo é elevada. Apesar disso, mesmo naqueles que não sabem ler afloram manifestações da velhíssima cultura popular alentejana. As raízes sobem a Roma e ao Islão. São identificáveis nas casas, nas colunas, nos capitéis, nos vasos, nas telhas que nos antepassados daquela gente acumularam no cerro esplêndido cujo ventre continua recheado de ruínas de um grande passado. É em tal cenário que o povo de Mértola vive.

O concelho, hoje com menos de 11 000 habitantes, figura entre os mais envelhecidos do país. Nas muitas aldeias que visitei quase não vi homens e mulheres jovens. Os poucos que restam andam pela Suíça, pela França ou pelo Algarve, a maioria atraídos pela emigração sazonal.

A Câmara CDU é muito respeitada. Com recursos mínimos, tem realizado obra notável. Dos 130 povoados existentes nos 1280 km² (quase o dobro da superfície da Ilha da Madeira) não há um que não disponha hoje de água; quanto à energia eléctrica está prestes a ser instalada nos últimos cinco «montes» que não eram beneficiados.

Não exagero ao afirmar que a CDU obterá nas próximas eleições uma votação maciça em Mértola. O Governo, esse, é alvo de críticas generalizadas e contundentes.

«Até dá raiva a gente ouvir o Cavaco na televisão com aqueles ares de benfeitor, a falar como se fora Nosso Senhor Jesus Cristo — ouvi de um homem idoso de Corte Sines — quando a única coisa de que eles se lembram de fazer em Mértola é transformar o concelho na maior reserva de caça do país. Metade já está coutado... Pode ficar ciente de que o PSD vai levar poucos votos de Mértola. O Cavaco mais os ministros dele não enganam a gente...»

O desprezo do Governo pelo património cultural da região é tão evidente que dispensa qualquer comentário. Na Secretaria de Estado da Cultura a noção do que Mértola significa, como património único, deve ser muito nevoenta, não obstante o interesse que a pequena vila do Guadiana suscita mundo afora nos mais prestigiados centros científicos e universitários.

De Ficalho à Amareleja

Uma experiência diferente

Foi uma experiência nova acompanhar o general Vasco Gonçalves numa ronda de dois dias por terras de Serpá e Moura.

Tanto o João Rocha como eu, ambos candidatos pelo Distrito, pouco falámos desta vez. O contacto com as populações de uma área que conhecemos bem diferiu do habitual. O que vimos e ouvimos confrontou-nos a cada hora com o inesperado, num convite permanente à reflexão.

O general Vasco Gonçalves apoia a CDU e é por se identificar com os objectivos da Coligação que vai participar na campanha, tal como fez noutras. A RTP e a RDP ignoram na prática essa sua forma de intervenção política. Mas a omissão não apaga o acontecimento. As populações comparecem. Gostam de rever o Primeiro-Ministro do período mais criador da Revolução de Abril, de lhe escutar a palavra.

Por onde andamos o discurso e a atmosfera, marcados pelo realismo, nunca foram, porém, saudosistas. As intervenções diferiram, aliás, de freguesia para freguesia. O general manteve-se quase permanentemente no presente (olhando o futuro) quer na crítica à política do Governo, quer na desmontagem da engrenagem da mentira e da desinformação, quer ainda na análise para a desmistificação da **propaganda do sucesso** (falso) do cavaquismo.

As incursões pelo passado apareceram em dois planos, quando necessário, cruzando-se. Para opor o permanente ao efémero, o fundamental ao acessório, Vasco Gonçalves situou o 25 de Abril no movimento da história profunda em contraposição ao actual projecto da direita portuguesa, inseparável do circunstancial, da hipocrisia, de um feroz egoísmo de classe. A condena-

ção dos imaginários benefícios do ultraliberalismo (e do capitalismo como meta da história) implicou, paralelamente, a rejeição da validade científica das teses sobre o fim do socialismo e a morte do comunismo e, dialecticamente, a defesa da fidelidade a princípios e valores pelos quais — acentuou — os povos já se batiam muitos séculos antes das primeiras revoluções contemporâneas que reivindicaram a necessidade de uma ordem social que abolisse a exploração do homem pelo homem. Tudo isso foi transmitido em linguagem muito simples, didáctica. E a comunicação estabeleceu-se sempre, fácil, gerando por vezes a corrente da emoção nos que o ouviam.

A jornada principiou em Vila Verde de Ficalho, com a visita à povoação (os espanhóis, em compras de fim-de-semana, olhavam com espanto o cortejo de povo que seguia o general pelas ruas e vendas) e o almoço no qual a conversa funcionou como prólogo ao debate de problemas locais, nacionais e internacionais. Depois, prosseguiu, sob um calor de abrasar, em Vila Nova de São Bento e Vale de Vargo; e entrou pela noite dentro em Pias.

Os casos narrados e aqui não referidos, pois dariam para encher páginas, contribuíram para imprimir a cada sessão o espírito que a diferenciou das outras. Foram estórias individuais e colectivas, algumas pungentes, que vinham do público para o orador e deste para aquele. Estórias de reformados, de marinheiros e soldados que andaram por África, e também estórias de escândalos, de arrogância capitalista, de farisaísmo, de fome de poder e dinheiro.

Foi bonito viver em Pias aquele momento importante (que ficará na memória da vila) em que a assistência,

talvez umas oitocentas pessoas, escutou num grande silêncio o elogio da Reforma Agrária. O general justificou-a, fez a defesa dos seus princípios, do projecto humanista, dos resultados notáveis obtidos em situações de refluxo. Expressou-se sem lirismo, aludindo a erros inevitáveis no contexto, a situações que criaram por vezes choques entre companheiros da mesma batalha. E foi comovente ouvir aquilo, porque depois do silêncio veio a adesão, a resposta quente, emocionada e entusiástica da multidão quando o apelo à unidade dos trabalhadores findou com referências à herança indestrutível da Reforma Agrária na certeza de que as gerações futuras lhe darão continuidade.

*
*
*

Falou-se muito de Cuba. Sabia-se nas vilas e aldeias que o general acabara de chegar de Havana. Choveram perguntas que obtiveram respostas minuciosas. No final, aquela gente comentava o que ouvira quando o general desenvolveu o tema em torno de uma questão central por ele próprio colocado: por que motivo Cuba, mais próxima dos Estados Unidos do que Beja de Lisboa, ilha socialista vítima de um bloqueio cruel imposto pela mais poderosa potência do mundo, defende com tanto entusiasmo e tenacidade o socialismo enquanto este foi destruído em países da Europa que não o souberam conservar?

Que útil, para um melhor entendimento global do sentir das populações alentejanas, teria sido a transmissão televisiva desses diálogos em torno de Cuba, do socialismo e da coerência dos homens...

Emigrantes deixam de ser emigrantes?

■ Zillah Branco

A notícia é dada como uma vantagem conquistada pelo Governo para os emigrantes portugueses: a Europa está unida e as populações dos países membros da CEE podem circular livremente como se estivessem no seu país. Ninguém, portanto, é emigrante.

Não é verdade nem mentira. Não será verdade se pensarmos nas garantias de trabalho e de segurança social que o Estado é obrigado a prestar ao seu povo. Quem partir para outro país certo de que vai ser acolhido no mercado de trabalho protegido pelas leis laborais e que contará com a protecção à saúde que, mal ou bem, tem aqui, vai descobrir que está longe de casa e sozinho. Não será mentira se comprovarmos que, de facto, o português passa as fronteiras apenas com o bilhete de identidade sem ter que apresentar carta de trabalho, promessas institucionais do outro país. Convém analisar com calma, em profundidade, as consequências de tamanha liberdade.

Como se sabe, o número de emigrantes clandestinos é enorme. Já não saem, como antes do 25 de Abril, à noite, pela fronteira, correndo o risco de serem presos ou mortos. Hoje há múltiplas formas de clandestinidade às claras: saem como turistas, para visitar parentes que já estão lá fora, casam-se com estrangeiros, obtêm trabalho por um ou três meses, etc. Depois de conseguirem algum poiso no estrangeiro, com a ajuda dos emigrantes já instalados conseguem maneira de ficar.

Muitas notícias têm vindo a lume sobre esta mas-

sa de clandestinos que comem o pão que o diabo amassou para conseguir penetrar no mundo do trabalho dos países mais desenvolvidos. Recentemente o público português tomou conhecimento de que na construção da Disneylândia em França os trabalhadores de Portugal contratados por uma empresa intermediária, fantasma como é habitual, recebem 145 contos por mês para 260 horas de trabalho (esta é a promessa, porque o dinheiro só lhes será entregue quando voltarem). Estes tiveram a «liberdade» de trabalhar 65 horas semanais por um salário aparentemente bom... para os que conseguirem sobreviver. Com as conquistas de livre circulação, este mercado de trabalho estará ao alcance dos portugueses em geral. É verdade que está, é mentira que signifique uma vantagem.

Sistema legal de excepção

Hernando de Soto, no seu importante estudo sobre o trabalho informal no Peru, define como «sistema legal de excepção» essa prática que se expande pelo mundo para que os Estados aceitem, e usufruam dos benefícios, das iniciativas clandestinas dos trabalhadores para resolverem os problemas de subsistência. O fenómeno socioeconómico do trabalho informal, também chamado de clandestino ou subterrâneo, tem a mesma natureza da emigração clandes-

tina. Faz parte de um sistema legal de excepção que o Estado de direito «encaixa».

As razões para esta convivência entre o legal e o ilegal, que eufemisticamente podemos apelidar de excepção, para não ferir os brios jurídicos do Estado, prendem-se claramente a incapacidade institucional de oferecer soluções aos problemas de sobrevivência da população. Como não há mercado de trabalho suficiente, fecham os olhos às iniciativas individuais. É a decorrência natural do liberalismo, da teoria do Estado mínimo, do incentivo ao individualismo, do fomento ao «salve-se quem puder». E o contrário do caminho aberto com o 25 de Abril, quando o Estado impulsionou a produção e a gestão colectiva através da Reforma Agrária, das nacionalizações e das intervenções no sector económico com a participação dos trabalhadores.

Seria apressado neste pequeno texto estabelecer o vínculo entre essa ilegalidade autorizada com as práticas de actos marginais que conduzem ao crime. No entanto, vale a pena pensar na «bola de neve» criada quando a sociedade força os indivíduos a lutarem sozinhos pela sobrevivência, sem rei nem lei, ou sem Estado nem suporte legislativo. Não é casual que o herói moderno e um solitário que conta com a sorte e a esperteza. O sistema capitalista elimina a solidariedade que é a amálgama do colectivo, e assim nega os valores éticos que desde a Antiguidade fundamentaram os princípios de organização social.

Já à venda

Tudo sobre a Festa

- Transportes • Editorial •
- Abertura e horário da Festa •
- Pavilhão Central • Espaço de
- Filatelia do Militante e de diálogo com candidatos da CDU
- Pavilhão Central • Espaço
- da Inforfesta • Pavilhão Central •
- Espaço de Bienal e do Café da Amizade • Gastronomia •
- Comício • Fórum-debates •
- Juventude e Mulheres •
- Cidade Internacional • Desporto •
- Emigração • Deficientes •
- Pioneiros e Reformados •
- Cidade do Livro e do Disco •
- Palco Arraial •
- Avanteatro • Programa do Palco 25 de Abril,
- Auditório 1.º de Maio
- Avanteatro e Palco Arraial •
- Artistas estrangeiros •
- Artistas portugueses •
- Organizações nacionais

FESTA

PROGRAMA

XV FESTA
Avante!

Atalaia • Amora • Seixal 6, 7 e 8 Setembro 91

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Não acontece nada
em Portugal...

Os silêncios de agora
na brancura da cal.
Mas que grande chumbada!
Tantas coisas lá fora
e só em Portugal
não acontece nada...

Capital estrangeiro
chupa na teta
Tão bonito o dinheiro...
Corre a peseta, corre a peseta
é vê-la por aí a pavonear-se
à vontadinha vindimando, sem disfarce...

No silêncio de cal
mas que grande chumbada!
E só em Portugal
não acontece nada...

Laço de traficância nos afoga.
Entra mais droga, entra mais droga.
Coisa fina!
Tomem lá, tomem lá heroína
nas escolas, nos jardins, nos clubes vários
qualquer dia entra até nos infantários...

No silêncio de cal
mas que grande chumbada!
Só cá em Portugal
não acontece nada...

O Arlindo de Carvalho
o da Saúde e outras coisas mais
vai-se dando ao trabalho
de mudar os gestores nos hospitais.
Que razões, que motores
na dança da mudança?
Os gestores, claro, os gestores
são pessoas da sua confiança...

No silêncio de cal
mas que grande chumbada!
Só cá em Portugal
não acontece nada...

As juras e as promessas renovadas
as trocas e as manhas
e as escolas, coitadas,
lá andam às aranhas.
Burocracia do deserto
é o que o Ministério tem à mão.
Pra quem ensina, tudo é incerto.
Certo, certo, só a confusão...

A greve dos pilotos até já
fechou os portos. A CNA
diz que a coisa está má.
Para os trabalhadores sopram maus os ventos
despedimentos, só despedimentos,
aqui dez, ali cem, além trezentos.
E como os pequenos é que se abatem
os doentes renais não têm onde se tratem...

Os silêncios de agora.
Os sepulcros de cal.
Mas que grande chumbada!
Fala-se só do que se dá lá fora.
Porque, como se vê, em Portugal
não acontece nada...

■ IGNOTUS SUM

Incrível!

E o ministro
cavou

O órgão oficial do PSD narra o seguinte e mimoso evento ocorrido durante uma almoçarada do ministro Fernando Nogueira em Miranda do Corvo:

«No final do almoço Fernando Nogueira foi abordado por um agricultor que, de enxada numa mão e cavaquinho na outra, o desafiou, em tom de brincadeira, para trabalhar. Perante o olhar suspenso do agricultor, Fernando Nogueira pega na enxada e, com a mão esquerda, começa a cavar. «Já chega, sr. ministro, não se encha mais de pó», comenta, um pouco embaraçado, o agricultor acrescentando que ele próprio já estava «farto da enxada». O ministro da Defesa não hesitou: «Mas não está farto do cavaquinho, pois não?» O interessantíssimo episódio e o seu relato levantam diversas e pertinentes interrogações: Primeiro: o senhor ministro cava com a mão esquerda muito plausivelmente porque é canhoto. Mas porque é que o repórter acha o pormenor relevante? Conspiração? Mão da inconfidência do empréstimo? Segundo: que respondeu o agricultor ao sr. ministro?

Exorcismos

Num apaixonante arroubo de espírito científico, de modernidade, de cultura, «O Diabo» publica no seu último número um apaixonante dossier: «O que é o exorcismo?» Premonições?

Barbatanas de
Segurança
Pública

Da revista «Sábado»: «Um verdadeiro sucesso, a súbita aparição da família Cavaco Silva na cosmopolita praia dos Tomates, logo após o regresso da sua filha Patrícia da lua-de-mel no Quénia. Mas a grande atracção da família foram os gadgets utilizados por Maria Cavaco Silva para enfrentar o mar algarvio... Antes de entrar na água uma prestável agente da PSP forneceu-lhe uma

vistosa touca branca e umas imensas e pretas barbatanas. E lá foi a mulher do Primeiro-Ministro mar adentro, de costas, num grande estilo».

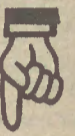
Podem?...

A «Olá» informa que «os anos de Mário Bairros foram mais uma vez festejados na barraca do Gigi» e que é «inesquecível o imenso chapéu branco de Pequenina Alpedrinha». Sob o título «quem pode...» esclarece que Rui Teixeira Santos anda pelos Algarves com um Mercedes com menos 200 cavalos que o Manuel Pinto Coelho e que Pedro Santana Lopes anda num Saab 9000. Acrescentando: «Convertível, também. Claro». Refere-se ao Saab. Supõe-se.

frases
da
Semana

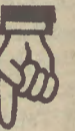
«O golpe de Estado foi inesperado para todos... pois nem sequer a CIA sabia de nada.»

☛ Guennadi Guerassimov, embaixador soviético em Portugal, em conferência de imprensa — Público, 23.08.91



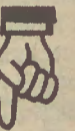
«(...) essa espécie de esvaziamento ideológico em que (o fim do comunismo) pós-modernamente nos precipita (...)»

☛ Eduardo Prado Coelho — Público, 26.08.91



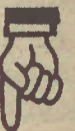
«Afastar-se do partido não é um vexame (...) nunca é tarde para aprender com a vida e ganhar maturidade.»

☛ Joaquim Vieira — Expresso, 24.08.91



«De qualquer modo, a questão que agora se põe, depois da extinção «de facto» do comunismo na União Soviética, não é apenas a demissão dos actuais dirigentes, mas, já, a própria existência do PCP.»

☛ Vicente Jorge Silva — Público, 27.08.91



«Aqueles que gostariam de nos ver enfraquecidos são os mesmos que gostariam que enfraquecesse a luta na defesa dos trabalhadores e a nossa intervenção na denúncia das prepotências, mas desenganam-se.»

☛ Carlos Carvalhas, Secretário-Geral Adjunto do PCP — Público, 26.08.91





Álvaro Cunhal em Coimbra, Guarda e Castelo Branco

Distrito de Coimbra

Sexta, 30

Granja de Ulmeiro/Soure - mini-comício junto à Estação da CP, às 18.00
Lavariz/Carapinheira - jantar com activistas da CDU de Montemor-o-Velho, às 19.30
Carritos/Figueira da Foz - sessão/debate no Salão do Grupo Musical Carrtense, às 21.30

Sábado, 31

Bobadela /O.Hospital - Almoço/convívio com apoiantes da CDU, no Clube Recreativo, às 13.00

Distrito da Guarda

Sábado, 31

Sela - encontro com a população no Parque Municipal (junto às Piscinas), às 16.00
Gouveia - Encontro com a população junto ao CT do PCP, às 18.15
Guarda - Jantar/convívio num restaurante da cidade - Sessão-festa, também com a participação dos Candidatos CDU do distrito, às 21.30

Distrito de Castelo Branco

Domingo, 1

Tortosendo - paragem na Praça da República, às 10.30
Cortes do Meio - visita às obras realizadas pela Junta de Freguesia CDU e mini-comício, às 11.00
Paúl - Almoço/convívio
Capinha/Fundão - encontro com a população, às 16.00
Alcalde - Encontro com a população, às 17.00
Castelo Branco - jantar convívio, às 19.30
Vila Velha de Ródão - Encontro com a população no Largo do Centro Desportivo, Recreativo e Cultural do Porto do Tejo, às 22.00

Entrevista
na Antena Um

O camarada Alvaro Cunhal é o convidado do programa «Encontro às 9» da RDP/Antena Um que será transmitido em directo no próximo dia 4 de Setembro, quarta-feira.

Agenda

LISBOA As reuniões desta semana:

Quinta, 29

* Brandoa
Plenário de
militantes - às
21.00, no Centro
de Reformados.

* Alhandra
Plenário da
Comissão
Concelhia de
Vila Franca de
Xira - às 21.30,
no CT de
Alhandra.

* Lisboa
Plenário de
militantes da
Zona Oriental -
às 21.00, no CT
Vitória.
Plenário das
organizações de
Benfica,
S. Domingos de
Benfica e
Carnide - às
21.30, no CT de
Benfica, com a
participação do
camarada Jorge
Cordeiro.
Plenário das
organizações de
Alvalade,
Campo Grande,
S. João de Brito,
S. João de Deus,
S. Sebastião,
Fátima - às
21.00, no CT
António Serpa
(nº26, 3º).

Sexta, 30

* Sintra
Plenário
concelhiode
militantes e
activistas da
CDU, com a
participação do
camarada
António Abreu -
às 21.30, no CT
do Algueirão.

* Pero Pinheiro
Plenário da
organização de
freguesia, com a
participação do
camarada
António
Cordeiro - às
21.30, no CT de
Fação.

* Lisboa
Plenário da
Direcção da
Cidade de
Lisboa - às
21.30, no CT
Vitória.

Sábado, 31

* S. Domingos
de Rana
Plenário de
militantes, com a
participação do
camarada José
Casanova - às
21.30, no CT de
Tires.

Segunda, 2

* Amadora
Plenário da
Comissão
Concelhia - às
21.30, no CT.

* Cascais
Plenário da
Comissão
Concelhia - às
21.00, no CT.

* Oeiras
Plenário da
Comissão
Concelhia - às
21.00, no CT.

Terça, 3

* Lisboa
Reunião de
militantes do
Sector de Saúde
de Lisboa, com a
participação do
camarada José
Casanova - às
21.30, no CT
Vitória

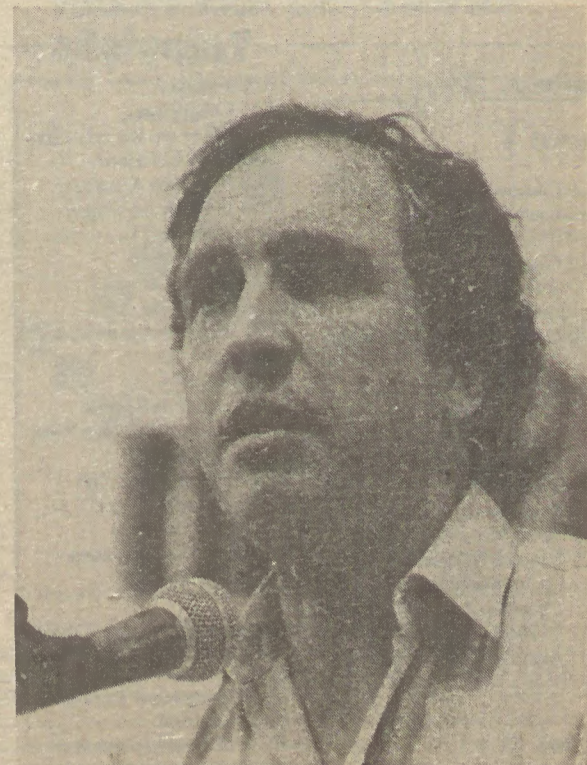
* Algueirão
Plenário de
militantes - no
CT, às 18.00.

* Queluz
Plenário de
militantes - no
CT, às 21.30.

* Cacém
Plenário de
militantes - no
CT, às 21.30.

* Paredes
Plenário de
militantes, com a
participação do
camarada
Romeu do
Rosário - às
21.00, no CT.

* Alcabideche
Plenário de
militantes, com a
participação do
camarada Carlos
Grilo - às 21.30,
no CT (R.
Marquês de
Angejas, nº6).



Sábado

Carlos Carvalhas no distrito de Portalegre

Elvas

Encontros com as populações de **Vila Boim** (Largo da Igreja-11.00) e **Terrugem** (Largo da Igreja-12.00) Encontro com a população de **Barbacena** (15.00), **S. Vicente** (16.00) e **Sta. Eulália** (17.00)
Jantar-convívio em **Elvas** (21.00)

Campo Maior

Encontro com a população de **Degolados** (junto à Junta de Freguesia-18.00)
Comício no Jardim de Campo Maior (18.45)

Colina da Graça

Reunião de militantes e amigos do PCP das freguesias da Sé, Graça, Sta. Engrácia, S. Vicente, S. Miguel e Sto. Estevão

Todas as 4^{as}. feiras
às 21.30
no CT da Graça



CDU Algueirão Vídeo gigante

Junto à Estação
dos CF

Domingo às 21.30

Televisão

Quinta, 29

Canal 1

09.00 Campeonato do Mundo de Atletismo
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Deixem-nos Viver
14.00 O Império de Carson
14.55 Brian Adams
15.55 A Vida Continua...
16.50 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.10 Desenhos Animados
20.20 Sassá Mutema
21.20 Eternos Novatos
21.50 Os Indiferentes
22.45 Crónicas do Sobrenatural
23.15 24 Horas
23.35 Remate
23.45 Mar a Mar

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 Campeonato do Mundo de Atletismo
13.35 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.45 A Natureza das Coisas
16.15 O Homem da Carabina
16.40 Recreio do 2
17.20 Campeonato do Mundo de Atletismo
18.00 Clip-Club
18.55 Direito de Amar
19.45 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Dramazine
22.00 Campeonato do Mundo de Atletismo
22.55 A Casa a Meio Caminho (ver «Filmes na TV»)

Sexta, 30

Canal 1

09.00 Campeonato do Mundo de Atletismo
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 À Descoberta do Mundo
14.00 O Império de Carson
14.50 Latoya Jackson
16.00 A Gruta dos Golfinhos
16.45 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.10 Desenhos Animados
20.20 Sassá Mutema
21.20 Namorada Aluga-se (ver «Filmes na TV»)
22.55 Cheers, Aquele Bar
23.25 24 Horas
23.45 Remate
24.00 A Grande Mentira

Canal 2

09.99 Campeonato do Mundo de Atletismo
12.00 Notícias
12.05 Universo Juvenil
12.30 Curso de Inglês
12.45 O Caminho das Estrelas II
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.45 O Século dos Cirurgiões
16.20 As Aventuras de Black Beauty
16.50 Recreio do 2
17.20 Campeonato do Mundo de Atletismo
18.00 Clip-Club
18.50 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Circo
20.00 Nunca Mais é Sábado
21.00 Jornal das Nove
21.30 Desejo
22.20 Rotações
23.20 Derrick
00.10 Roseanne
00.40 Especial Desporto

Sábado, 31

Canal 1

09.00 À Mão de Semear
09.25 Canal Jovem

13.00 Notícias
13.15 Cover Story
13.40 Febre em Beverly Hills
14.40 Jerry Lee Lewis
15.40 Desenhos Animados
15.50 Vontade de Vencer (ver «Filmes na TV»)
17.10 T & T
17.35 Memórias da Humanidade
17.35 Os Mistérios do Padre Dowling
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.30 Amor à Primeira Vista
22.00 Casa Cheia
22.35 O Homem do Ritz
23.35 O Conflito Final (ver «Filmes na TV»)
01.20 Final da Maratona Masculina Tokio 91

Canal 2

09.00 Circo
10.00 Manhattan Transfer no Casino Estoril
10.55 Os Segredos do Mar
11.50 Mozart em Digressão
12.45 Agarra o 2
14.00 Lobos do Mar (ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.00 Ry Cooder
00.15 Tom Waits
01.45 O Tempo

Domingo, 1

Canal 1

09.00 Canal Jovem
11.30 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Os Jovens Cowboys
14.00 National Geographic
14.50 Mapa Cor de Rock
16.00 Passos Silenciosos (ver «Filmes na TV»)
17.50 Mistura Fina
18.55 McGyver
20.00 Jornal de Domingo
21.00 Kananga do Japão
22.35 Domingo Desportivo
24.00 Viagem ao Maravilhoso

Canal 2

09.00 Campeonato do Mundo de Atletismo
09.30 Novos Horizontes
10.30 Regiões Magazine
11.30 Agarra o 2
13.00 Troféu
18.00 Circo
18.30 Vida Nova
19.20 Bastidores da Casa Branca
20.10 Luz na Sombra
21.00 Nós 2
22.00 Artes e Letras - A História de Magnum (III)
22.50 O Homem da Maratona (ver «Filmes na TV»)
00.55 Tauromaquia

Segunda, 2

Canal 1

09.00 O Mar e a Terra
09.30 Rua Sésamo
10.00 Globo Ciência
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.00 Notícias
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 O Corpo Humano
14.00 O Império de Carson
14.55 Rock in Rio (I)
16.05 A Gruta dos Golfinhos
16.40 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.25 Sassá Mutema
21.20 Jogos Sem Fronteiras
22.45 Prala da China
23.30 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.30 Curso de Inglês
12.45 Bobby McFerrin
13.40 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!

15.50 Expedição
16.10 Recreio do 2
17.50 Clip Club
18.40 Direito de Amar
19.40 Via Rápida
19.50 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Informação Especial
22.30 Bailado - Alvin Aley

Terça, 3

Canal 1

09.00 O Mar e a Terra
09.35 Rua Sésamo
10.00 Notícias
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.10 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Guerra em Tempo de Paz
14.00 O Império de Carson
14.55 Rock in Rio (II)
16.00 A Gruta dos Golfinhos
17.00 O As da Polícia
17.30 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.20 Sassá Mutema
21.20 A Lei das Ruas
22.15 Primeira Página
23.30 Polícias à Parte
23.45 24 Horas
00.05 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 Os Novos Caça-Fantasmas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
16.00 Férias Aquáticas
16.40 Recreio do 2
17.20 Tribunal de Juri
18.00 Clip Club
18.55 Direito de Amar
19.45 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Cinemazine
22.00 A Apalxonada (ver «Filmes na TV»)
00.00 Arsenio Hall

Quarta, 4

Canal 1

09.00 O Mar e a Terra
09.35 Rua Sésamo
10.00 Viagem Sem Data
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.05 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.10 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 O Corpo Humano
14.00 O Império de Carson
14.55 Rock in Rio (III)
16.00 A Gruta dos Golfinhos
17.00 O As da Polícia
17.25 Brinca Brincando
18.45 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.20 Sassá Mutema
21.30 Vamos Jogar no Totobola
21.45 Setembro (ver «Filmes na TV»)
22.55 24 Horas
23.15 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.10 2020 - Polícia em Acção
12.25 Curso de Inglês
12.40 Guarda Florestal
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.50 Madeira - Cá entre nós
16.55 Recreio do 2
17.20 Mulheres no Mundo
18.00 Clip-Club
18.55 Direito de Amar
19.45 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Futebol - Portugal - Áustria
23.20 Pop-Off

Filmes na TV



Lobos do Mar

A Casa a Meio Caminho «The Half Way House» (GBR/1944). Realização de Basil Dearden, interpretação de Françoise Rosay, Tom Walls, Mervyn Johns, Glynis Johns. P/B, 95 minutos.

Uma estalagem que já não existe e as duas criaturas que a dirigiam e estão também no «outro mundo», revivem para acolher um grupo heterogéneo de pessoas atormentadas por problemas dos mais diversos. Um maestro, um oficial do exército, um traficante do mercado negro, um capitão da marinha e a sua mulher, um casal que já não se consegue entender e um outro que está prestes a casar... Nesse mundo mágico se vão reencontrar, todos, com o mundo e consigo próprios e assim regressam à vida real apaziguados e fortalecidos. Adaptada de uma peça teatral, esta evidente metáfora, de tons surrealistas, é parte da apreciável galeria de filmes britânicos dessa época - uma época devastada pela guerra e pelas crises morais que engendra - dirigidos ao fortalecimento moral de cada indivíduo e da sociedade. Da época tem também as marcas da qualidade alcançada então pela generalidade da produção cinematográfica inglesa, marcada aqui na realização e no trabalho dos actores, que são aliás dos maiores de Inglaterra, nesses anos 40.

Quinta, 22.55, Canal 2

Namorada Aluga-se

«Can't Buy Me Love» (EUA/1987). Realização de Steve Rash, interpretação de Patrick Dempsey, Amanda Peterson, Courtney Gains. Cor, 90 minutos.

Por este é que será bom não apostar nem meio tostão... A história de um estudante marrão mas sem saída entre as raparigas que resolve «comprar» uma namorada bonita com um vestido caro para fazer vista na Universidade, está-se mesmo a ver que é igual a milhentos outros entretens que saem dos estúdios só para intervalar com os verdadeiros filmes.

Sexta, 21.20, Canal 1

Lobos do Mar

«Captains Courageous» (EUA/1937). Realização de Victor Fleming. Interpretação de Freddie Bartholomew, Spencer Tracy, Lionel Barrymore, Melvyn Douglas, Mickey Rooney, John Carradine. P/B, 112 minutos.

«Lobos do Mar», pelo contrário, é um filme - um dos grandes filmes americanos da década de 30, realizado por Victor Fleming em 1937 a partir da adaptação de um romance de Kipling, com uma fotografia deslumbrante de Harold Rosson e

um elenco de ouro: de Spencer Tracy (que aliás teve aqui o seu primeiro Oscar) a John Carradine e Lionel Barrymore, esses dois patriarcas do cinema americano, e a dois miúdos que ficaram na história do cinema: Mickey Rooney, já então veterano e prestes a ser Andy Hardy em dezenas de filmes, e Freddie Bartholomew, o «pequeno lord» do filme de John Cromwell. De todos estes talentos se fez este belo e emocionante filme sobre a amizade e a solidariedade, a dedicação e a coragem, passado a bordo de um bacalhoeiro que um dia recolhe no mar, em resultado de um acidente num navio que efectuava um cruzeiro, um menino rico e mimado.

Arrogante e habituado a ver cumpridos todos os seus desejos, o garoto ordena ao capitão que o conduza imediatamente a bom porto, mas ninguém lhe presta grande atenção. Ele vai assim ser obrigado a viver a bordo do pesqueiro durante três meses, comendo, dormindo e trabalhando a bordo como qualquer outro pescador. Vai aprender a conhecer e a respeitar o mar e os pescadores e torna-se mesmo grande amigo de um deles, Manuel, um pescador português (Spencer Tracy), cuja morte accidental o fará também conhecer pela primeira vez a dor. E como é de esperar de uma história de Kipling, no fim da viagem a sua vida adquiriu um novo sentido. É uma pequena jóia cheia de brilho, este filme, apesar dos seus 50 anos...

Sábado, 14.00, Canal 2

Vontade de Vencer «Footsteps» (telefilme, EUA/1972). Realização de Paul Wendkos. Interpretação de Richard Crenna, Joana Pette, Forest Tucker, James

Tempo

Para o fim-de-semana o INMG prevê céu pouco nublado ou limpo, sem precipitação.



CINEMA

Woods, Robert Carradine. Cor, 72 minutos.

A dureza nos meios do futebol americano ilustrada numa história conduzida com eficácia por Paul Wendkos e interpretada por Richard Creena, um actor experiente, e alguns jovens, entre os quais James Woods, hoje consagrado.

Sábado, 15.50, Canal 1

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A La Dolce Vita	—	—	—	★★★★
B Na Lista Negra	—	★★★	—	★★★
C Robin Hood	—	—	—	★★
D Texasville	—	★★★★	—	★★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

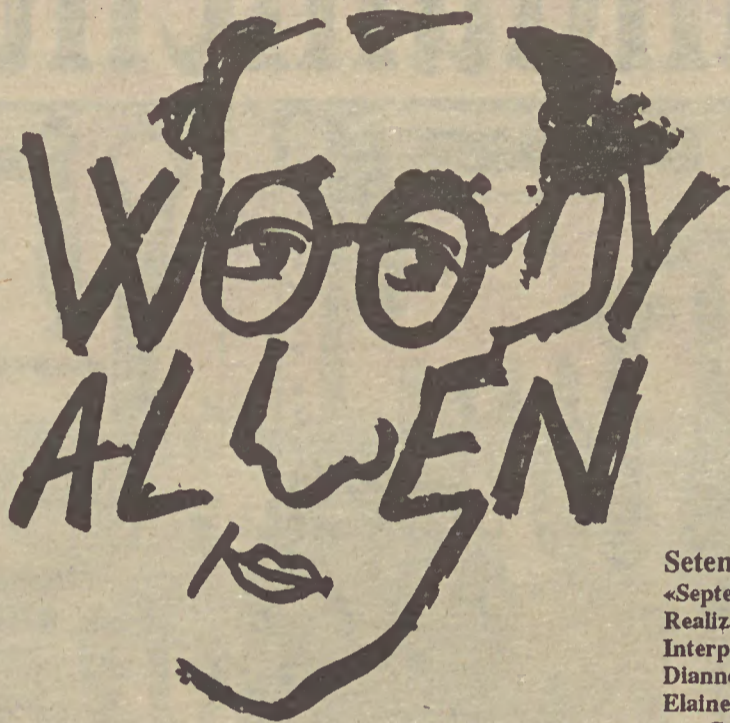
- A — Real. Frederico Fellini — King Triplex/1 (15.00, 21.30) — Lisboa.
- B — Real. Irwin Winkler — King Triplex/2 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- C — Real. Kevin Reynolds — Alfa/1 (13.45, 16.30, 19.00, 21.45, 00.30). Amoreiras/1 (13.45, 16.30, 19.00, 21.30, 00.30). Fonte Nova/2 (14.15, 17.15, 21.15). Mundial (13.45, 16.30, 19.00, 21.30). Quarteto/4 (14.15, 17.00, 20.00, 22.10). S. Jorge/1 (15.15, 18.15, 21.15) — Lisboa.
- D — Real. Peter Bogdanovich — Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.

O Conflito Final
«The Final Conflict» (EUA/1981). Realização de Graham Baker. Interpretação de Sam Neill, Rossano Brazzi, Don Gordon, Lisa Harrow. Cor, 105 minutos.

Lembram-se de «Damien», o anti-Cristo, primeiro um rapazinho, mais tarde um adolescente «demoníaco»? Pois está de volta! Já usa fato e gravata e prepara-se para impedir o segundo nascimento do Filho de Deus, que desta vez nascerá em Inglaterra. Neste terceiro filme da série iniciada com «O Génio do Mal» as atrocidades continuam, mas a julgar pelo título têm finalmente fim, e espera-se que a favor dos bons.

Não vale ver - nem mesmo para tirar dúvidas... Toda a série é um disparate pegado.

Sábado, 23.35, Canal 1



Passos Silenciosos
«Gumshoe» (GBR/1971). Realização de Stephen Frears. Interpretação de Albert Finney, Billie Whitelaw, Frank Finlay, Janice Rule. Cor, 82 minutos.

Eddie Ginley sempre sonhou ser Dashiell Hammett, mas não passa de um animador medíocre de um clube de Liverpool. Por graça começa a publicar um anúncio que assina como Sam Spade, detective privado. Pois não é que um dia é contactado por um desconhecido, que lhe faz chegar uma importante soma para que faça desaparecer a filha de um militar anti-racista? Sem querer Eddie vê-se envolvido numa série de acontecimentos ligados à política sul-africana, à droga e ao tráfico de armas...

Actualmente este tipo de referências é muitas vezes ponto de partida da intriga em filmes e sobretudo em séries para a televisão; é, enfim, mais um esquema. Não é o caso de «Passos Silenciosos», homenagem inteligente e cheia de imaginação aos filmes negros dos anos 40, pontuada, é certo, de citações dos filmes de Huston e Hawks ou das personagens de Bogart, mas nem por isso menos original. Stephen Frears revelou-se nele um dos mais talentosos realizadores britânicos dos anos 70/80 - em primeiro lugar pelo seu próprio trabalho mas também pela escolha criteriosa que faz dos seus colaboradores. Neste filme é notório o talento do argumentista Neville Smith, a quem se

deverá decisivamente, além do mais, uma das originalidades do filme: o humor tão britânico que envolve esta história de contornos supostamente americanos. Mas lá estão ainda: para a música, Andrew Lloyd Weber, para a fotografia, Chris Menges, para vestir a pele de Eddie, Albert Finney...

«Passos Silenciosos» é uma excelente oportunidade de aprofundar a relação com Frears, que muitos de nós apenas conhecemos de «Relações Perigosas», o seu filme mais recentemente estreado.

Domingo, 16.00, Canal 1

O Homem da Maratona
«Marathon Man» (EUA/1976). Realização de John Schlesinger. Interpretação de Dustin Hoffman, Laurence Olivier, Roy Scheider, William Devane, Marthe Keller. Cor, 121 minutos.

«O Homem da Maratona» é um dos mais originais thrillers dos anos 70, realizado por John Schlesinger, um notável cineasta britânico que fez carreira na América do Norte, e escrito por William Goldman, tam-

bém argumentista de «Os Homens do Presidente». Clássico do suspense entretido em referências políticas, com Babe, o «homem da Maratona», penetramos nos universos do maccartismo, do nazismo e do que de mais obscuro a América montou em nome da segurança. A história é a de um estudante marcado pelo suicídio do pai, vítima da «caça às bruxas», que vai conhecer a tortura (o filme contém uma das cenas de tortura mais arripantes do cinema), o sofrimento e a desumanidade do nazismo na América dos anos 70 ao cair nas mãos de um nazi, criminoso de guerra, que o julga sabedor do paradeiro de uns diamantes. O filme foi por alturas da estreia um grande êxito que contribuiu para cimentar a popularidade de Dustin Hoffman, embora a crítica tenha destacado sobretudo o trabalho de Laurence Olivier, fabuloso no papel de nazi.

Domingo, 22.50, Canal 2

A Apaixonada
«L'Amoureuse» (França/1978). Realização de Jacques Doillon. Interpretação de Marianne Cuauil, Catherine Bidaut, Dominic Gould. Cor, 90 minutos.

Este filme foi inicialmente produzido para televisão, embora tenha alcançado o circuito comercial e nomeadamente em Portugal. Com alguma sabor a Erich Rohmer, embora mais amargo, com fugazes incursões no humor e em situações de comédia, Doillon filma com sensibilidade e um romantismo irónico esta história de um grupo de raparigas adolescentes à descoberta dos jogos do amor, com as suas angústias, decepções, medos, culpas, desejos e sonhos. O filme evidencia um excelente trabalho de direcção de actores - no caso atrizes, todas jovens e desconhecidas estudantes de teatro.

Terça, 22.00, Canal 2

Setembro
«September» (EUA/1987). Realização de Woody Allen. Interpretação de Denholm, Dianne Wiest, Mia Farrow, Elaine Stritch, Sam Waterston. Cor, 80 minutos.

«Setembro» é considerado um dos filmes mais sérios, mais densos e mais intimistas de Woody Allen, que nele não participa como actor. Inspirando-se ao que consta no escândalo que agitou Hollywood em 1958 quando a filha de Lana Turner matou o amante de sua mãe, o filme «teatraliza» explicitamente uma única situação - a reunião de várias pessoas numa casa de campo que se vai transformar num palco da comédia humana, onde um punhado de personagens, descritas e compostas com o rigor (e o amor) habituais em Woody Allen se vão envolver numa teia de equívocos, desencontros, acusações e inesperadas revelações. Um fabuloso elenco, superiormente dirigido, evidencia mais uma vez uma das constantes do seu trabalho: a maneira única como sabe entender, recortar e dar corpo e espírito, e fazer-nos amar as suas personagens femininas.

Quarta, 21.35, Canal

TEATRO

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7. Tel. 878225. De 4ª a sáb. às 21.30. MANDRAKE, espectáculo coordenado por Fernando Gomes, pelos alunos da Escola do Chapitô.

MÃE D'ÁGUA
Esplanada da Mãe d'Água, Jardim das Amoreiras. O TAVERTER, de Gildas Bourdet, interpretação de Paulo Matos, Vitor Emanuel, Paula Guedes, Teresa Roby.

TEATRO ABERTO
Pç. de Espanha. Tel. 7970969. De 4ª a sáb. às 21, dom. às 16. A RAPARIGA DE VARSÓVIA, de Mário de Carvalho, encenação de Fernanda Lapa, produção do Novo Grupo.

TEATRO DO SÉCULO
Rua do Século, 41. Tel. 3428278. De 3ª a sáb. às 22, dom. às 18. POR TUDO E POR NADA, de Nathalie Sarraute, encenação Diogo Dória, interpretação Diogo Dória e Carlos Gomes, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															

Horizontais 1-Lavram; pano grosseiro de lã; campo; 2-Ave fabulosa que ressuscita das cinzas; duodécima parte do ano; enganar-se; 3-sacrificar matando; em rima; 4-reparo; escolhe; semelhante; 5-prep.; aplanava; repetição de voz; 6-abandonado; irritado; art.; 7-filósofo que recebeu ordem para abrir as veias; relativo a ovide; 8-ditador romano rival de Mário; renques; 9-porco (inv.); acalmaras; está sem pontas; 10-preceito escrito; desprezível; partícula escocesa; observar; 11-idolatrado; deslocara; 12-sustar; una; locais de debulha dos cereais; 13-aprecie; proclamas; membro das aves.

Verticais 1-Apuras; gole; 2-distantes; receiam; 3-comente; estás; barco de recreio; 4-ilha grega do Arquipelago; erva doce; nota mus.; 5-sobrano persa; levantar; 6-cofre de relíquias; 7-art.; instrumento musical de cordas; ant. art.; outra coisa; 8-arrepêndida; pref. neg.; fruto da azeitona; 9-estás; grupo se animais criado no campo para trabalho; Amerício (simb.); prep.; 10-anularam; 11-ditongo oral; deduções; 12-equipa; frutos; 6 romanos; 13-ortografe; art.; verdadeira; 14-essencial; estarás; 15-lavramos; retarda.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

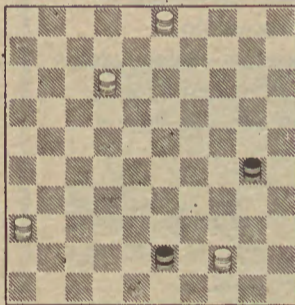
Horizontais 1-Calar; Tua; orada; 2-aparato rútilos; 3-ré; ter; não; li; 4-Mac; refúgio; sal; 5-iras; Maria; cara; 6-Pilatos; 7-orou; ovel; 8-Madonnas; 9-maçã; coros; casa; 10-ara; morosas; som; 11-ré; vil; dor; 12-ratonas; coladas; 13-alisa; ásaro.

Verticais 1-Carmim; amarra; 2-apear; areal; 3-lã; carroça; ti; 4-art.; vós; 5-raer; pum; mina; 6-tremi; acolá; 7-tô; falador; se; 8-pura; ouro; 9-ar; gitanos; Ca.; 10-união; asado; 11-Otão; sóis; sola; 12-rio Rás; 13-Al.; sabidas; dá; 14-dolar; solar; 15-asilas; famoso.s8

DAMAS

CCCXIX - 29 de Agosto 1991
Proposição nº 319
Por: J. Viergever
Eindspel-Kompostities, 1973

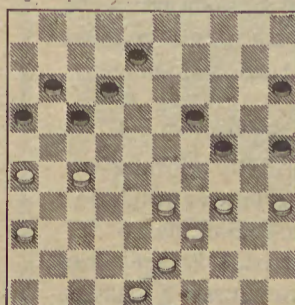
Pr.: [2]: (30)-(43)
Br.: [4]: (3)-(12)-(36)-(44)



Branças jogam e ganham (8T)

Golpe nº 319
Por: Roger Masson
Championnat de Paris, 1949
L'Effort Nº 4, Jan.Fev/1949

Pr.: [9]: 8-11-12-15-16-17-19-24-25
Br.: [9]: 26-27-33-34-35-36-39-43-48



Branças jogam e ganham

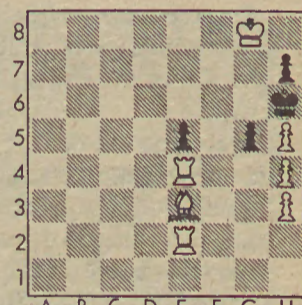
Soluções do nº CCCXIX
Nº 319 (J.V.): 1. 44-49, (43-39); 2. 12-34+
1. (43-16); 2. 3-8 e 3. 12-7 e 4. 36-27+
1. (43-48); 2. 49-35, (30-25) A; 3. 36-22; Se: 3. (48-42 ou em falso); 4. 35-30 e + Se: 3. (48-26); 4. 22-9 e 5. 3x26 e 6. 35-8 e + Se: 3. (25-43); 4. 22-31+
A. 2. (30-2); 3. 22-13 e 4. 35x13, (48-25) [(48-26)]; 5. 13-2+outra: 5. 13-22 ou 27 ou 31+; 5. 12-23 e +
Golpe Nº 319 (R.M.): 1. 26-21 e 2. 36-31 e 3. 48-42 e 4. 33-29 e 5. 27-21 e 6. 35x2=D e +

A. de M.M.

XADREZ

CCCXIX - 29 de Agosto de 1991
Proposição nº 319/A
Por: André Chéron
Skakbladet, IX/1931

Pr.: [4]: Ps. 65, g5, h7-Rh6
Br.: [7]: Ps.h3, h4,h5-B63-Ts62, 64-Rg8

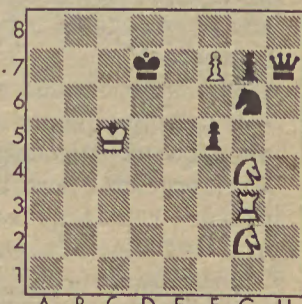


Mate em 3 lances

Proposição nº 319/B

Por: Aleksei Alerksievik
Pravda, 1926

Pr.: [5]: Ps. f5, g7-Cg6-Dh7-Rd7
Br.: [5]: Pf7-Cs, g2, g4-Tg3-Rc5



Branças jogam e ganham

Solução do nº CCCXIX

Nº 319/A (A.Ch.): 1. Th2!, Rh5; 2. Rh7, g4; 3. h:g4+
2. g:h4; 3. T:e5+
Nº 319/B (A.A.T.): 1. C65+, R66; 2. T:g6+R:e6; 3. f8=C1, Dg8; 4. Cd7+, R64; 5. Cf6+ e g.
1. R67 ou outra; 2. T:g6!, Dh1; 3. C63, Dc1+; 4. C63c4, Dc2; 5. Td6 e g.

A. de M.M.



Dustin Hoffman

ÚLTIMAS

a talhe de FOICE

15 milhões

Sob o título, deveras peculiar e de definitiva inexactidão histórica, de que «Os ricos não gostam de ditaduras», o jornal privado «Kommersant», que se publica em Moscovo, fornece - segundo crónica de João Carlos Barradas, da LUSA - informações de inegável interesse.

Fica-se a saber que o Congresso dos Círculos Empresariais da Rússia, a versão local da CIP, colocou durante a crise da passada semana no parlamento russo, onde se encontrava Boris Ieltsin, «cerca de 300 profissionais de segurança para defesa do edifício».

Fica-se, pois, a saber que já há banqueiros russos, que os banqueiros russos já têm seguranças, que estas intervêm na política, para o que presumivelmente disporão dos artefactos e aprestos necessários à tarefa. Pistolas, metralhadoras, cacetes, essas coisas.

Diz também o «Kommersant» que numerosas empresas e, nomeadamente, filiais de empresas estrangeiras, puseram «à disposição do presidente Ieltsin as suas linhas particulares de telefone, telex e fax, tendo igualmente impresso e distribuído proclamações do Governo russo».

O Banco Comércio e Inovação de Moscovo - privado, já se vê - «colocou à disposição do Governo da Rússia mais de dez milhões de rublos durante o golpe», enquanto a União Inter-regional de Corretores e Bolsas, a Associação de Bancos Comerciais e a União dos Arrendatários e Empresários da URSS ofereceram, para o mesmo fim, milhão e meio de rublos.

O presidente da referida Associação, Serguei Ogorov, fez para o «Kommersant», o balanço financeiro da operação, concluindo que o conjunto dos apoios desta área se cifrou em cerca de 15 milhões de rublos.

Um peculiaríssimo apoio logístico proveio de duas multinacionais: sempre segundo o «Kommersant», as filiais moscovitas das cadeias McDonald's e Pizza Hut distribuíram gratuitamente *hamburgers* e *pizzas* durante a crise.

Segundo o prof. Cavaco Silva tem laboriosamente tentado leccionar ao povo português, a base de toda a economia é o lucro e a grande vantagem do **empresário**, do **investidor** sobre outro qualquer agente económico, é que, desejando ele ardentemente o lucro, fura para o conseguir - e consegue-o. Nomeadamente com as ajudas que a Cavaco Silva tem dado.

Ou seja, os empresários não dão ponto sem nó. Investem - para lucrar.

Alguns ingénuos perguntarão que pensam poder lucrar os investidores soviéticos, para assim terem aberto os cordões à bolsa. Quinze milhões não são amendoins, como se diz em linguagem empresarial.

Continuando, contudo, a consultar o «Kommersant», poder-se-ão obter informações outras que talvez ajudem a esclarecer a questão. Ainda segundo o relato de João Barradas, o periódico entende que a acção de Ieltsin resultou num «autêntico golpe anticomunista» e acha que Gorbachov se viu obrigado «a seguir de uma forma submissa a política de Ieltsin, o único e verdadeiro líder da URSS».

A súmula parece poder encontrar-se no título da primeira página: «A *perestroika* acabou, graças a Deus». Concluindo o «Kommersant»: «a *perestroika* acabou para começar uma era política sem idiotas».

Ou seja: segundo tudo indica, os banqueiros russos investiram quinze milhões no fim da *perestroika*.

É claro.

RC

XV FESTA A jornada de trabalho do próximo fim-de-semana é fundamental!



Todos à Atalaia! Todos ao trabalho!

*Este fim-de-semana é de trabalho:
o próximo será de Festa!*